



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Fabiano Batista Rodrigues

**Práticas educativas dos Franciscanos no Sul do Brasil (1891-1965): memória,  
experiência e narração**

Florianópolis  
2024

Fabiano Batista Rodrigues

**Práticas educativas dos Franciscanos no Sul do Brasil (1891-1965): memória,  
experiência e narração**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito parcial para a obtenção do  
título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Clarícia Otto

Florianópolis

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rodrigues, Fabiano Batista

Práticas educativas dos Franciscanos no Sul do Brasil  
(1891-1965) : memória, experiência e narração / Fabiano  
Batista Rodrigues ; orientadora, Clarícia Otto, 2024.  
151 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-  
Graduação em Educação, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Ordem dos Frades Menores. 3. prática  
escriturística. 4. educação. 5. cotidiano. I. Otto,  
Clarícia. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Fabiano Batista Rodrigues

**Práticas educativas dos Franciscanos no Sul do Brasil (1891-1965): memória,  
experiência e narração**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 01 de março de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Frank Antonio Mezzono, Dr.  
Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Prof. Gilberto da Silva, Dr.  
Instituto Teológico Franciscano (ITF- Petrópolis- RJ)

Prof.(a) Lisley Canola Treis Teixeira, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina (CA/CED/UFSC)

Prof.(a) Maria de Fátima Guimarães, Dra.  
Universidade São Francisco (USF)

Prof.(a) Joana Vieira Borges, Dra., (Suplente)  
Universidade Federal de Santa Catarina (MEN/CED/UFSC)

Prof.(a) Karina de Araújo Dias, Dra., (Suplente)  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM/AM)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Educação.

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Profa. Clarícia Otto, Dra.  
Orientadora

Florianópolis, 2024.

Dedico este trabalho a maior narradora que conheci, minha avó materna Maria Clarimunda de Jesus e a meus pais, Milton Rodrigues de Sousa (*in memoriam*) e Geny Duarte Filha Rodrigues, por terem me concedido o dom precioso da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida, por colocar em meu caminho Francisco de Assis e por meio dele, dezenas de franciscanos que moldaram minha maneira de ser, pensar e estar no mundo.

À minha família, pelo incentivo e apoio durante o período em que me dediquei à pesquisa, especialmente à minha mãe, Geny Duarte Filha Rodrigues, pelo amor incondicional e pela cumplicidade em todos os momentos da minha vida.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup>. Dra. Claricia Otto, a quem tenho uma gratidão imensa e muita admiração, por desempenhar tal função com dedicação e amizade, acreditando em mim, mesmo conhecendo minhas limitações.

A todos os membros da banca examinadora, Dr. Frank Antônio Mezzono, Dra. Lislely Canola Treis Teixeira e Dra. Maria de Fátima Guimarães, agradeço a disponibilidade, a leitura e as contribuições que deram para a qualificação do texto.

Agradeço também ao Dr. Gilberto da Silva, à Dra. Joana Vieira Borges e à Dra. Karina de Araújo Dias pelo aceite em fazer parte da minha banca de defesa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC) e ao grupo de pesquisa Patrimônio, Memória, Educação (PAMEDUC) por contribuir com minha formação durante os anos em que realizei o mestrado e o doutorado. Sinto-me privilegiado e grato pela formação recebida nessa instituição, composta por professores extremamente competentes e dedicados.

A todos os colegas da Pós-Graduação que compartilharam comigo as alegrias e os desafios da pesquisa, especialmente a minha amiga Raquel de Melo Giacomini.

À minha querida amiga e colega de turma no doutorado, Lara Duarte Souto-Maior, pelo companheirismo e trocas de experiências tanto na pesquisa quanto na vida pessoal.

Aos frades com os quais conversei sobre a pesquisa e aos que abriram as portas dos conventos e arquivos para que eu pudesse realizar minha “operação de caça” às fontes.

À Elisabete Barbero, arquivista da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil pela colaboração e paciência na busca das fotografias e necrológicos.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de uma bolsa de doutorado pelo período de três anos.

Enfim, agradeço a todos os envolvidos diretamente ou indiretamente nesta pesquisa, aos que me incentivaram e, sem dúvida, tiveram um impacto significativo na minha formação pessoal e acadêmica.

“O narrador figura entre os mestres e sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio.”  
(Benjamin, 2012, p. 240).

## RESUMO

Esta pesquisa toma como objeto de estudo as práticas dos franciscanos da Ordem dos Frades Menores (OFM), no cotidiano dos conventos, na vida apostólica e na educação em escolas, colégios e seminários. Objetiva compreender como os frades transformam a vivência em experiência e se tornam narradores – pela escrita e pela oralidade. Nesse sentido, também constroem uma ordem social (Berger). Os principais aportes teóricos estão centrados em Walter Benjamin, Michel de Certeau e Maurice Halbwachs. À luz de Benjamin, são mobilizados os conceitos de memória, de experiência e de narração; de Certeau, os conceitos de prática escriturística, de estratégias e táticas; de Halbwachs, o conceito de memória coletiva. O recorte temporal compreende o período entre 1891 e 1965, abrangendo o Sul do Brasil. As fontes foram produzidas pelos próprios frades; e nesta pesquisa foram selecionadas de diferentes veículos de comunicação da OFM: Revista Vida Franciscana; Coleção Centenário; fotografias e obras escritas por diversos frades. Os franciscanos, movidos pelo desejo de constituição da memória e transmissão dos seus ideais, registravam constantemente as ações de seu cotidiano, práticas escriturísticas que exigiam uma constante reelaboração do vivido. Essas práticas, como geradoras da experiência, propiciavam a arte da comunicação, isto é, da narração. Desse modo, a história do franciscanismo é construída ao passar pela reflexão e pela narração dos próprios frades. A memória individual de cada frade retrata o franciscanismo, ou seja, a memória coletiva. Na tomada de consciência sobre as suas vivências, os frades inventam, contam, narram histórias e deixam algo para a posteridade, além de sua existência. Assim, contribuem para a continuidade da OFM ao longo dos tempos, pela constante transmissão das memórias do passado, reavivadas em cada nova realidade de atuação.

**Palavras-chave:** Ordem dos Frades Menores; prática escriturística; educação; cotidiano; experiência; fotografia.

## ABSTRACT

This research takes as study object the practices of the franciscans from the Order of Friars Minor (OFM), in the convent's daily routines, in the apostolic life and in the education in schools, private schools and seminars. It aims to comprehend how the friars transform their way of living in experience and become narrators – by script and by orality. In that regard, they also build a social order (Berger). The main theoretical support is centered on Walter Benjamin, Michel de Certeau and Maurice Halbwachs. In the light of Benjamin, it is mobilized concepts of memory, of experience and of narrative; from Certeau, the concepts of scriptural practices, of strategies and tactics; from Halbwachs, the concept of common memory. The temporal term covers the period between 1891 and 1965, focusing the South of Brazil. The sources were produced by the friars themselves; and in this research they were selected from different means of communication of the OFM: Revista Vida Franciscana; Coleção Centenário; photographs and pieces written by different friars. The franciscans, moved by the desire of memory constitution and transmission of their aspirations, registered constantly the actions of their daily life, scriptural practices that demanded constantly re-elaboration of the things lived. These practices, as generators of experiences, provided the art of communication, that is, the art of narration. Thus, the franciscan history is built through reflection and through the narration of the friars themselves. The individual memory of each friar portrays the franciscanism, in other words, it portrays the common memory. Based on the awareness about their own experiences, the friars invent, tell, narrate stories to leave something for posterity, beyond their existence. So, they contribute to the continuity of the OFM over time through the constant transmission of the memories, revised by each new reality of acting.

**Keywords:** Order of Friars Minor; scriptural practice; education; daily life; experience; photograph.

## GLOSSÁRIO

**Capítulo-** reunião dos religiosos para deliberações sobre a vida em comum. O capítulo conventual, normalmente ocorre mensalmente e participam da reunião os frades que moram no mesmo convento. O capítulo provincial, ocorre a cada três anos com discussões e decisões sobre a vida cotidiana dos frades. Também são nos capítulos provinciais que são eleitos aqueles que irão compor o governo de uma província. O capítulo geral, ocorre a cada seis anos, no qual elegem o superior geral dos franciscanos que recebe o nome de Ministro Geral e o os demais membros do governo da Ordem.

**Carisma Franciscano-** a palavra Carisma tem sua origem no grego e no latim. No grego: Khárisma, que significa atos, graça, favor; no latim: Charísma, que significa dom da natureza, graça divina. Carisma é aquilo que atrai, identifica, fascina. Carisma Franciscano são os elementos que identificam os valores, características pertencentes a Ordem dos Frades Menores. Dentre esses valores e características se destacam a simplicidade, a alegria, o cuidado com a natureza e os injustiçados, a vida em comum.

**Cela-** nome dado aos quartos de um convento.

**Clérigos-** como eram chamados antes do concílio Vaticano II os frades estudantes de teologia.

**Convento-** nome dado a moradia dos frades e freiras.

**Congregação Religiosa-** é um conjunto de religiosos ou religiosas que seguem um determinado carisma.

**Cúria Geral-** convento onde se mantém a Sede administrativa de toda a Ordem Franciscana. Nas dioceses e arquidioceses também existem a Cúria diocesana ou arquidiocesana, local onde se administra a diocese ou arquidiocese.

**Custódia-** número pequeno de conventos e residências religiosas que são agrupadas sob um governo comum de um frade coordenador chamado Custódio.

**Definidores-** são os frades conselheiros do provincial. Estes são eleitos no capítulo provincial.

**Definitório-** reunião composta pelo Ministro provincial e os frades definidores (conselheiros), na qual é discutida a vida de cada frade e as questões administrativas de uma província.

**Estafeta-** pessoa responsável por distribuir correspondências, encomendas. Portador de despachos.

**Fioretti-** pode ser traduzido por florilégios, enfeites. É um título comum na literatura medieval para designar histórias orais. “Os Fioretti de São Francisco” são histórias que enaltecem Francisco de Assis e seus primeiros companheiros.

**Fraternidade-** é o nome que se dá ao conjunto de frades que moram no mesmo convento, ou fazem parte da mesma custódia ou província franciscana.

**Guardião-** é o superior, o responsável pelo convento. A nomenclatura significa, aquele que guarda, que zela pelo bom funcionamento do convento, incluindo tanto a vida relacional entre os frades quanto a gestão dos bens da casa conventual.

**Hábito-** são as roupas usadas pelos religiosos (as).

**Hebdomadário-** um semanário; publicação semanal. No convento é o frade responsável por conduzir as orações durante uma semana.

**Irmãos Leigos-** são frades que não recebem o sacramento da Ordem. Todos os franciscanos são frades, porém alguns são padres e outros não.

**Necrológio-** significa uma palavra sobre o morto. Quando morre um frade se escreve seu necrológio, contendo uma breve biografia com os trabalhos que se desenvolveu na Província ou na Igreja e os conventos nos quais ele viveu.

**Noviciado-** período formativo que precede a profissão religiosa. No caso dos franciscanos esse período tem duração de um ano e é feito em um convento específico.

**Paróquia-** é uma circunscrição territorial, geralmente composta por uma igreja Matriz e suas capelas.

**Peçuelo-** espécie de bolsa de couro, própria para ser carregada no lombo de animais, na qual os frades carregavam os objetos sacros para a celebração dos sacramentos (toalhas, velas, cibório, hóstias, cálice, pedra D'ara, etc.).

**Província-** conjunto de conventos e residências religiosas (em número maior que uma Custódia), que são agrupadas sob um governo comum de um frade chamado de Provincial.

**Provincial-** é o frade superior de uma província. É eleito pelos frades capitulares no capítulo provincial e no caso dos franciscanos recebe o nome de Ministro provincial.

**Provincialado** – convento no qual funciona a Sede administrativa da Província. É a residência oficial do provincial.

**Residência-** é considerado uma moradia de franciscanos de número reduzido de frades. Enquanto no Convento a comunidade assume obrigações de ordem claustral, do ofício da oração das horas canônicas, as funções de um conselho, da organização da biblioteca e de um cronista.

**Seminário Seráfico-** colégios em formato de internato que recebiam os candidatos à Ordem Franciscana.

**Sacerdotes:** como são chamados os padres católicos.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro Reminiscências d’um frade (1917).....	21
Figura 2 – Capa da biografia de frei Rogério Neuhaus (1934).....	21
Figura 3 – Exemplares da Revista Vida Franciscana (1936-1940) .....	22
Figura 4 – Obras da Coleção Centenário (1991-1995) .....	25
Figura 5 – Primeiros frades alemães ao Brasil (1891) .....	31
Figura 6 – Frades acampados, em viagem missionária (década de 1910).....	40
Figura 7 – Frades que residiam no convento de Blumenau (década de 1910).....	59
Figura 8 – Residência dos primeiros frades alemães em Teresópolis (1891).....	68
Figura 9 – Residência dos frades em Curitiba (década de 1910).....	68
Figura 10 – Convento Franciscano em Blumenau (década de 1920) .....	69
Figura 11 – Convento Bom Jesus de Curitiba em 1910 .....	69
Figura 12 – Convento de Lages, construído na década de 1910.....	70
Figura 13 – Convento São Luís de Tolosa (Seminário Seráfico) em Rio Negro (1940) .....	70
Figura 14 – Frades na alfaiataria do Convento de Blumenau (década de 1920) .....	71
Figura 15 – Frades estudantes no preparo das refeições no convento (década de 1940) .....	71
Figura 16 – Frades preparando a refeição e o café no convento (década de 1920).....	72
Figura 17 – Frades na ferraria do convento de Blumenau (década de 1930) .....	72
Figura 18 – Frade atendendo na portaria do convento (década de 1930) .....	73
Figura 19 – Frade na preparação da lenha (década de 1920) .....	74
Figura 20 – Frade organizando o refeitório (década de 1940) .....	74
Figura 21 – Frades na sapataria do convento (década de 1930).....	75
Figura 22 – Frades na horta, no cultivo de hortaliças (s/d) .....	75
Figura 23 – Frades na alfaiataria na confecção de hábitos (década de 1940).....	76
Figura 24 – Frades em sala de aula no convento (1920).....	76
Figura 25 – Frades na lavanderia do convento (1940).....	77
Figura 26 – Frade costureiro, confeccionando o hábito religioso (década de 1950) .....	77
Figura 27 – Frades no lazer em jogo de voleibol (década de 1920).....	78
Figura 28 – Frades ouvindo rádio (1940) .....	78
Figura 29 – Frade no cultivo de hortaliças (s/d) .....	79
Figura 30 – Frades em momento de lazer (1932) .....	79

Figura 31 – Frades tomando chimarrão (s/d) .....	80
Figura 32 – Frade montado num burro: meio de transporte nas viagens apostólicas (década de 1920) .....	86
Figura 33 – Frades em viagens apostólicas (década de 1930/40) .....	86
Figura 34 – Colégio Santo Antônio de Blumenau (década de 1920).....	113
Figura 35 – Frade com alunos de uma escola paroquial (década de 1910).....	113
Figura 36 – Sala de aula de uma escola paroquial (1921) .....	114
Figura 37 – Alunos, frade, professores e familiares na primeira comunhão dos alunos de uma escola paroquial (década de 1910) .....	114
Figura 38 – Frades com alunos do Colégio Franciscano Santo Antônio de Blumenau em aula ao ar livre (1920) .....	115
Figura 39 – Frades e alunos do internato do Colégio Santo Antônio de Blumenau (1918).....	115
Figura 40 – Alunos, frades e pessoas da comunidade no Colégio Santo Antônio de Blumenau (década de 1910) .....	116
Figura 41 – Material escolar de uma escola paroquial (década de 1920) .....	116
Figura 42 – Oficinas do Convento Santo Antônio em Blumenau - alunos com instrumentos musicais (início do século XX) .....	117
Figura 43 – Alunos internos do Colégio Diocesano de Lages (década de 1920)....	117
Figura 44 – Frade e alunos internos do Colégio Santo Antônio em dia de lazer no campo (década de 1920) .....	118
Figura 45 – Frades em piquenique com alunos do Colégio Santo Antônio de Blumenau (1922).....	118
Figura 46 – Escola paroquial do interior de Blumenau (1930).....	119
Figura 47 – Frades em aula de canto com acompanhamento de piano em Curitiba (1930).....	119
Figura 48 – Frade nos estudos (1930) .....	120
Figura 49 – Frade entregando material didático a um aluno (1930).....	121
Figura 50 – Frade Pintor (1935) .....	122
Figura 51 – Frade escultor (1940) .....	122
Figura 52 – Grupo de atores- Peça de teatro no Colégio Diocesano de Lages (1932) .....	123
Figura 53 – Gabinete de Física do Colégio Santo Antônio de Blumenau (1921) ....	123

Figura 54 – Gabinete de História natural do Colégio Santo Antônio de Blumenau (1921).....	124
---	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ABNT</b>	Associação Brasileira de Normas Técnicas
<b>BA</b>	Bahia
<b>CDAPH</b>	Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação
<b>CICAF</b>	Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas
<b>ES</b>	Espírito Santo
<b>FF</b>	Fontes Franciscanas
<b>IHGB</b>	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
<b>ITF</b>	Instituto Teológico Franciscano
<b>OFM</b>	Ordem dos Frades Menores
<b>OSC</b>	Ordem de Santa Clara (Clarissas)
<b>PA</b>	Pará
<b>PE</b>	Pernambuco
<b>PFICB</b>	Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil
<b>PPGE</b>	Programa de Pós-Graduação em Educação
<b>PR</b>	Paraná
<b>RJ</b>	Rio de Janeiro
<b>RS</b>	Rio Grande do Sul
<b>SC</b>	Santa Catarina
<b>SEFRAS</b>	Serviço Franciscano de Solidariedade
<b>SP</b>	São Paulo
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>USF</b>	Universidade São Francisco

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>NOS RASTROS DA MEMÓRIA ESCRITURÍSTICA DOS FRANCISCANOS..</b>	<b>30</b>
2.1	ESCRITA COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE UMA ORDEM SOCIAL .....	32
2.2	NARRAÇÃO: EXPERIÊNCIA COMUNICÁVEL .....	42
<b>3</b>	<b>EXPERIÊNCIA NO COTIDIANO DOS CONVENTOS FRANCISCANOS .....</b>	<b>50</b>
3.1	CONVENTOS: BASE ESTRUTURAL DA AÇÃO MISSIONÁRIA .....	51
3.2	ARTEFATOS DE REGISTROS VISUAIS DO COTIDIANO DA VIDA CONVENTUAL .....	67
<b>4</b>	<b>EXPERIÊNCIA FRANCISCANA NA VIDA APOSTÓLICA E NA EDUCAÇÃO .....</b>	<b>81</b>
4.1	VIAGENS PASTORAIS .....	82
4.2	ESCOLAS, COLÉGIOS E SEMINÁRIOS .....	91
4.3	TIPOGRAFIAS E FUNDAÇÃO DE CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS .....	100
4.4	AGRICULTURA, SAÚDE, CIÊNCIA E ARTES .....	102
4.5	IMAGENS FOTOGRÁFICAS: ESTRATÉGIAS DE GUARDAR TEMPOS E MEMÓRIAS EDUCACIONAIS .....	112
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>125</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>129</b>
	<b>FONTES/DOCUMENTOS.....</b>	<b>133</b>
	<b>APÊNDICE A – Capa dos livros da Coleção: Centenário .....</b>	<b>136</b>
	<b>APÊNDICE B – Lista dos Conventos assumidos ou fundados pelos Frades da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil de 1891 à 1965 .....</b>	<b>139</b>
	<b>APÊNDICE C - Tabela da Escola de Rodeio/SC: .....</b>	<b>141</b>
	<b>APÊNDICE D – Escola do Alto Jacuhy no Rio Grande do Sul .....</b>	<b>142</b>
	<b>ANEXO A – Obras de Frei Pedro Sinzig.....</b>	<b>143</b>
	<b>ANEXO B – Narrativa descrita nas Crônicas do Convento Franciscano na cidade de São José (SC), sobre a I Guerra Mundial e os Frades em 1917 .....</b>	<b>147</b>
	<b>ANEXO C – Nota: Febre Amarela.....</b>	<b>149</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Desde frei Henrique de Coimbra que há sempre um franciscano ou a fazer ou a escrever história no Brasil: às vezes a fazê-la com o próprio sangue. História do Brasil ou história da Igreja. Frade português, frade brasileiro ou frade estrangeiro” (Freyre, 1959, p. 32).

A Ordem dos Frades Menores (OFM) ou Ordem Franciscana, foi fundada por Francisco de Assis (1181-1226), em 1209, na Itália, sendo presença constante na história brasileira desde 1500, uma vez que, havia franciscanos na expedição de Pedro Álvares Cabral. Por quase cinquenta anos, os franciscanos foram os únicos missionários no Brasil até a chegada dos jesuítas, em 1549. Frei Basílio Röwer (1947, p. 29), historiador franciscano, destaca: “os primeiros missionários são Franciscanos; a primeira capela é dedicada a São Francisco e o primeiro sangue mártir, a fecundar a seara do Senhor, é sangue franciscano. O Brasil nasceu franciscano”.

Entre os anos de 2001 e 2009, fui integrante da Ordem dos Frades Menores, período em que tive a oportunidade de acessar textos memorialísticos acerca da vivência dos frades no decorrer de mais de 800 anos de sua existência. Após minha saída da Ordem, no final de 2008, tendo concluído a licenciatura em Filosofia, dediquei-me à docência, trabalhando na educação básica em colégios confessionais católicos e na rede pública em Curitiba (PR), com as disciplinas de Filosofia, Sociologia, Ensino Religioso, Formação Humana e História, nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio. Durante os anos de docência, mantive latente o interesse pela história dos franciscanos, principalmente pelo período histórico de renovação da OFM no Brasil, a partir de 1891, com a chegada de frades alemães.

Embora realize aqui uma digressão, considero-a necessária a fim de situar acerca dessa longa trajetória dos franciscanos, anterior ao ano de 1891. De 1500 até 1583 os franciscanos estiveram no Brasil de forma não institucional e esporádica. A partir de 1584, estabeleceram-se institucionalmente, a primeira organização foi denominada de Custódia de Santo Antônio, com frades oriundos de Portugal, tendo como primeira sede o convento de Olinda (PE). Quando a Custódia de Santo Antônio alcançou a marca de 12 conventos, em 1657, tornou-se Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, separando-se assim da Província portuguesa. No capítulo provincial de 1659 ocorreu o desmembramento dos conventos erigidos nas regiões Sul e Sudeste, sendo, portanto, fundada a Custódia da Imaculada Conceição, que em

1675, obteve sua independência, passando a ser denominada Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, com sede no convento Santo Antônio na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Com essa organização administrativa, a Ordem Franciscana desenvolveu-se no Brasil chegando em meados do século XVIII a contabilizar mil e duzentos frades.

Porém, no século XIX, a OFM entrou em declínio e quase desapareceu, em decorrência da Lei de 1855 que, entre as restrições impostas pelo governo imperial às Ordens e Congregações Religiosas estava a proibição de admitirem novos membros. Todavia, em 1889, com as mudanças políticas da transição do império para o Brasil república, teve início um movimento para a renovação da presença franciscana no Brasil. Após tratativas entre dez frades remanescentes e a Cúria Geral da OFM, a Província Franciscana da Santa Cruz da Saxônia, Alemanha, assumiu a responsabilidade de enviar frades e assim renovar e repovoar os conventos das duas províncias franciscanas existentes, o que se tornou realidade a partir de 1891 (Frei Clarêncio Neotti, 1974). Os frades foram orientados a começar o processo de renovação da Ordem pelo Sul do Brasil para uma melhor adaptação ao clima tropical, dessa forma, foram direcionados a Santa Catarina, a uma localidade de imigrantes alemães, chamada Teresópolis, hoje pertencente ao município de Águas Mornas (SC). Frei Basílio Röwer (1947, p. 150-151), assim escreve:

Depois da proclamação da República, reviveu também entre os Franciscanos, tanto no norte como no sul, o interesse pela instrução dos filhos do povo, que é geralmente gratuita. Junto aos Conventos fundaram escolas, incumbindo-se eles mesmos das aulas ou confiando o ensino a competentes professores leigos. Nas muitas paróquias que os Bispos lhes entregaram por falta de clero secular, cuidaram de abrir escolas nos núcleos afastados do centro e, além disso, empenharam-se na vinda das Irmãs religiosas, que por sua vez zelam pela instrução da juventude feminina.

Nas muitas leituras para compilação desses dois parágrafos anteriores e na realização de uma revisão bibliográfica sobre os franciscanos no Brasil, localizei pesquisas, como, por exemplo, Dallabrida (1993); Silva (2000); Sangenis (2006); Otto (2006); Iglesias (2010); Gilz (2018), entre muitas outras. Embora sejam trabalhos resultantes de pesquisas significativas e com importantes contribuições, identifiquei que não abordam a experiência dos franciscanos consubstanciada em diferentes documentos e que apresentam a memória histórica, construída pela voz (oralidade) e pela escrita de muitas centenas de frades ao longo dos diferentes tempos.

A experiência é compreendida na perspectiva de Benjamin (2012), que está também interconectada aos conceitos de narrativa e de história. Nesse sentido, todas

as lembranças, restos, artefatos, pessoas e acontecimentos ligados ao passado são movimentados na constituição da própria história. Os conceitos de experiência, tempo, espaço e memória estão na base da narrativa e são fundamentais para entender os sentidos da escrita/narrativa dos frades. A narrativa diz respeito aos modos de transmissão de saberes do passado; todavia, somente é possível se estiver alicerçada e dependente da experiência construída no dia a dia.

Voltando à minha experiência formativa, ingressei no mestrado em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no qual tive a oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre a apropriação e a (re)significação que dois frades franciscanos, na contemporaneidade, fizeram das Fontes Franciscanas (FF)<sup>1</sup>, sob o título: Da educação em escritos dos freis Agostinho Piccolo e Orlando Bernardi: leituras e apropriações das Fontes Franciscanas (Rodrigues, 2019). Dessa forma, no mestrado refleti sobre os elementos do carisma franciscano que foram apropriados e (re)significados em prol de uma educação humanista franciscana:

O processo de apropriação das Fontes Franciscanas e de literaturas sobre o franciscanismo, por meio da leitura, tornaram esses frades produtores de uma proposta pedagógica, que propõe uma harmonia entre o Transcendente, o meio ambiente e o ser humano, centrada em virtudes e valores humanos, inspirados em Francisco de Assis (Rodrigues, 2019, p. 128).

Foi durante o mestrado que viajei a Blumenau (SC) para conversar com os frades que lá residiam e que por longos anos também se dedicaram às atividades educacionais no Colégio Franciscano Bom Jesus Santo Antônio<sup>2</sup>. Além de conversar com os frades sobre meu projeto de pesquisa, empreendi uma “operação de caça” nos termos de Certeau (2014), na procura de documentos que pudessem elucidar a relação dos frades com a educação. Ampliei essa “operação de caça” durante o doutorado, visitando o acervo do referido Colégio, o arquivo central da Província

---

<sup>1</sup> As Fontes Franciscanas são um conjunto de textos que englobam tanto os escritos de Francisco de Assis quanto suas hagiografias e textos do primeiro século da Ordem dos Frades Menores. No Brasil, a partir de 1995, esses textos foram compilados numa única Coletânea sob a denominação de Fontes Franciscanas. Em sua tradução e edição de 2004 acrescentou-se a palavra Clarianas em referência à Clara de Assis, primeira jovem seguidora de Francisco de Assis, fundadora da Ordem de Santa Clara (OSC), conhecidas como Irmãs Clarissas, de vida contemplativa. Nesta pesquisa utilizo a edição de 2004.

<sup>2</sup> Anteriormente fora fundado pelo padre José Maria Jacobs, em 1877, e está sob administração dos franciscanos desde 1892. Na atualidade, esse Colégio faz parte da Rede Bom Jesus de Educação, administrado pelos frades e que no final de 2023 conta com 37 unidades educacionais, assim distribuídas: 15 colégios no estado do Paraná, 3 colégios no estado do Rio de Janeiro, 6 colégios no estado do Rio Grande do Sul, 9 colégios no estado de Santa Catarina e 4 colégios no estado de São Paulo.

Franciscana da Imaculada Conceição, em São Paulo (SP) e as bibliotecas dos conventos Santo Antônio, em Florianópolis (SC) e São Boaventura, em Campo Largo (PR).

Nesses locais, identifiquei, nos documentos produzidos pelos próprios frades e em fotografias, o cotidiano nos seus mais diversos trabalhos pastorais no final do século XIX e primeira metade do século XX, nos quais narram diferentes práticas missionárias, educacionais, pastorais, apostólicas e/ou evangelizadoras. Essas diferentes adjetivações dadas às diferentes práticas do cotidiano, são aqui compreendidas como práticas educativas. O sentido da palavra diz respeito ao escopo das práticas franciscanas que era ensinar algo, transmitir ensinamentos.

Os documentos estão dispersos em livros de crônicas dos conventos, em artigos de revistas franciscanas, recortes de jornais, cartas, livros, biografias, autobiografias, fotografias e necrológios. Dessa imensidão de fontes selecionei as seguintes: (a) artigos da revista Vida Franciscana; (b) livros da Coleção Centenário; (c) fotografias e, (d) obras de diversos frades; e por serem representativas de tantas outras, a ênfase recai sobre as obras de frei Pedro Sinzig, “Reminiscencias d’um frade”, (Figura 1) publicada em 1917 e 1925; e “Frei Rogério Neuhaus OFM” (Figura 2), publicada em 1934<sup>3</sup>.

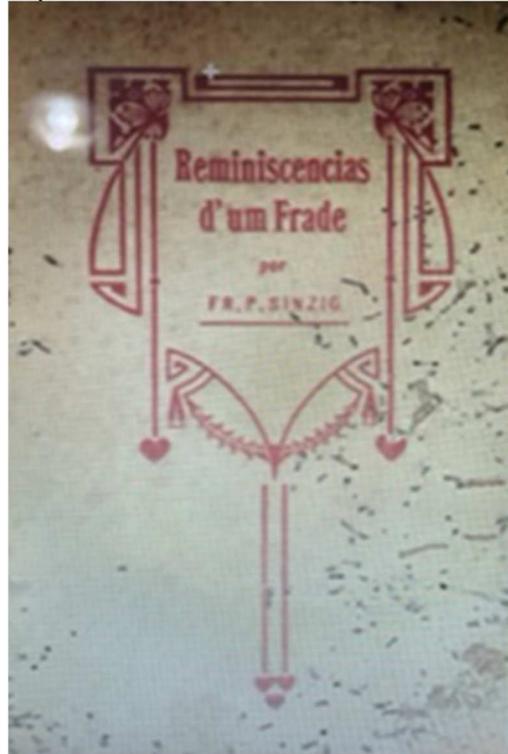
Além desta caracterização inicial, as fontes são esmiuçadas ao longo da tese. Como as obras escritas pelos frades foram publicadas; para diferenciar o que tomo como fonte das referências em geral, utilizo o nome do autor precedido pela palavra frei, em vez de a caixa de entrada ser pelo sobrenome; tal como como procedo com as demais referências segundo indicado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Utilizo a edição das Reminiscencias d’um frade de 1917 e a biografia de frei Rogério Neuhaus de 1934. Optei por adaptar a grafia dessas obras para as normas atuais da língua portuguesa. Exemplos de palavras encontradas nessas edições: pae, repelli, biographia, assumpto, fallecido, augmentou, photographos, excusado, commigo, cahiu, Santa Catharina, delle, innumeras, janellas, kilometros, prohibir.

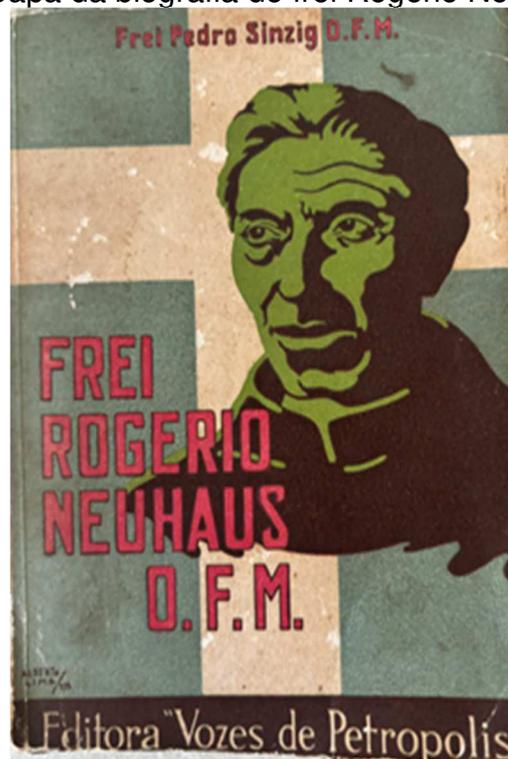
<sup>4</sup> A pesquisa tem duas listas de referências. A primeira, composta pelas Referências dos autores que embasam a pesquisa. A segunda, composta pelos Documentos/Fontes que trazem as narrativas dos frades.

Figura 1 – Capa do livro *Reminiscências d'um frade* (1917)



Fonte: Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH) da Universidade São Francisco (USF).

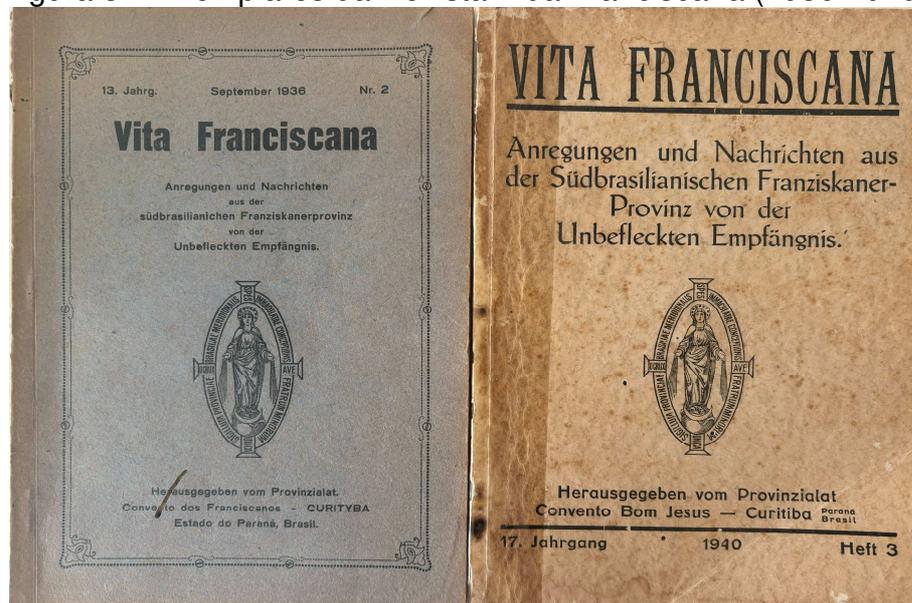
Figura 2 – Capa da biografia de frei Rogério Neuhaus (1934)



Fonte: Acervo de Fabiano Batista Rodrigues.

A revista *Vida Franciscana* foi criada pelo Conselho da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil em 1923, com o título, em latim, *Vita Franciscana*, para ser um instrumento de comunicação entre os frades e os diferentes conventos da Província. As edições foram triannual, bianual e atualmente é anual. Em seus artigos, estão registrados as memórias e experiências dos frades, mencionando os acontecimentos especiais, festas, visitas, transferências dos frades, viagens, doenças, reconhecimentos, notícias dos trabalhos realizados, dificuldades encontradas na missão, perigos, participação dos fiéis na vida sacramental, missões populares, retiros, doações recebidas, publicações da Editora Vozes, exemplos edificantes dos frades, notícias do provincialado e dos demais conventos. Além disso, apresentam os necrológios dos frades falecidos entre um número e outro da revista. As edições foram bilíngues até 1941, com predominância de textos em língua alemã, passando a partir dessa data, editadas somente em língua portuguesa por razões da legislação brasileira<sup>5</sup>. Sua publicação nunca foi interrompida. Até o ano de 2023 foram publicadas 97 edições.

Figura 3 – Exemplares da Revista *Vida Franciscana* (1936-1940)



Fonte: Biblioteca do Convento Santo Antônio de Florianópolis (SC).

A coleção Centenário é composta por onze volumes, escritos ou organizados por diferentes frades. Foram sendo publicados entre os anos de 1990 e 1995 e são

<sup>5</sup> As publicações dos frades entraram na campanha de nacionalização empreendida pelo governo de Getúlio Vargas a partir de 1938 e que ganhou força com a Segunda Guerra Mundial.

parte das comemorações realizadas pelo centenário da chegada dos franciscanos alemães no Brasil. Os volumes que compõem a coleção apresentam os seguintes títulos: (1) Elenco dos religiosos falecidos entre 1894 e 1989<sup>6</sup>; (2) Confrades da província franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, falecidos nos primeiros 50 anos da restauração (1891-1941)<sup>7</sup>; (3) Viagem ao Brasil e começo da missão<sup>8</sup>; (4) “Therezopolis” e uma utopia franciscana no sul<sup>9</sup>; (5) Cem anos de livros 1891-1991<sup>10</sup>; (6) Franciscanos no Espírito Santo<sup>11</sup>; (7) Para compreender a história da Província da Saxônia<sup>12</sup>; (8) Cem anos, memória, celebração, renovação<sup>13</sup>; (9) Franciscanos em Curitiba<sup>14</sup>; (10) Menores entre pequenos<sup>15</sup>; (11) Memórias inacabadas<sup>16</sup>. Os textos presentes nessa coletânea rememoram os feitos dos frades na comemoração da

---

<sup>6</sup> Frei Olavo Seifert (1990a) - A obra número 1 da Coleção centenário é composta pelas datas de nascimento, entrada na OFM, ordenação sacerdotal ou episcopal (no caso dos bispos) e falecimento de 479 frades. Foi organizada por frei Olavo Seifert. Frei Olavo, nasceu dia 04/08/1919 em Curitiba/PR. De 1956 a 1986 trabalhou na cúria provincial ora como secretário, ora como arquivista provincial. Conheceu todos os frades alemães que refundaram a presença franciscana no sul do Brasil e também foi o autor dos necrológios dos frades durante esse tempo. Faleceu em Bragança Paulista em 2021.

<sup>7</sup> Frei Olavo Seifert (1990b) - Essa obra também foi organizada pelo frei Olavo Seifert e contém o necrológio com uma breve biografia e fotografia de 102 frades.

<sup>8</sup> Frei Humberto Themans (1991) - Trata-se de uma crônica escrita pelo Irmão Frei Humberto Themans, um dos quatro primeiros missionários enviados ao Brasil. Frei Humberto Themans, nasceu em Spiel, Alemanha em 1859 e faleceu em Blumenau (SC) em 1933. Na crônica narra a despedida da Alemanha, a viagem ao Brasil, a chegada em Teresópolis (SC) e os primeiros trabalhos dos frades. Contém 48 páginas.

<sup>9</sup> Frei Elzeário Schmitt (1991) - Essa obra foi escrita por frei Elzeário Schmitt. Frei Elzeário, nasceu São Pedro de Alcântara (SC) em 1911 e faleceu em 2010 em Gaspar (SC). A obra narra a história do franciscanismo em Santa Catarina antes da chegada dos frades alemães e os primeiros trabalhos destes em Teresópolis (SC).

<sup>10</sup> Frei Clarêncio Neotti (1991) - Organizado por frei Clarêncio Neotti. Frei Clarêncio Neotti nasceu no dia 29 de novembro de 1934 em Salete (SC). Fez seu noviciado em 1955 e ordenou-se sacerdote em 1961. É historiador, jornalista e escritor com muitas obras publicadas. Exerceu diversos trabalhos pastorais na PFICB e na Cúria da OFM. Atualmente reside na Fraternidade Divino Espírito Santo em Vila Velha (ES).

<sup>11</sup> Frei Carmelo Surian (1991) - Essa obra foi escrita por frei Carmelo Surian. Frei Carmelo Surian, nasceu em 1923 em São José do Rio Pardo (SP) e faleceu em 2008 em Agudos (SP). A obra narra a história dos Conventos franciscanos em terras capixabas.

<sup>12</sup> Frei Inácio Jeiler (1992) - É a tradução de uma crônica que narra a história da Província Franciscana Santa Cruz da Saxônia, na Alemanha e as reformas pela qual passou a OFM ao longo de seus 700 anos. Foi escrita por Frei Ignacio Jeiler em 1899.

<sup>13</sup> Frei Clarêncio Neotti (1993) - Obra organizada por frei Clarêncio Neotti. Contém os textos utilizados nas celebrações comemorativas do centenário dos frades alemães no Brasil.

<sup>14</sup> Frei Valetim Tambosi (1993) - A obra foi escrita por frei Valentim Tambosi. Narra a história franciscana em Curitiba (SC).

<sup>15</sup> Frei Ary Pintarelli (1991) - Essa obra foi escrita por Frei Ary Pintarelli e narra a saga dos frades alemães entre os colonos italianos na região de Rodeio (SC). Frei Ary Estevão Pintarelli nasceu 10 de abril de 1937 em Rodeio (SC). Fez seu noviciado em 1959 e ordenou-se sacerdote em 1964. Atualmente reside na fraternidade Santo Antônio em Blumenau (SC).

<sup>16</sup> Frei Amando Bahlmann (1995) - Essa obra é a autobiografia de Dom Frei Amando Bahlmann. Frei Amando Bahlmann, nasceu em Bartmansholte, Alemanha em 1862 e faleceu em Nápoles, em 1939. Em 1952 seus restos mortais foram trasladados e sepultados na Matriz de Santarém (PA), onde fora bispo desde 1907.

chegada dos frades alemães no Sul do Brasil. Os volumes 3, 7 e 11 são textos de frades que chegaram no final do século XIX. O volume 11 foi escrito entre 1918 e 1919 tendo sido publicado por frei Amando Bahlmann, em alemão, nas edições da revista Santo Antônio, da Província de Santo Antônio no Brasil de 1929 a 1934, com o título: *Memorien eines Bischofs der Nordbrasilianischen Provinz*. Os volumes 1 e 2 são necrológicos que exaltam os frades falecidos na Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil<sup>17</sup>. O volume 5, relata detalhadamente as produções escritas pelos frades. Esse livro-catálogo é composto por aproximadamente mil e trezentos títulos, registrados por autor, título, editora, local, data e número de páginas<sup>18</sup>. Já os volumes 4, 6, 8, 9 e 10 foram produzidos por frades que rememoram a vida e os feitos dos primeiros frades baseando-se nas memórias deixadas registradas em cartas, necrológicos, livros de crônicas e na história oral<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> Na atualidade, os frades da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil abrangem os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Angola (África), estão organizados em cinco frentes de evangelização sendo educação, paróquias e santuários, solidariedade, comunicação e missão. A frente da educação é composta pelo Grupo Educacional Bom Jesus que é formado pelos colégios Bom Jesus, FAE Centro Universitário, Editora Bom Jesus, Gráfica Bom Jesus, Teatro Bom Jesus, Lace Language Center e Valor Brasil – produtos promocionais e a Universidade São Francisco (USF), além das diversas casas de formação dos frades e o Instituto A Teológico Franciscano (ITF), em Petrópolis (RJ); a frente das paróquias e santuários consta em dezembro de 2023 com 29 paróquias e 4 santuários; a frente da solidariedade desenvolvem seu trabalho no Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS) que atua em ações de atendimento e acolhimento à população em vulnerabilidade social principalmente nas metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro; a frente da comunicação conta com a Editora Vozes, com sede em Petrópolis (RJ) e emissoras de rádio e televisão nos estados do Paraná e Santa Catarina, além de sites na internet; já a frente da missão está vinculada a Fundação Franciscana Imaculada Mãe de Deus, que é uma missão evangelizadora da Ordem dos Frades Menores em Angola (África) desde 1991. (Frentes [...], 2023).

<sup>18</sup> O autor explica como organizou cada publicação dos frades: “Meu registro é simples: 1. Autor (pelo último sobrenome). 2. Título (e subtítulo, quando há). 3. Editora (várias vezes o livro foi impresso numa editora europeia, mas comercializado pela Vozes; dei sempre o nome da Editora europeia, quando ele constava na página de rosto, e da Vozes, quando era o nome da Vozes que constava). 4. Local. 5. Data (nalguns livros tive que me orientar pelo *imprimatur* o que pode significar diferença de alguns meses, ou seja, pode acontecer que o *imprimatur* tenha sido dado nos últimos meses de um ano e o livro só aparecer nos primeiros meses do ano seguinte). 6. Número de páginas (sempre par, quando impresso. Há reedições com grande diferença de número de páginas, ou porque é uma edição aumentada e melhorada, ou porque se trocou o formato do livro. Anotei isso algumas vezes, sobretudo quando também houve troca de editora). 7. Tradução (quando houve) (Frei Clarêncio Neotti, 1991, p. 10).

<sup>19</sup> No Apêndice A encontram-se as capas de cada livro da Coletânea.

Figura 4 – Obras da Coleção Centenário (1991-1995)



Fonte: Acervo de Fabiano Batista Rodrigues.

Os frades, movidos pelo desejo de salvaguarda e de transmissão de suas experiências, nesse vasto e significativo conjunto de documentos, narram e recriam o cotidiano, descrevem os desafios das rotinas nos conventos e nos diversos trabalhos realizados tanto no campo religioso quanto no campo educacional incluindo a educação formal na fundação de escolas paroquiais, colégios e nos seminários, na formação de novos frades.

Como já anunciado, a centralidade está em torno dos frades escritores (e narradores), produtores de uma racionalidade estética franciscana. Nesse sentido, os objetivos e questões norteadoras estão circunscritas em: (a) compreender a experiência de frades da OFM e como essa experiência, ao mesmo tempo em que bebe na memória coletiva, alimenta a sua existência e a (re)cria; em outras palavras, identificar os seus modos de habitar o mundo; (b) reconhecer os frades narradores como guardiães de valores, estando assim, por um lado, na contramão da modernidade que, na organização da vida social faz preponderar o mundo objetivo sobre o subjetivo, criando uma relação impessoal com as coisas e as pessoas. Por outro lado, os frades assumem as questões da modernidade; (c) capturar a experiência que se forma no coletivo, no diálogo entre narrador e leitor (ouvinte) pelo uso da memória; (d) pensar o tempo, as memórias e experiências como formadoras de narrativas; (e) apreender como a experiência é decisiva e fundamental na constituição de uma racionalidade estética; (f) compreender que o processo da

transmissão é precedido pela experiência e decorrente dela há a exteriorização (a comunicação) nas diversas formas de exercício da missão evangelizadora.

O recorte temporal abrange, desde o período de revitalização da Ordem dos Frades Menores no Brasil, marcado pela vinda de franciscanos da Província Santa Cruz da Saxônia (Alemanha), em 1891, até o Concílio Vaticano II (1962-1965), que provocou transformações significativas no estilo de vida dos frades e da Igreja Católica.

Os frades são narradores e o desafio em relação aos documentos selecionados é o de compreendê-los imersos e decorrentes da rememoração sobre diversos tempos nos quais foram produzidos. O ato de escrever é uma garantia da continuidade da memória do grupo ao longo dos tempos, as lembranças do passado são reavivadas em cada tempo presente. Todavia, como diz Hunt (2001, p. 18), “os documentos que descrevem ações simbólicas do passado não são textos inocentes e transparentes; foram escritos por autores com diferentes intenções e estratégias, e os historiadores da cultura devem criar suas próprias estratégias pra lê-los”.

Portanto, os documentos selecionados não existem naturalmente, são frutos de um determinado contexto histórico, social, cultural, religioso e político. Como diz Benjamin (2012, p. 243), isso não quer dizer que irei reproduzir o passado “tal como ele de fato foi”, mas por meio dos rastros, do trabalho de memória dos frades, capturar dos documentos o que é possível para refletir sobre a memória franciscana acerca dos seus projetos educativos e assim perceber “como ela relampeja no momento de um perigo” (Benjamin, 2012, p. 243).

No que se refere aos aportes teórico-metodológicos, dialogo com as lentes de Maurice Halbwachs (2006), de Michel de Certeau (2007; 2014) e de Walter Benjamin (2012). Para Halbwachs (2006, p. 67), as memórias permanecem coletivas, mesmo que sejam rememoradas por outros, pois o indivíduo nunca está só e afirma que “é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento quando o desejamos”. Assim, cada frade é também um narrador na perspectiva da memória coletiva da OFM.

Nessa perspectiva de Halbwachs (2006), a OFM se sustentou ao longo de mais de oito séculos, pelos vínculos de cada frade à uma comunidade afetiva que compartilha os mesmos códigos, valores e ideais de vida. Uma das exigências para ser frade é a capacidade de viver em comunidade, em termos franciscanos, numa fraternidade. Embora a experiência histórica dos frades se dê num tempo de longa

duração, com início no século XIII com Francisco de Assis, na Itália, os valores e ideais franciscanos chegaram até o presente porque estão enraizados em uma memória coletiva e são sempre lembrados dentro de um movimento que engloba o presente e o passado, na perspectiva de garantir sua continuidade no futuro. A memória coletiva abrange diferentes tempos e diferentes gerações de frades que se vinculam ao grupo por laços afetivos, por coesão e por sentimentos de pertencimento.

Em Michel de Certeau (2014), o conceito de práticas cotidianas contribui para pensar o jogo a que os frades estiveram inseridos enquanto sujeitos ordinários, caminhantes, dotados de saberes. Para Certeau (2014), as práticas ocorrem sempre entre estratégias e táticas. As estratégias são feitas dentro da organização e ordenamento de um lugar próprio do poder, da instituição, daquilo que a priori foi normatizado. De outro lado e por meio das táticas, as práticas cotidianas são realizadas em forma de jogo com vistas a burlar a ordem estabelecida. O carisma franciscano é vivenciado nas diversas artes de fazer da vida cotidiana, seja tanto na vida ordinária dos conventos quanto nos mais variados trabalhos missionários educativos. Para Certeau (2014, p. 38), “o cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*”.

Walter Benjamin (2012) possibilita pensar a experiência dos franciscanos por meio da lembrança e da narração. Benjamin é um autor alegórico, em seus conceitos utiliza de imagens, de alegorias para falar da relação do ser humano com a sociedade. Usa de pequenos fragmentos como disparadores de sentido, movimentando assim conceitos de memória, experiência, narrativa, história, tempo e espaço.

Tanto em Certeau (2007) quanto em Benjamin (2012), a história é feita no presente, portanto, está em constante processo de (re)elaboração. Dessa forma, esta pesquisa encontra apoio na máxima de Michel de Certeau (2007, p. 93), na qual afirma que “a história é sempre ambivalente: o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro”. Portanto, elementos da experiência dos frades, que englobam memórias e esquecimentos, continuam no presente e indicam possibilidades para construção de novos modos de relações no futuro.

Löwy (2005, p. 157), afirma que, “não é somente o futuro e o presente que permanecem abertos na interpretação benjaminiana do materialismo histórico, mas também o passado”. Dentro dessa perspectiva, o processo de acesso à memória tem um duplo sentido, de ir para trás em busca das lembranças, de uma recordação de

algo que já se passou, mas também de um movimento para frente, de mobilização, (re)elaboração e atualização de fatos e acontecimentos passados.

Para Benjamin (2012), o passado não está morto, fechado, pelo contrário, está repleto de tempos de “agora”, ou seja, o passado está em aberto e pode sempre ser (re)constituído por meio do processo rememorativo que não é uma mera nostalgia ou saudosismo. Para que se possa conhecer no presente os fatos ocorridos em outra temporalidade, o passado tem que dizer algo; nesse sentido, no presente, borbulham elementos do passado. A experiência franciscana não está dada num “tempo homogêneo e vazio”, mas se faz presente no “tempo de agora (*Jetztzeit*)” (Benjamin, 2012, p. 249) nas memórias dos frades de cada tempo.

Pereira (2008, p. 153), salienta a compreensão benjaminiana do tempo:

Benjamin encara o tempo sob uma dupla acepção. Ao tempo ‘homogêneo e vazio’ do progresso, ele opõe o tempo messiânico, o tempo da rememoração. No curso de sua especulação, essa distinção permite definir a própria possibilidade de redenção da história. Se o tempo do progresso representa a ‘terra devastada’ sobre a qual nada mais se deposita senão sangue, cinzas e ruínas, o tempo messiânico é o único possível para a restauração integral do passado no presente, sua experiência e conhecimento. O tempo do progresso é o tempo da sucessão cronológica niveladora, o tempo da vivência, noção de tempo demasiadamente positiva e abstrata, lisa, e, por que não dizer, a-histórica. Em contrapartida, o tempo da rememoração é o tempo do agora, ou dos agoras, em que o recalçado é trazido à tona, reivindicando seu lugar.

Vale ainda destacar que, na compreensão dos conceitos benjaminianos e cereteunianos; e sobre os conceitos de história e de memória, a leitura da tese de Teixeira (2018) e da obra de Otto (2012), foram de suma importância. Teixeira (2018), mobilizou Benjamin e Certeau, na pesquisa sobre as práticas da infância na memória de pessoas com mais de setenta anos de idade. Segundo Teixeira (2018, p. 58), “Certeau debruça-se sobre o cotidiano e volta-se às práticas das pessoas comuns. Interessa-se pelos propósitos e sentidos de suas ações, práticas e usos com aquilo que se produz no mundo ou se dirige aos próprios sujeitos para o consumo”. Sobre a perspectiva de Benjamin, Teixeira (2018, p. 98) ressalta: “a substância da narrativa (benjaminiana) é a experiência feita de componentes da realidade [...]. A história que se conta é fruto do sentido dessa experiência vivida”.

Otto (2012), elucida a polissemia existente em torno dos conceitos de história e de memória, apresentando os sentidos e as reflexões de vários autores na definição desses conceitos. Na tentativa de reconstituição do passado, ressalta o processo de memorização e diz que esse processo,

[...] ocupa lugar central na educação das diferentes gerações e na necessária conexão entre memória, história e identidade. O ser humano, individualmente, ou no grupo social, não é somente portador de memórias, também as significa. Os sentidos atribuídos à memória decorrem de suas experiências interconectadas ao tempo e ao espaço, tanto do presente quanto do passado (Otto, 2012, p. 24).

Diante do exposto, além desta Introdução, seguem três capítulos e as considerações finais. No capítulo, “Nos rastros da memória escriturística dos franciscanos”, aprofundo aspectos relacionados aos principais conceitos, especialmente a narração e a experiência. Discorro sobre as fontes documentais, a criação de fábulas portadoras de ensinamentos (*Fioretti*), a memória construída pelos próprios frades como estratégias de construção de uma ordem social. Segundo Berger (1985, p. 32), “o mundo socialmente construído é, acima de tudo, uma ordenação da experiência. Uma ordem significativa ou nomos, é imposta às experiências e sentidos dos indivíduos”. Em outras palavras, Berger e Luckmann (2003, p. 76), dizem que a ordem social é “um produto humano, ou, mais precisamente, uma progressiva produção humana”. Na manutenção dessa ordem social, a legitimação ocupa lugar central, pois, é uma espécie de saber “socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social” (Berger, 1985, p. 42). Assim ressalta Berger (1985, p. 45): “A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas”.

No capítulo, “Experiência no cotidiano dos conventos franciscanos”, busco rememorar as práticas ordinárias da vida cotidiana dos conventos, a formação religiosa, intelectual e cultural dos frades. A vida cotidiana e a organização conventual são as bases para o desenvolvimento da ação pastoral, da vida apostólica e do empenho na educação nas mais diversas formas.

No capítulo, “Experiência franciscana na missão apostólica e na educação”, o foco está no cotidiano dos frades fora dos conventos nos seus diferentes trabalhos apostólicos, nas relações e tensões com a sociedade, nas experiências das viagens e missões; nas escolas, nos colégios e seminários; nas práticas que mostram como foram incorporando aspectos trazidos pela modernidade, tais como, nas tipografias com a produção de material impresso, no envolvimento com a ciência e nas artes, incluindo a arte fotográfica; na fundação de congregações religiosas; nos cuidados da saúde do corpo e do espírito, entre outras estratégias de conservação e de construção da memória coletiva.

## 2 NOS RASTROS DA MEMÓRIA ESCRITURÍSTICA DOS FRANCISCANOS

“Designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado” (Certeau, 2014, p. 225).

Michel de Certeau, na epígrafe anterior, define o que é escrever e diz que a escrita resulta de uma imersão e conhecimento da realidade, pois, não há como isolar algo do mundo exterior se não pela via estratégica de conhecê-lo antes e com a “ousadia” de intervir e ensinar algo (com a escrita) a esse mundo exterior interiorizado (Berger, 1985). Os frades escritores encontram-se em meio ao movimento da arte escriturística segundo esses delineamentos de Certeau (2014, p. 224): “a prática escriturística assumiu valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer sua história e, assim fazer história”.

Primeiramente, caberia dizer que é uma ousadia querer captar, apreender elementos de uma tradição (escrita e oral) de mais de 800 anos e seus desdobramentos no decorrer da história, uma vez que a história dos frades é marcada por impossibilidades, desencontros como é próprio da dinâmica da vida humana. Como captar a coragem de jovens que se dispuseram a atravessar o Atlântico rumo ao Brasil, em 1891 (Figura 5), se não o de pensar que estavam imbuídos do espírito de memória coletiva do ideal de conservar uma tradição? Ou, como diz Certeau, de ter “poder sobre a exterioridade”?

Na Figura 5, estão sentados, frei Amando Bahlmann que tinha 29 anos de vida e um ano e meio de padre, doutor em teologia; frei Xisto Meiwes, com 38 anos e dois anos e meio de padre. Em pé estão os irmãos leigos, frei Humberto Themans, com 30 anos e com 13 anos de profissão religiosa; e, frei Maurício Schmalor, ainda no período formativo, com apenas 18 anos de idade.

Figura 5 – Primeiros frades alemães ao Brasil (1891)



Fonte: Acervo da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil (PFICB).

O processo de revitalização da OFM, no Brasil, não foi apenas a ocupação dos conventos por frades estrangeiros, mas sim, a construção de uma estética de se viver a espiritualidade franciscana. Diante das necessidades, optaram por assumir paróquias e essa opção fez com que os frades passassem a fazer parte da vida cotidiana dos moradores das localidades e a realizar viagens pastorais aos fiéis católicos que residiam longe das sedes paroquiais. Na medida em que novos grupos de frades chegavam ao Brasil, foram sendo direcionados às localidades com ausência de padres, conforme consta no apêndice B.

Como as demais ordens e congregações religiosas masculinas e femininas que se instalaram no Brasil em fins do século XIX e início do século XX, os franciscanos estavam vinculados ao projeto de romanização das práticas católicas no Brasil, ainda orientado pelas normas do Concílio Vaticano I (1869-1870), que combatia o espírito da secularização, o modernismo e as repercussões que o iluminismo

causara na religião, na política, na cultura e nas ciências. Nesse sentido institucional, no caminho das estratégias de que trata Certeau, a ação dos frades se dava em consonância com os ideais da chamada romanização do catolicismo e privilegiava celebrações em que a administração dos sacramentos era feita por eles como descreve Otto (2006, p. 47- 48): “os franciscanos eram fiéis seguidores das determinações diocesanas [...]. Com os franciscanos foi intensificada a administração dos sacramentos, de celebrações aos domingos e dias de festas, presididas também por eles”.

Entretanto, os frades ao rememorarem seus feitos, para construção da história franciscana, na comemoração do centenário da vinda dos frades alemães para o Brasil, também narram suas experiências para além dos aspectos circunscritos ao processo institucional de romanização do catolicismo:

Era mais que dar catequese, mais que realizar belas e solenes cerimônias litúrgicas, e sobretudo, mais que construções de igrejas, capelas e escolas. Fizeram tudo isso também, e como! Mas sempre como meio, e com larga visão das necessidades da população a que serviam. Por isso, ocuparam-se com escolas, fundaram cooperativas, incentivaram a agricultura, construíram usinas elétricas. [...] Sua ação, pode ser qualificada de muitas formas, menos, de ação, puramente, sacramentalizadora (Frei Ary Pintarelli, 1991, p. 32).

Vale também lembrar que o processo de refundação do franciscanismo ocorreu em meio a tensões, principalmente fora das colônias de europeus católicos, pois, houve resistências à presença religiosa de estrangeiros. Por conta da nacionalidade, nem sempre a instalação dos frades se deu de forma harmoniosa, em algumas localidades, como Lages (SC) e São José (SC) os frades foram vistos como parte de um retrocesso social e como uma intervenção estrangeira na cultura nacional, como exemplifica o anexo B.

Entretanto, neste capítulo, interessa ressaltar que o mais anônimo dos frades deixou rastros e cooperou na constituição da memória coletiva dos franciscanos, uma vez que, o cotidiano estruturado nos conventos requer a interdependência de todos os seus membros. Dessa forma, a experiência individual de cada frade no cotidiano, perpetua o carisma franciscano na história, pois, em cada atividade, os frades deixam marcas que, ao serem rememoradas, se transformaram em ensinamento e sabedoria para as futuras gerações de franciscanos.

## 2.1 ESCRITA COMO ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DE UMA ORDEM SOCIAL

Berger e Luckmann (2003, p. 77), na abordagem que fazem do processo de construção da realidade social e da objetivação dessa realidade, dizem que “toda atividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer ação frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão, que pode em seguida ser reproduzido com economia de esforço e que [...] é apreendido pelo executante *como* tal padrão”.

Nesse sentido, movidos por um hábito desenvolvido institucionalmente e fornecedor da direção cotidiana, a experiência educativa contada e recontada pelos frades enfatiza que a oralidade e a escrita eram características centrais dos franciscanos. A vida cotidiana era também permeada por mitos, histórias e fábulas, se assemelhando aos contos/histórias chamadas de *Fioretti* (florilégios, florinhas), em referência às *Fioretti* de São Francisco, muito conhecidas e apreciadas. O texto *Fioretti* de São Francisco, foi escrito em linguagem simples, mas carregada de humanismo, nas quais, salientam a alegria, a confiança, a bondade, a piedade e a fraternidade. Nas *Fioretti*, o poder transformador do amor é central e são as ações humanas de bondade que irão transformar o mundo. Assim, baseado nas *Fioretti*, as histórias escritas/contadas pelos frades, são portadoras de algum ensinamento moral e de bondade. Os frades procuravam educar a população em todos os sentidos, buscando, em cada contação de história, apresentar características do carisma franciscano, rememorando a vida e os ensinamentos de Francisco de Assis.

O contexto vivido pelos frades é de um Brasil ainda de tradição oral, na virada do século XIX e início do século XX. Assim, ensinam a partir da sua experiência e aprendem o ensinar com o vivido pelos outros. Dessa forma, o cotidiano foi vivido para além da catequese, das celebrações dos sacramentos, das construções de conventos, capelas, escolas e igrejas e esteve igualmente repleto de educação e instrução popular. Para tanto, ocuparam-se em compartilhar uma experiência estética de mundo vivenciada por Francisco de Assis e rememorada nas atitudes cotidianas.

Com seus/suas *Fioretti*, também orientavam as pessoas. O frade, nesse sentido, figura como um sábio que sabe dar conselho para a vida diária, pois ele é um sujeito que veio de longe carregado de histórias. Também é aquele que ouve as histórias do lugar em que está e apresenta modos de vida diferentes, ao mesmo tempo em que se conecta com o presente daquele determinado cotidiano.

Geralmente os conventos recebiam a visita dos colonos antes ou depois da missa para conversar com os frades, fazer doações, receber conselhos,

[...] cumprimentar para um dedo de prosa sobre a cara do tempo, a nova cria da vaca, as plantações atrasadas por seca ou chuva demais, a porca teve porquinhos, a vizinha teve nenê, a cunhada foi ao médico da cidade, o boi furou a cerca e o governo já podia ter melhorado a estrada (Frei Elzeário Schmitt, 1991, p. 72).

Os frades eram aqueles que sabiam dar conselhos e assim eram reconhecidos pelo povo e pelas autoridades, por ser um sujeito que “vinha de longe – seja espacialmente, das terras estranhas, ou temporalmente, da tradição” (Benjamin, 2012, p. 219). Dessa forma, foram sempre procurados para os mais diversos tipos de conselhos, sejam eles espirituais, sociais e políticos. Em diferentes fontes aparecem as narrativas dos frades durante o período da construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande que deu origem a Guerra do Contestado, a região oeste dos estados de Santa Catarina e Paraná foram extremamente afetados pela violência. Diante de tais fatos, Frei Ewaldo Bamberg<sup>20</sup> (1981, p. 39) escreve: “Os filhos de São Francisco, seja por sua vocação, seja por pedidos de famílias e autoridades, inúmeras vezes foram mediadores”. Frei Ewaldo Bamberg (1981, p. 39), narra os conselhos dos frades:

Um comandante de regular destacamento do exército, antes de ir ao reduto dos revoltosos, procurou conselho junto dos frades de Palmas. Estes lhe disseram que era muito pequeno o número de soldados e que seu plano de ataque não era suficiente e que era preciso muito mais cautela. Ainda que os frades tivessem insistido, o comandante seguiu sua própria cabeça. Isso resultou na sua morte e na da maioria dos comandados. [...] No seguinte ataque se seguiu o conselho de cautela dos frades.

Na tentativa de transmissão da experiência, os frades retomam fatos que remetem a vida de Francisco de Assis e muitas das experiências repassadas pelos frades narradores são metáforas fioretianas:

O confessionário de Frei Bruno era uma armação muito simples com grande grade, de um lado a cadeira do confessor, do outro lado o banquinho de ajoelhar do penitente. Terminando as confissões, frei Bruno costumava ajoelhar-se naquele banquinho. Um dia, uma respeitável matrona sentou-se na cadeira, querendo confessar-se com Frei Bruno, humildemente ajoelhado atrás da grade. Com todo o carinho, o bom velhinho atendeu a confissão da senhora, confortavelmente instalada na cadeira. Depois as crianças vieram contar que Frei Bruno se confessara com uma velha (Frei Clarêncio Neotti, 2014, p. 196).

---

<sup>20</sup> Frei Ewaldo Bamberg nasceu em Forqueto, Arroio do Meio (RS) em 05 de outubro de 1908. Fez seu noviciado na OFM em 1929, sendo ordenado sacerdote em 1934. Faleceu em Agudos (SP) no dia 22 de Julho de 1992. Trabalhou no oeste catarinense e paranaense, morando no Convento de Palmas (PR) de 1936 a 1940. Rememorando esses primeiros anos de trabalho sacerdotal que em 1978 escreveu suas memórias intitulada: “Franciscanos em Palmas”, que foi publicado nas edições da revista Vida Franciscana em formato de artigos nos anos de 1979, 1980, 1981.

Frei Plácido Rohlf, que viveu em Palmas na década de 1920, era um narrador nato benjaminiano: “contava anedotas e as inventava de mil modos, conforme os ouvintes e as circunstâncias” (Frei Ewaldo Bamberg, 1981, p. 43). As fontes o relatam como um homem que buscava sempre a atualização sobre as coisas espirituais e temporais e que buscava a simplicidade nas pregações para educar e evangelizar. Seus sermões eram curtos e por meio deles repreendia com ênfase quem maltratasse os animais e as plantas, se colocava na defesa dos injustiçados, tudo isso, reflete a racionalidade estética deixada por Francisco de Assis. Frei Ewaldo Bamberg (1981, p. 43-44), narra um dos sermões de Frei Plácido:

Entre 1936 e 1938 largou um de seus famosos sermões, desta vez pequeno mesmo, que ficou gravado na memória da cidade. Foi após a Via-Sacra. Vou procurar reproduzi-lo, como a memória o conservou: ‘Todos acompanhamos os Passos do Senhor Bom Jesus, nosso amado Padroeiro. Foi de fato homem corajoso em aceitar, em nosso nome, tanto sofrimento. Mostrou ser homem. Foi macho. Aqui na casa do Homem Bom Jesus, tão macho, se encontram tantos homens que fazem empenho de serem considerados machos e assim serem chamados. São eles machos perante a mulher e os filhos. Mandam e desmandam. São machos na sociedade, principalmente nas brigas, nas lutas e na lida com os animais. Sempre são e querem ser considerados machos por todo o mundo. Só num lugar e numa mesma ocasião deixam de ser machos. Justamente onde ele fazia honra a esse título. (Frei Plácido, em sua agilidade quase felina vai à esquerda, volta à direita na Mesa da Comunhão). Aqui, nesta casa de Deus; aqui na Mesa do Senhor, falta este macho, falta este homem, falta o chefe da família. Aqui é que ninguém quer ser macho. Aqui ninguém é macho. Aqui tem vergonha de ser homem, de ser chefe. Aqui o macho se esconde atrás da saia da mulher. Aqui manda a mulher fazer o de que ele se envergonha. E muitas vezes nem mesmo dá a mulher a honra cavalheiresca de acompanhá-la até a Igreja. O corajoso macho se esconde. É um fraco, um medroso, um covarde perante toda a família, perante a sociedade, perante Jesus, esse sim, homem macho e corajoso’

*Fioretti*, textos científicos, orações, memórias e registros no livro de crônicas de cada convento, são partes das estratégias de construção de ordenamento do vivido e da memória coletiva. Além disso, alguns frades cultivaram o hábito de escrever suas vivências em diários, parcelas delas publicadas em artigos na revista *Vida Franciscana* e na *Coleção Centenário*.

Para publicar os escritos dos frades, nos mais diversos assuntos, foi fundada uma revista em 1908, no convento de Petrópolis, denominada *Vozes de Petrópolis* que deu origem a Editora *Vozes*. Na tentativa de quantificar a produção escrita dos franciscanos, Frei Clarêncio Neotti (1991) organizou por ocasião da celebração do centenário da chegada dos primeiros frades para a renovação da Província Franciscana da Imaculada Conceição, um livro-catálogo, no qual elenca os textos

escritos pelos frades. Frei Estevão Ottenbreit (1991, p. 6), que fora o ministro provincial na época do centenário, assim se refere a esse volume de produção:

Desde o início da centenária missão os confrades souberam avaliar e valorizar o púlpito da boa imprensa, dedicando-se, num vasto apostolado, em especial à teologia e pastoral, como também participando da reflexão e pesquisa nos mais diversos campos do pensamento humano. Perseguiram como meta sempre a construção do Homem Total. Os muitos títulos comprovam isto.

Além de narradores, cientistas, teólogos, filósofos, poetas, músicos e escritores de romances e novelas, os frades também foram leitores vorazes como indica a narrativa de frei Pedro Sinzig (1917, p. 225) sobre as dificuldades encontradas, em 1900, no convento de Santo Amaro do Cubatão (SC), para cultivar seu hábito de leitura:

Estímulos intelectuais na pequena povoação faltavam de todo. Sendo paupérrima a nossa biblioteca – os recursos não permitiam outra coisa – fui a procura de livros nos arredores, tendo a felicidade de encontrar longa série dos grossos volumes do *Deutscher Hausschatz*. Ah! Foram devorados!... Nem assim chegavam. De Florianópolis, um bom sacerdote austríaco teve a caridade de me enviar os números do celebre diário católico vienense *Die Reichspost*, que me alargava os horizontes.

Pedro Sinzig nasceu em Linz, Alemanha em 1876, chegou no Brasil em 1893 como religioso da OFM e naturalizou-se brasileiro em 1898. Faleceu na Alemanha dia 08 de dezembro de 1952 e seu corpo foi trasladado para o Brasil, tendo seu sepultamento no dia 18 de dezembro, no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro (RJ). Foi músico, compositor, musicólogo, regente de coros e de orquestras, professor e diretor da Escola de Música Sacra, além de redator de jornais e revistas, tendo sido reconhecido por artistas, intelectuais e políticos contemporâneos. Foi membro fundador da Academia Brasileira de música, ocupando a cadeira de número 5<sup>21</sup>. Foi idealizador e fundador do Centro da Boa Imprensa (1910)<sup>22</sup>, dirigiu a revista “Vozes

---

<sup>21</sup> A Academia Brasileira de Música Foi fundada em 14 de julho de 1945 na cidade do Rio de Janeiro. “Como compositor, deixou numerosa obra, na sua maioria religiosa, de estilo tradicional e caráter funcional. Destacam-se Missas, Te Deum, Ladainhas, Hinos Eucarísticos, uma Paixão Segundo São João, um Oratório de Natal e grande número de obras para os diversos serviços religiosos. Escreveu obras profanas, algumas de caráter didático, como os 100 Prelúdios para órgão, as Fantasias sobre modinhas populares para violino e piano e outras de pretensões mais ousadas como as Rapsódia Brasileira e Rapsódia Mariana para piano, posteriormente orquestrada. Deixou inacabada a ópera Frei Antônio”. (Academia Brasileira de Música., 2023).

<sup>22</sup> O centro da Boa Imprensa era uma associação formada por jornalistas católicos que escreviam em jornais, revistas, boletins, livros, almanaques em defesa da doutrina católica. “O principal fim da instituição era o de propagar a “boa imprensa” e difundir a ‘sã leitura’, no território nacional” (Sangenis; Sangenis, 2013, p. 83).

de Petrópolis”<sup>23</sup> por doze anos, de 1908 a 1920; e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)<sup>24</sup>. Escreveu, editou e publicou mais de 40 obras no Brasil e na Europa. A relação de suas obras publicadas encontra-se no anexo A.

Os necrológios dos frades são também uma forma de salvaguardar a memória para o futuro. Nos mais de cento e vinte anos da revitalização da Província Franciscana Imaculada Conceição, todos os frades tiveram seu necrológio publicado na revista Vida Franciscana. Os necrológios narram a vida e os feitos dos frades e frei Olavo Seifert (1990b, p. 7) alerta sobre a perspectiva contida nesses textos: “está presente a antiga norma da caridade: ‘*De mortuis, nihil, nisi bene*’. Dos mortos só se fale bem!”.

A autobiografia, *Reminiscências d’um frade*, tem 427 páginas. Nela, frei Pedro Sinzig (1917) rememora a sua vida, sua infância na Alemanha junto a família, sua formação acadêmica e religiosa, a viagem ao Brasil como missionário, sua participação na guerra de Canudos, seus trabalhos apostólicos, musicais, jornalísticos desenvolvidos nos estados de Santa Catarina e Rio de Janeiro, bem como suas viagens a Europa.

A obra, *Frei Rogerio Neuhaus OFM*, tem 619 páginas. Nela, Frei Pedro Sinzig elabora a biografia de seu confrade que morrerá com fama de santidade. Rememora do nascimento a morte de frei Rogério, valendo-se, das reminiscências escritas por outros confrades e de memórias enviadas por cartas, de um dos irmãos de frei Rogério, que também fora frade franciscano, frei Lindolfo Neuhaus. O biografado frei Rogério Neuhaus, nasceu em 29 de novembro de 1863. Chegou ao Brasil como missionário na segunda expedição em 21 de dezembro de 1891. Trabalhou no planalto catarinense onde adquiriu fama de santidade, participando de maneira ativa na guerra do Contestado (1912-1916)<sup>25</sup>. Faleceu em 23 de março de 1934. Para escrever a biografia, frei Pedro Sinzig (1934, p. 103) relata em uma nota de rodapé, que o próprio frei Rogério registrou suas memórias e para a elaboração dessa obra, utilizou dois exemplares desses registros. Um dos registros foi deixado no convento

---

<sup>23</sup> A revista “Vozes de Petrópolis” deu nome Editora Vozes, que na atualidade é uma renomada empresa brasileira, uma das principais editoras do Brasil, propriedade da PFICB, que publica livros nas mais diversas áreas do conhecimento.

<sup>24</sup> O IHGB foi fundado em 1838 e tem por finalidade arquivar e publicitar os arquivos que abrangem os estudos sociais, históricos e geográficos do Brasil. Para saber mais sobre o IHGB acessar o site: <https://ihgb.org.br/ihgb/historico.html>.

<sup>25</sup> Conflito entre 1912 e 1916 entre os “sertanejos” e o governo e que acabou demarcando as divisas entre os estados de Santa Catarina e Paraná. A muitas narrações dos frades sobre esse conflito nas fontes analisadas.

de Lages por frei Rogério e um outro, o próprio frei Rogério entregou em mãos a frei Pedro, anos antes de sua morte. Ambos foram escritos por volta de 1914.

O processo narrativo de frei Pedro é resultado de um escambo entre aquele que narra/escreve e o que ouve/lê. Enquanto narrador, frei Pedro transforma as histórias narradas em experiência, tanto histórias suas ou as que ouviu de outros, como esclarece em suas reminiscências: “só o que vi e ouvi nos anos da grande guerra, dava para um volume, amplamente documentado” (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 425). Dessa forma, o ouvinte/leitor de suas narrativas não é um sujeito passivo, pelo contrário é peça chave, pois tem a oportunidade de reelaborar e repassar o que leu/ouviu, transformando-se também em um narrador.

Esse pensamento vai ao encontro ao sujeito ordinário de Certeau (2014), que não é um sujeito passivo, mas que inventa e reinventa o cotidiano nas bricolagens entre as estratégias e táticas. Ao escrever sobre suas experiências ou ao escrever a biografia de um confrade, frei Pedro carrega em suas narrações elementos do Carisma Franciscano. São muitos os trechos em que frei Pedro Sinzig (1917, 136-137), no trabalho do narrador, que resulta da coleta de memórias de outros, as transforma em ensinamento para os demais frades. Um dos exemplos é a narrativa construída com base em notícias recebidas dos frades de Blumenau. Relatavam que frei Oswaldo, juntamente com outros companheiros, montados em mulas e cavalos, estavam em viagem de aproximadamente seis dias pela mata, de Blumenau para a serra catarinense. Nessa viagem, de súbito, vê um dos companheiros ser atingido por uma flecha, provavelmente de indígenas que habitavam a região.

Nessa história por ele escrita, diz que o ferido ainda teve força e coragem para manter-se no cavalo e tirar a flecha, mas não resistiu ao ferimento e, mesmo sendo de religião protestante, frei Oswaldo lhe administrou o sacramento com “os carinhos de uma mãe” (Frei Pedro Sinzig, 1917). O ponto alto da narrativa de frei Pedro está na construção quase que épica em relação ao frei Oswaldo, dizendo que após administrar o sacramento da unção dos enfermos ao companheiro morto, volta a montar na mula e segue adiante, de tal modo que até os indígenas, impressionados com tal “heroísmo”, nada mais fizeram, a não ser observá-lo.

Em outro episódio, frei Pedro Sinzig (1917, p. 257-258) relata acerca das andanças pastorais de frei Cândido que, chega exausto em uma casa, após dias seguidos batizando, confessando e atendendo as necessidades espirituais das pessoas que encontrava. Seu desejo era descansar e dormir. Eis que também, nesta

localidade, o povo se reuniu e ele se viu “obrigado a rezar e cantar com eles a novena de costume: terço, ladainha, algumas orações e fazer uma pequena instrução”. Cumpridas tais obrigações deram-lhe algo para comer e com o sacristão que o acompanhava foi para o espaço que lhe indicaram para dormir.

Entretanto, as pessoas que haviam participado das rezas continuaram conversando e, além disso, aos sons de músicas improvisadas começam a dançar de modo que os passos e batidas de sapatos perturbaram seu tão esperado sono. Passam-se mais de duas horas e, embora cansado, não conseguiu dormir. Nem obedeceram ao sacristão que solicitou que encerrasse a dança e a música. Na escrita de frei Pedro Sinzig (1917), frei Cândido, que até então havia mostrado ter “paciência de um santo [...], levanta-se sem fazer barulho, abre cautelosamente a porta e, sem dizer palavra, passa por entre os pares que o olham estupefatos.” Ao tomar o instrumento das mãos do músico, todos, apreensivos, pensaram que o frei iria despedaçá-lo na cabeça do músico. Em vez disso, eis que frei Cândido, com um cortês “dá licença?”, retira-se, e voltando-se apenas na soleira da porta diz calmamente: - “Meus senhores, boa noite!” E assim a dança foi encerrada pela falta do instrumento musical.

Esses trechos são representativos de tantos outros em que o frade escritor, na perspectiva de Certeau (2014, p. 225), realiza um “gesto cartesiano de um corte instaurador, com um lugar de escritura, do domínio (e isolamento) de um sujeito diante do objeto [...] e constrói aí um texto. [...] Fragmentos e materiais lingüísticos são tratados [...] de modo a produzir uma ordem”. Nessa operação, frei Pedro e tantos outros frades escritores/narradores, buscam articular aspectos gestuais e mentais e constroem frases, parágrafos e histórias recheadas de ensinamentos, incluindo as artes de fazer, de agir, evidenciam a santidade, o heroísmo, as estratégias (e táticas) dos frades, em meio aos desafios das atividades pastorais do Brasil no final do século XIX e primeira metade do século XX. Assim, compõem “o artefato de um outro ‘mundo’, agora não recebido, mas fabricado” (Certeau, 2014, p. 225). Os frades, numa função estratégica, procuram, com a escrita, transformar a realidade,

[...] fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo. [...] As coisas que entram na página são sinais de uma ‘passividade’ do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas de seu poder de fabricar objetos (Certeau, 2014, p. 225).

Estar no cotidiano das comunidades exigia dos frades a apropriação de um espaço exterior, uma vida próxima às pessoas e, portanto, imiscuído das práticas realizadas nos lugares. As andanças de um lugar a outro os colocavam em contato com etnias diferentes e modelos próprios de organização sociocultural. Desse modo, muitos aspectos interferiam no processo de evangelização, pois entre os saberes locais e os dos frades alemães, muitos foram, provavelmente, os contrastes e enfrentamentos.

Figura 6 – Frades acampados, em viagem missionária (década de 1910)



Fonte: Frei Pedro Sinzig (1934)<sup>26</sup>.

Chegar montado num burro, num cavalo, numa mula, montar acampamento, deslocar-se por longas horas para alcançar fiéis, enfrentar intemperes, apropriar-se das condições objetivas da vida comunitária de um local, tais como alimentação e diferenciações na linguagem, provavelmente representavam grandes desafios.

A história do franciscanismo é construída ao passar pela reflexão e narração dos frades. Seguindo a lógica do pensamento benjaminiano, a história depende de

<sup>26</sup> Essa fotografia está na memória coletiva dos frades. Ela representa os primeiros anos dos frades alemães no sul do Brasil. A fotografia é do final do século XIX e provavelmente de uma viagem dos frades entre Lages e Blumenau. Encontra-se na biografia de frei Rogério Neuhaus com a seguinte legenda: “Almoço ao ar livre. – Frei Rogério, á esquerda; - atrás, em pé, o irmão Frei Humberto; - ajoelhados, o irmão Frei Willeharde (no centro) e Frei Bruno; - a cavalo, Frei Redempto; - no fundo, o indígena Gregório” (Frei Pedro Sinzig, 1934, p. 186). O indígena Gregório, provavelmente tenha ficado órfão, nas disputas por território que eram comuns no século XIX em todo o território do Sul do Brasil, e foi deixado ainda criança no Convento de Lages, tendo sido criado pelos frades. Recebeu o nome de Gregório em homenagem ao Provincial da Província Santa Cruz da Saxônia a qual estavam ligados, frei Gregório Janknecht (1829-1896).

como a narramos, tanto a história pessoal quanto a de um grupo. A memória individual de cada frade retrata o franciscanismo. Segundo Pollak (1989; 1992), os acontecimentos, os lugares, as lembranças, os esquecimentos e as relações sociais permeiam e orientam as memórias individuais. Assim, ao tomar consciência de suas vivências, os frades inventam, contam, narram histórias para deixar algo além de sua mera existência para a posteridade.

A autobiografia do frei Pedro Sinzig é expressiva para mostrar como os escritos serviam de exemplo para valorizar seus feitos e acentuar seu legado religioso. O claro estilo personalista, contrariando os princípios do franciscanismo, e que destaco a seguir, configuram a ambiguidade entre a Ordem Franciscana e a pessoa.

- Reminiscências? Mas isto não é falar de si mesmo?
- Sim, sr., em parte é falar da própria pessoa.
- E então? Não acha que isso fica um tanto esquisito na boca de um religioso que devia primar pela humildade?
- Conforme, meu caro senhor. No tribunal da penitência tenho que falar constante e exclusivamente de mim mesmo; mais, tenho que dar-me um título: eu pecador; mas não me consta tudo isso seja contra a humildade.
- Nem eu o digo. Compreendo que tudo depende do motivo e do modo.
- Pois então! Não pode imaginar um motivo justo, bom, nobre que leve um obscuro franciscano a escrever as suas reminiscências?
- Prefiro que me diga, sr. Padre. [...]
- Quero levar os leitores para dentro do convento, onde só tenham que abrir os olhos para ver o que corresponde e o que não corresponde á verdade.
- Compreendo; muito bem. Desiste então de estender as Reminiscências á infância, á primeira mocidade?
- De forma alguma, meu caro senhor, e por motivo muito simples. Que ideia errônea, por exemplo, fazem inúmeros seculares da vocação! Pensam que os conventos se povoam de corações partidos, de noivas abandonadas, de rapazes sentimentais ou de desiludidos. Como mudariam de opinião, se soubesse da realidade! [...]
- Nada mais justo do que os motivos que levaram V. Reva. a escrever suas recordações.
- Contudo há outra razão ainda, que me fez escrever...
- Será indiscrição perguntar qual seja?
- Oh! Não, meu senhor. Tenho até prazer me dizer-lhe. Vão passar-se no dia 20 de Outubro do ano corrente (1917), 25 anos depois da minha recepção do hábito franciscano. O que devo á Ordem só Deus o sabe. Como poderei melhor agradecer, do que apresentar ao mundo um quadro fiel da vida religiosa? (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 6-8).

Nessa autobiografia, é construída uma narrativa de convencimento, usando a produção do eu à serviço dos preceitos da “humildade”, um suposto ego obliterado para não cair em pecado de soberba. Portanto, há uma ambiguidade ao escrever de si como franciscano pois, como ser humilde ao falar de si? Para resolver tal problema argumenta que ao contar sua vida conta a vida religiosa. Pelo poder que exerce ao representar a palavra de Deus, pois quando fala de si (o frade), fala da Ordem, produz um pretense discurso de verdade. Desse modo, o esforço escriturístico do autor em

persuadir o leitor de que sua história não é de si, mas da Ordem, merece ser transmitida como uma experiência qualificada pelo poder a ele concedido e pelo uso desse poder, de tal modo que vale ser conhecida e, quem sabe, seguida. Enfim, a autobiografia caracteriza-se como um guia reforçando a Ordem Franciscana e a realização de si dentro da Ordem.

Cabe ressaltar que no passado havia um contingente significativo de pessoas que não eram letradas no Brasil. Assim, aliado ao capital simbólico (Bourdieu, 2002) inerente a um frade por ser porta-voz da palavra divina e da Ordem Franciscana, outro fator lhe confere poder, a saber, ser um dos poucos que leem e escrevem no Brasil daquela época. Neste sentido, são eles que tem o poder de eternizar a palavra com a preservação da escrita. O poder de escrita assentado na memória tem o poder de fazer história. Em suma, escreve-se pela ordem para dentro da Ordem conferindo um status ao autor pelo modo e/ou tipo de experiência transmitida.

Tratar do cotidiano dos franciscanos é montar e remontar suas experiências com se monta um quebra cabeça, por meio das memórias narradas e registradas pelos frades. Como não é possível lembrar-se de tudo, registrar tudo, narrar tudo, as memórias são entrecortadas, dinâmicas, sem controle. Os frades narram o vivido como uma herança, uma transmissão. Sabem contar histórias como estas deveriam ser contadas, pois transmitem suas experiências como herança, assim como Benjamin (2012, p. 123), os frades narram suas memórias com “palavras tão duráveis, que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração”.

## 2.2 NARRAÇÃO: EXPERIÊNCIA COMUNICÁVEL

A transmissão e/ou comunicação decorre da experiência cotidiana. Experiência entendida como o acúmulo de uma vida, que consegue atravessar a passagem do tempo. Dessa forma, as narrativas se assemelham ao trabalho artesanal, que carrega em si as marcas do artesão, pois, o “dom” de ouvir e recontar as histórias vividas ou ouvidas do outro se assemelha ao tédio do trabalho manual. Dessa forma, por meio das narrativas orais e/ou escritas, os valores do franciscanismo ultrapassaram e foram mantidos nos diversos tempos.

Em “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Walter Benjamin enaltece a capacidade narrativa do escritor russo Nikolai Leskov que começara a escrever aos 29 anos, depois de muito ter viajado pela Rússia, narrando

assim, suas experiências retomadas pela memória por meio de contos (Benjamin, 2012). O narrador benjaminiano, é aquele que escuta, acolhe, recolhe elementos dispersos do cotidiano e ao recordar os (re)elabora e assim transmite o que ouviu, viu e aprendeu em sua rede de sociabilidade.

Para Benjamin, a arte de narrar é um meio de comunicação que está em vias de extinção na modernidade porque “as ações da experiência estão em baixa” (Benjamin, 2012, p. 2014), uma vez que, a experiência coletiva, comunitária (*Erfahrung*) perdeu seu espaço para a experiência individual e solitária (*Erlebniz*). A *Erlebniz*, caracterizada como uma vivência, ocorre na individualidade, dissociada das relações comunitárias, pois, encontra-se no campo das sensações imediatas, no automatismo que não gera reflexão e desaparece no momento em que são vividas. Ou seja, o sentido da vivência se reduz à sua própria duração.

A experiência (*Erfahrung*), por sua vez, emerge das interações, das trocas, das comunicações, das relações construídas. A experiência é, portanto, a vivência refletida, partilhada, comunicada, que está atrelada a uma sabedoria de vida, e que ao ser recordada, pode ser repassada a outros por meio da arte da narração. Se a vivência se reduz à sua própria duração, a experiência, se prolonga, ressoa, ecoa na história, e mesmo tendo sido vivenciada no passado, está sempre à espera de ser recordada e atualizada no presente. Essa sobreposição da vivência à experiência e conseqüentemente o quase desaparecimento da narração é resultado, segundo Benjamin (2012), de transformações na economia, na cultura e na vida social com o advento da modernidade, uma vez que, o trabalho artesanal foi abruptamente mecanizado nas linhas de montagem das fábricas e a narrativa como forma de comunicação artesanal foi sendo substituída pelo romance e pela informação com os avanços da técnica.

A técnica, portanto, automatizou as relações humanas, gerando a perda do sentido comunitário da vida, causando assim o empobrecimento da experiência. Em outras palavras, Benjamin ressalta que, com as transformações ocorridas no mundo do trabalho e com a formação dos grandes centros urbanos o ser humano foi aos poucos perdendo sua subjetividade e se homogeneizando a massa. A experiência tanto para ser acumulada quanto para ser transmitida exige um tempo de reflexão, de contemplação e de absorção, o que a esteira da produção na modernidade não mais favorece (Benjamin, 2012).

Em Benjamin, “o recordar é o desejo de uma ausência, quer dizer, um espaço livre para a criação” (Mitrovitch, 2011, p. 98). É isso que os frades fazem, constantemente criam narrativas que evidenciam os elementos da estética franciscana, sobretudo em relação a pobreza evangélica à qual está ligada ao despojamento. Dessa forma, todas as vezes que os frades falam do presente ou do passado continuam realizando um trabalho de manutenção da memória coletiva da Ordem Franciscana. Em Benjamin (2012, p. 38), “o principal para o autor que rememora, não é absolutamente o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência”, ou seja, os frades vivem o presente constantemente ligados a um passado que os coloca em permanente e inventiva ação. Assim, ao compartilharem as histórias no grupo, os frades transformam suas vivências em experiências sensíveis que passam a ser recontadas através dos tempos, pois estão carregadas de significados e ensinamentos coletivos.

Dessa forma, os frades se transformam em narradores benjaminianos na medida em que narram o vivido. Foi no cotidiano que os frades chocaram os ovos da experiência (Benjamin, 2012), e por meio de suas narrativas, espalharam ensinamentos que contribuíram com o desenvolvimento da vida social, religiosa, cultural e intelectual por onde passaram, assim como afirma Freyre (1959, p. 34): “que sem deixarem de ter sido bons religiosos, foram também homens a serviço do Brasil: na ciência, nas letras, na administração, no ensino”.

O frade ao recordar suas memórias é sempre perpassado pela memória coletiva do grupo a que pertence. A memória particular de um indivíduo é apenas uma perspectiva sobre o conjunto da memória coletiva (Halbwachs, 2006). Nesse sentido, a memória está imbricada às relações sociais estabelecidas pelos indivíduos. Um indivíduo isolado socialmente de um grupo seria capaz de ter somente vivências e não experiências que pudessem ser narradas e tomadas como fonte de inspiração para futuras gerações.

Os frades utilizaram das narrativas para construir a memória, como um esforço de permanência para que suas experiências não se perdessem no tempo, numa espécie de guarda, de “preservação”. Isso não quer dizer que toda a história dos franciscanos no Brasil tenha sido narrada e registrada nos termos da coesão apresentada por Halbwachs no cultivo da memória; pois, segundo Pollak (1992), a memória é também produzida por meio da coerção, de enquadramentos, é seletiva e feita de esquecimentos. No “jogo salutar entre esquecer e lembrar, entre reter e deixar

ir, compõe a trama das histórias que precisam ser recordadas para serem reinventadas” (Meinerz, 2008, p. 70).

Segundo Gagnebin (2014, p. 218-219) “as formas de lembrar e de esquecer, como as de narrar, são os meios fundamentais da construção da identidade, pessoal, coletiva ou ficcional. Ora, memória, história e identidade, para Benjamin, sofrem transformações históricas”, as histórias narradas apresentam o intercâmbio de experiências como uma constante na vida dos frades. A memória é alimentada pelo lembrar/recordar, que sobrevive no limiar do esquecimento. As narrativas são construídas na constante preocupação de manter a memória coletiva do grupo em todas as situações do cotidiano.

No necrológio do frei Félix Schorer<sup>27</sup> que se encontra na revista Vida Franciscana, lê-se:

Rezam-se as orações prescritas em todas as casas da Província e o confrade vai descansar em uma sepultura, bem ou mal arrumada. Aos poucos vai ele caindo no esquecimento. Não importa a atividade que teve em vida. Vida intensa ou obscura, os confrades mesmos esquecerem-na dentro em pouco, quanto mais os leigos! Alguns passam pela história da Província tão desconhecidos que, embora vivendo largos anos, os demais frades só tomam conhecimento de suas existências exatamente por um telegrama lacônico, noticiando a morte deles (R. P. Jub. Frei Félix Schroer, 1967, p. 59).

Os frades se reconhecem parte de uma história comum, agem e se comunicam no presente carregando consigo uma história coletiva alimentada com o passado, como demonstra a narrativa de frei Ewaldo Bamberg (1979, p. 38-39) em que discorre sobre o cotidiano no convento de Palmas (PR):

Na Semana Santa, na festa do Espírito Santo, na festa do Bom Jesus, no Natal e noutras ocasiões previamente combinadas, a comunidade se encontrava plena na residência, ao menos durante alguns dias. Tenho grande saudade desses dias de perfeita vida franciscana em comum. Pelo que nos conta a ‘Crônica oral’ da residência de Palmas, esses encontros se moldavam totalmente no espírito da Regra e do Testamento de São Francisco. Muito amor e caridade, demonstrações de apreço, expansão livre dos pensamentos, nova animação, conforto para as decepções ocorridas, alegria comum pelas coisas agradáveis, dissipação das ligeiras nuvens de tristeza, conselho para certas dificuldades e outras coisinhas mais. [...] Alguns confrades, e eu também, ainda nos lembramos desses encontros fraternos.

Devido as dimensões da paróquia de Palmas (PR), poucas vezes no ano os frades conseguiam estar todos reunidos no convento. Nas narrativas desses encontros frei Ewaldo faz uso da memória coletiva da Ordem, remetendo-se aos primeiros anos do século XIII, com Francisco de Assis e seus primeiros companheiros.

---

<sup>27</sup> Frei Félix Schorer nasceu em Meschede, Alemanha em 30 de novembro de 1879 e faleceu em Agudos (SP), em 12 de outubro de 1963.

A narrativa de frei Ewaldo pode ser comparada com a do primeiro biógrafo de São Francisco, frei Tomás de Celano:<sup>28</sup>

Quando se reuniam em algum lugar, ou se encontravam em no caminho, como acontece, resplandecia o fogo do amor espiritual, espargindo sobre todo amor as sementes da verdadeira afeição [...]. Eram desejosos em reunir-se, mais desejosos de estar juntos; mas pesada de ambas as partes era a separação do companheiro, amargo o afastamento, penoso o momento da partida (Fontes [...], 2004, p. 224).

Na elaboração das narrativas, os franciscanos acessaram suas memórias e as memórias de seus confrades, não apenas relatando fatos do passado, de maneira saudosista, mas atualizando no presente os desafios e conquistas como forma de lutar contra o esquecimento. Assim, as narrativas construídas “têm por tarefa lembrar aos vivos de amanhã a existência dos mortos de ontem e de hoje” (Gagnebin, 2014, p. 15).

A memória (re)construída no presente só é possível porque o passado deixou restos, cacos, rastros. Neste sentido, a memória é dialética, pois o lembrar e o esquecer caminham juntos, assim como o presente carrega o passado. A memória é a luta contra o esquecimento ao mesmo tempo em que é atravessada por ele. Dessa forma, Benjamin endossa que não se deve manter uma ideia de uma memória saudosista, mas de como a memória proporciona possibilidades de conhecimentos e aprendizados no presente por meio da experiência coletiva compartilhada. Nessa perspectiva, as narrativas elaboradas pelos frades são um meio de sobrevivência para não morrerem por inteiro, são os rastros de sua passagem na esperança de que suas memórias pudessem ser conservadas na posteridade (Gagnebin, 2014).

Os frades também são identificados como narrador tradicional descrito por Benjamin, porque viveram o cotidiano na contramão da modernidade, mesmo inseridos na modernidade, não sucumbiram, e alimentados pela memória coletiva da Ordem não substituíram a experiência pela vivência. No cotidiano franciscano predominou a prática da convivência, do diálogo, da vida em comum, do contar e ouvir histórias, ou seja, constituíram-se em homens ricos em experiência.

Frei Pedro narra as histórias do frei Oswaldo e frei Candido como se ele mesmo fosse parte dos acontecimentos, embora os fatos tenham ocorrido muitos anos antes da publicação de suas “reminiscências”. A narrativa é o diagnóstico de um

---

<sup>28</sup> Frei Tomás de Celano é biógrafo de Francisco de Assis. Escreveu a biografia chamada de ‘Vida Primeira’ por volta de 1228 ou 1229 a pedido do Papa Gregório IX após a canonização de Francisco. Já a ‘Vida Segunda’ foi escrita após um pedido do Capítulo Geral da Ordem em 1244. As duas biografias se encontram nas Fontes Franciscanas (Fontes [...], 2004).

tempo, que não necessita da presença física daquele que vivenciou determinado acontecimento, nem de estar presente em uma dada localidade.

Ao mesmo tempo em que ouve uma história ou acessa uma memória, ao repassá-la enquanto experiência, o narrador acrescenta elementos da sua subjetividade, assim como frei Pedro Sinzig (1917, p. 8) deixa transparecer: “não tenho que relatar fatos grandes e extraordinários, mas creio que até a vida mais obscura não deixa de apresentar algum lado bem interessante”.

As experiências narradas por frei Ewaldo, escritas em 1978, depois de mais de 40 anos de sua vivência na região de Palmas (PR) e publicadas na revista *Vida Franciscana* nos anos de 1979, 1980 e 1981, terminam assim: “até hoje me lembro ao vivo destes pormenores calados profundamente dentro de mim. E tenho saudades” (Frei Ewaldo Bamberg, 1981, p. 54).

O conceito de memória de Benjamin (2012) e identificado nos frades, não é mera nostalgia, saudosismo. É um processo mimético que é composto por um movimento dialético de ir para trás em busca do passado por meio das recordações, e de partir para frente no sentido de mobilizar, (re)elaborar e atualizar o passado no presente. As narrativas possuem uma proximidade com aquele que lê, pois são escritas para serem partilhadas entre seus confrades como indica frei Ewaldo Bamberg (1979, p. 32):

Disse no início que este trabalhozinho tem por escopo esclarecer as atividades dos Franciscanos em Palmas, sem pretensão de fixar datas, dar nomenclatura perfeita ou acontecimentos minuciosos. Antes, quero que seja sinal de gratidão da Província aos veteranos missionários, e um simples lembrete aos jovens confrades, que já não sabem o quanto custou aos velhos construir tudo aquilo. Hoje temos meios de condução mais rápidos, temos estradas mais viáveis, temos comunicações de telefone, rádio, jornais, temos casas mais convidativas e temos outras facilidades. Que os jovens e os velhos se utilizem desses avanços é a coisa mais sensata, lógica e louvável, se em proveito da cura d'almas. São meios de produzir mais em menos tempo.

A memória é dinâmica, orgânica, está em movimento para ser elaborada e reelaborada. Pelas narrativas selecionadas de frei Pedro e frei Ewaldo é possível compreender que a memória dos frades não é uma memória individualista, fechada, saudosista. Os frades não rememoram sua própria vivência, mas trata-se de uma memória que pertence a um grupo social. Embora a lembrança seja pessoal, o sentido da narrativa é indicar, enaltecer e fortalecer o grupo, assim como apresentar a estética franciscana de ser e estar no mundo.

Dentro da perspectiva de que a memória está alicerçada na tessitura de Penélope que engloba o lembrar e o esquecer, muitos fatos foram esquecidos, deixados de lado propositalmente para que somente fatos merecedores entrassem para história. Sendo assim, a OFM não é um monólito, local onde reina a paz e o bem, porém são raríssimos os registros nas fontes que narram as experiências dos frades como fatos negativos, brigas e intrigas. Quando há alguma menção é tudo suavizado como na narrativa de 1936 dos imbrólios entre a fraternidade do convento de Palmas (PR) com o bispo também franciscano, Dom frei Carlos Eduardo de Saboia Bandeira de Melo<sup>29</sup>: “Nem sempre a harmonia da comunidade com o Prelado fulgia como Cristo recomendara e o Seráfico Pai praticara” (Frei Ewald Bamberg, 1981, p. 51). Destaco outro exemplo de suavização dos pontos negativos que está no necrológio de frei Edmundo Binder<sup>30</sup>, “era de reações bruscas e às vezes violentas. Quem não o conhecia, como também seu gênio, mantinha distância. Parecia que causava medo. Não era simpático para todos, se bem que muitos o admiravam” (Frei Deodoro Kaufhoud, 1981, p. 172-173).

Nas narrativas de exaltação dos frades de frei Ary Pintarelli (1991, p. 34), também encontramos a suavização das dificuldades dos frades com o povo: “Erraram eles, alguma vez? – Não alguma, mas muitas, sem dúvida: eles próprios confessaram, humildemente, que muitas vezes perderam a paciência e deixaram escapar palavras que não queriam, ou mais duras do que o necessário”. Nesse tipo de narrativa os frades demonstram as tensões entre os frades, entre os frades e os representantes da Igreja, entre os frades e o povo. Todo silenciamento tem a intenção de construir a imagem do franciscanismo na qual reina a fraternidade. Porém, como em qualquer grupo humano houve tensões, conflitos de ideias, de interesses e tensões sociais nos mais diversos níveis.

Ao narrarem as experiências de um determinado tempo, que está carregado de outros tempos, os quais, frades rememoram, adentrando na memória coletiva e (re)significando os ensinamentos contidos na Regra de Vida. Nessa perspectiva, frei

---

<sup>29</sup> Dom Frei Carlos Eduardo de Saboia Bandeira de Melo, nasceu em 1 de julho de 1902 em Petrópolis (RJ). Em 1911, com apenas 9 anos ingressou no Seminário Seráfico dos Franciscanos em Blumenau (SC). Fez seu noviciado na OFM em 1918 e ordenou-se sacerdote em 1925. Em 1936 foi eleito e sagrado bispo da Prelazia do Senhor Bom Jesus da Coluna dos Campos de Palmas, atualmente denominada de Diocese de Palmas – Francisco Beltrão (PR). Faleceu em 7 de fevereiro de 1969.

<sup>30</sup> Frei Edmundo, nasceu em Jaraguá do Sul (SC) em 25 de agosto de 1911 e faleceu em Gaspar (SC) no dia 31 de março de 1977.

Hugo Baggio<sup>31</sup> (1985, p. 32) ressalta que o passado deve ser encarado “como uma realidade na qual se embasa o futuro, uma vez que não saberei conversar com o futuro, se não souber ouvir o passado”, sendo assim, o ato de escrever é parte de um processo contínuo de aprendizado e um esforço de rememorar os acontecimentos vividos para as futuras gerações.

Os registros das narrativas que são tecidas na e com a experiência dos frades, ajudam a conservar a ordem social da Ordem Franciscana com um arcabouço de valores e ensinamentos religiosos, sociais, morais e culturais, tidos como relevantes pela instituição, tanto para o presente quanto para o futuro. As narrativas discorrem sobre aspectos do cotidiano, segundo Pollak (1992), expressam a imagem que os franciscanos tinham de si e gostariam que fosse repassada aos outros. No próximo capítulo, apresento o cotidiano feito experiência, na vida conventual.

---

<sup>31</sup> Frei Hugo, nasceu em São Paulo em 1927 e faleceu em São Paulo em 1988.

### 3 EXPERIÊNCIA NO COTIDIANO DOS CONVENTOS FRANCISCANOS

“Quem viaja tem muito que contar, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante” (Benjamin, 2012, p. 214-215).

Com a epígrafe que abre este capítulo a ideia reside em pensar que mesmo o frade que nunca saiu do interior e dos arredores do convento, tal como o camponês sedentário, carrega a potência da narração nos termos benjaminianos. Interessante perceber que o cotidiano nos conventos era perpassado pela convivência, pelo diálogo, pelas trocas de experiências, pela lassidão do tempo, o que demonstra um estilo de vida a contrapelo da modernidade. É por meio desse modo de vida comunitário que as experiências se formam e tem a possibilidade de serem comunicadas às gerações atuais e futuras.

O tempo vivido na companhia dos confrades, embora repleto da disciplina própria dos conventos, com tempos demarcados pelo relógio ou som do sino; é um tempo valioso, de trocas, de aprendizados, de convivência, ou seja, é o tempo kairós, o tempo oportuno para revigorar as forças para uma nova viagem em missão. Esse tempo de vivência fraterna no interior dos conventos é alimentado pelas trocas entre o narrador viajante e o narrador sedentário.

O camponês sedentário e o marinheiro comerciante, descritos na epígrafe, são arquétipos daqueles que possuem a arte de narrar, de contar histórias e assim intercambiar e transmitir conhecimentos. Nesse sentido, na história dos franciscanos os arquétipos dos narradores se misturam.

O modo de vida ditado pela modernidade não é mais propício a experiência e a narrativa, pois atacam de maneira sistemática o tempo e a memória. Porém, o estilo de vida adotado no cotidiano dos conventos vai no sentido de preservação da experiência e a contrapelo das características que marcam a sociedade moderna, uma vez que, o cotidiano da vida franciscana está imerso no diálogo, na escuta do outro, na contemplação, no trabalho manual, na escrita, na narração de suas atividades. Frei Ewaldo Bamberg (1980, p.128), em suas missões, na década de 1930, diz:

O povo tinha tempo e vinha reunir-se em torno da Capela. O Padre dispunha do mesmo tempo. Padre e povo estavam reunidos com a mesma finalidade. Se os moinhos de Deus moem devagar, devagar penetram as palavras de seu Servo no trigo. Paciência gera mais paciência. Muitos frutos maduraram nos primeiros anos. Outros demoraram a florir e a espigar.

É possível refletir sobre a vida ordinária, acessando as narrativas registradas pelos frades e as fotografias que, também apresentam cenas recortadas da vida no convento, uma forma de habitar o mundo. Nesse sentido, neste capítulo, objetivo “juntar pedaços, reconstituir fragmentos, identificar e valorizar indícios considerados secundários” (Sangenis, 2006, p. 39) das memórias dos frades e assim reelaborar elementos das práticas ordinárias e educativas dos frades no cotidiano conventual.

### 3.1 CONVENTOS: BASE ESTRUTURAL DA AÇÃO MISSIONÁRIA

À luz de Certeau, o interior da rotina conventual é o espaço no qual aparecem as características dos frades como sujeitos ordinários, comuns, reconhecidos como inventivos, criativos e astutos, embora em muitos momentos estejam revestidos por uma aura que os diferenciam na sociedade. Nesse sentido, o cotidiano dos frades é tomado como um espaço da sociabilidade, de produção de conhecimentos e de formação de si, ou seja, da construção de subjetividades. O cotidiano é, portanto, a dinâmica dos modos de existência do ser frade, pois, “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer” (Certeau, 2014, p. 189). No cotidiano, os frades agem dentro das estratégias como também, em muitos momentos, por meio das táticas.

Uma certa aura, que torna os frades sujeitos extraordinários, resulta do processo de aquisição dos capitais simbólicos (Bourdieu, 2002) da Igreja Católica e da formação cultural e intelectual. Todavia, na vida cotidiana dos conventos todos são irmãos e iguais, independente de cargos e/ou estudos, como escrito por frei Pedro Sinzig (1917, p. 210-211):

A Ordem tem algo de democrático e de monárquico a um tempo. O superior da casa, e mesmo o da província e até o Geral de toda Ordem, está vestido como o mais humilde de seus súditos, não tendo nem um só distintivo em todo o seu hábito que a faça conhecer como tal. É eleito no chamado Capítulo, provincial ou geral, e dele, de acordo com o definitório, isto é, conselho, depende a permanência dos demais religiosos neste ou naquele convento, bem como os seus cargos de professores ou cura d’almas, coadjutores de pároco ou qualquer outro. Eleito um novo superior, o que se dá de três em três anos, o antigo volta a ser simples religioso, sem o menor privilégio para a sua pessoa. Pode um religioso gostar muito de um lugar ou de uma ocupação, mas contra a *litterae obediales* não há remédio.

O modelo de vida dos frades estava arraigado na experiência típica da sociedade tradicional. Tal experiência estava alicerçada num conjunto de práticas cotidianas ligadas a uma estética de vida comunitária, na qual predominava a partilha, o diálogo tendo sempre como modelo a seguir, a vida e os ensinamentos de Francisco de Assis. Com o estilo de vida comunitário, as vivências individuais se transformam em experiência coletiva.

Ao narrarem seu cotidiano, os frades celebram os heróis comuns (Certeau, 2014) que são eles mesmos. No cotidiano demonstram suas virtudes e seus pecados, na linguagem religiosa. O funcionamento da vida conventual se dava na dependência de uns sobre os outros. Cada frade recebia uma função específica a ser desenvolvida. Assim, a vida num convento franciscano pautava-se pelo ritmo artesanal de produção, marcado pelo coletivo e pelo orgânico. O trabalho manual como parte da vida cotidiana não foi deixado de lado nem mesmo durante a viagem de navio entre Alemanha e Brasil como rememora frei Pedro Sinzig (1917, p. 82): “nem mesmo o trabalho corporal faltava de todo. Um dos irmãos leigos tinha nos ensinado a confecção de rosários, pelo que, munidos de contas, arame e tenaz, com fervor nos demos a nova ocupação”. A descrição de frei Estanislau Schaette<sup>32</sup> (1942, p. 21-22), sobre os frades do convento de Blumenau (SC), também demonstra a relação de interdependência na distribuição dos trabalhos no cotidiano bem como as habilidades de cada frade colocadas à serviço da coletividade:

Encano-Baixo terá breve uma grande e bonita capela, que está sendo construída com grande entusiasmo e zelo pelo padre guardião fr. Gentil. [...] O venerando velhinho fr. Beda cuida de sua “Glória” (com G maiúsculo) que é um bairro do Garcia, e cuida também de sua glória (com g minúsculo) que é a construção de sua nova capela. [...] Fr. Bonifácio missiona pelas redondezas, consolando os seus polacos, nesta hora amarga (Segunda Guerra Mundial - a invasão da Polônia) [...]. Isto quanto a vida da paróquia. E o que diremos da vida do Convento? É de vinte o número de irmãos. Destes, 8 já passaram dos 65 anos de existência. Fr. Pacômio: chegou, viu, gostou... e ficou em Blumenau. Este ano, completa 50 anos de estadia no Convento. Jubilado, faz jus ao merecido descanso. Fr. Florêncio festejará, a 20 de março o jubileu de ouro. O virtuoso alfaiate terá, sem dúvida, uma festa condigna. Fr. Nicodemos é dos longevos de Blumenau. O nosso sapateiro é dos que sofrem de “blumenauite” doença incurável para os médicos e que dá em quase todos os que bebem água de Blumenau. Está forte ainda. Fr. André é outros que sofre da mesma doença de fr. Nicodemos. É cozinheiro há quase meio século. Este santo velhinho é impagável. Às vezes batiza, por engano, a água com leite, em vez de batizar o leite com água. Ultimamente, graças à grande abundância de leite, tem deixado muito pagão sem batismo. Fr. Simeão, velho blumenauense, foi a Palmas passear e ficou 25 anos. Voltou

---

<sup>32</sup> Frei Estanislau Schaette, nasceu em Elberfeld, Alemanha, em 1872. Faleceu em Petrópolis em 1960.

agora aos seus antigos pagos, onde deseja dormir o último sono. Fr. Ano: sacristão. Sofre também de blumenauite. Está realizando sua última vontade. Fr. Romano: outro da era antiga. Trabalhou muito. Descansa agora. Fr. Nicomedis: sacristão da capelinha dos doentes e refeitoreiro também. É dos que estão mais para descansar. É já de idade. Fr. Fortunato: quando entrou para o Colégio foi promovido pelos alunos, de soldado raso a cabo. E neste posto ficou durante 25 anos. No dia de seu jubileu, promoveram-no a capitão. A promoção não agradou. Passou então a coronel, título que conserva até o presente. Consta que o querem fazer general em breve. Fr. Romualdo: sacristão da Igreja Matriz. Perito em armar presépios. Fr. Cristiano: padeiro exímio, dos melhores da Província. Fr. Lucas: ferreiro, funileiro, operador-auxiliar cinematográfico e manipulador da varinha mágica para encontrar água. [...] Fr. Anselmo: cozinheiro mor do Convento e do Colégio. Sente-se mais à vontade depois da reforma por que passou o seu reino culinário. Fr. Elmar: enfermeiro, eletricista etc. Este irmão faz tudo. É um elemento precioso. É jovem ainda. Fr. Paulo: é o novo porteiro de Blumenau. Não sabemos se já contraiu a doença. Fr. Honório: caçula dos irmãos professos. É padeiro e trabalha na “colônia”, onde cultiva muita horta para o consumo dos 37 frades do Convento. Fr. Estevão: barbadinho. É um bom encanador. Dizem que às vezes não pode dormir bem, não sabendo se deve colocar o cobertor por cima ou por baixo da barba. Fr. Hipólito: marceneiro de qualidade. Fr. Fernando: Refeitoreiro. Fr. Marcílio: alfaiate auxiliar (Frei Estanislau Schaeette, 1942, p. 21-22).

Frei Estanislau teve esse texto publicado na revista *Vida Franciscana*. Registra que a fraternidade conventual estava composta por 37 frades, sendo 17 sacerdotes que se dedicavam aos trabalhos da Paróquia e do Colégio Santo Antônio e cerca de 20 irmãos leigos que se dedicavam aos trabalhos internos do Convento e do Colégio. Na narrativa é possível identificar também as diferentes funções exercidas pelos frades. Há, no franciscanismo, um apreço pelo trabalho manual. O trabalho artesanal é parte inerente da história franciscana. Nisso, os frades, também buscam inspiração na vida de Francisco de Assis, conforme consta nos Escritos do primeiro século do franciscanismo:

E eu trabalhava com as minhas mãos (cf. At, 20,34) e quero trabalhar; e quero firmemente que todos os outros irmãos trabalhem num ofício que convenha à honestidade. Os que não sabem trabalhar aprendam, não pelo desejo de receber o salário do trabalho, mas por causa do exemplo e para afastar a ociosidade (Fontes [...], 2004, p. 189-190)<sup>33</sup>.

E os irmãos que sabem trabalhar trabalhem e exerçam a mesma arte que conheceram, se não for contra a salvação da alma e se puderem executá-la honestamente. Pois diz o profeta: Comerás do trabalho de tuas mãos; serás feliz e terás bem estar (Sl.127,2); e o apóstolo: Quem não quer trabalhar não coma (cf. 2Ts 3,10); e Cada um permaneça naquela arte e ofício em que estava quando foi chamado (cf. 1Cor 7, 24). E pelo trabalho possam receber todas as coisas necessárias, exceto dinheiro. [...] E seja-lhes permitido ter as ferramentas e os instrumentos apropriados ao seu ofício (Fontes [...], 2004, p. 170).<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Esse trecho faz parte do Testamento de Francisco de Assis, ditado a um dos seus companheiros em seus últimos dias de vida.

<sup>34</sup> Esse trecho é da Regra Não Bulada, escrita por Francisco de Assis em 1221. O texto foi aprovado no Capítulo Geral da Ordem, porém não recebeu a Bula Papal por ser considerada de difícil

As experiências narradas pelos frades são sempre coletivas e vislumbram levar os leitores/ouvintes a um senso prático comum, ou seja, algum ensinamento da vida franciscana e não apenas informações. Portanto, “os relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço” (Certeau, 2014, p. 189), ou seja, o cotidiano, as práticas ordinárias da vida conventual foram transformadas em sabedoria.

Uma das características mantidas pela Ordem Franciscana desde a sua origem com Francisco de Assis e seus primeiros companheiros é a itinerância. O deslocamento contínuo para residir entre os conventos se dá por meio das transferências. Embora os frades tivessem uma rotina conventual, são indivíduos que transitavam, estavam sempre a caminho, pregando missões, cuidando de capelas, visitando os doentes, dentro de um determinado espaço geográfico circunscrito aos extensos arredores do convento. O território atendido pelos frades de um determinado convento, especialmente os da região Sul do Brasil, abrangia muitos dos atuais municípios, como exemplifica frei Pedro Sinzig (1934, p. 99), sobre o convento de Lages (SC): “abrangia não só o extenso município de Lages, mas ainda os de São Joaquim, de Curitiba e de Campos Novos, isto é até as fronteiras, ao Norte do Paraná e, no Sul, do Rio Grande”. Essa narrativa é exemplificadora de como os frades sacerdotes estavam sempre a caminho e passavam poucos dias do ano reunidos todos no mesmo convento. Já os frades irmãos leigos cuidavam de toda infraestrutura e funcionamento dos conventos, bem como do bem-estar de cada frade.

Desempenhavam os mais variados trabalhos, da cozinha à arquitetura, passando pela limpeza, horta, alfaiataria, lavanderia, ferraria, sacristia, carpintaria, como bem ilustram as fotografias do item 3.2 deste capítulo. Em todos os conventos havia na medida do possível, irmãos leigos para cuidar da organização do cotidiano conventual. Eram considerados os esteios da vida conventual e muitos desses frades (irmãos leigos) se destacaram nas artes, nas ciências e na literatura. Exemplos: “O arquiteto construtor da atual Catedral de Lages foi o Irmão Franciscano Frei Egídio Lother”. Essa construção foi concluída em 1919 e é “inteiramente de pedra lavrada,

---

seguimento. Leva esse nome por não ter recebido a autorização da Igreja. Já em 1223, Francisco de Assis apresenta uma nova Regra de Vida que é a chamada Regra Bulada, por ter recebido a Bula Papal.

desde os alicerces até o pínculo das torres. As paredes são ornadas de pinturas artísticas e de esplêndidos vitrais” (Frei Sebastião da Silva Neiva, 1967, p. 30).

Após um certo período de residência em um convento, era e continua sendo um costume comum, os frades serem transferidos. Normalmente, as transferências ocorriam em cada capítulo provincial, realizado de três em três anos ou assim que se achava necessária a presença ou o trabalho do frade em determinada localidade. Porém, por mais que um frade se mostrasse obediente, realizando a mudança de convento no menor tempo possível, estas não se davam sem gerar tensões e ansiedade.

Frei Pedro Sinzig (1917, p. 21), ao recordar sua transferência do convento São Francisco de Salvador (BA) para o de Blumenau (SC), após seus estudos eclesiásticos, em 1898, narra: “eu, por mim, de boa vontade teria ficado na Bahia, mas a ordem Provincial tinha que ser obedecida”. Ao recordar essa transferência, diz: “cinco dias depois de minha primeira missa, estava a bordo do vapor inglês *Madalena*, em demanda do Sul. É que eu tinha recebido as chamadas *litterae obedientiae*, isto é, a ordem, por escrito, do Provincial, de passar de um convento a outro” (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 210). Sobre a comunicação das notícias do capítulo provincial realizado em Blumenau (SC), em 1907, que resultou em sua transferência do convento de Lages (SC) para o convento de Petrópolis (RJ), frei Pedro Sinzig (1917, p. 283-286), narra:

O estranho que, lá pelos fins de 1907, visitasse o convento dos franciscanos em Lages, talvez notasse certa ansiedade no rosto dos frades, ansiedade que se acentuava quando se ouvia a campainha da portaria. É que, em Blumenau, estava reunido o capítulo, para a eleição do novo provincial, e dos superiores locais, bem como a transferência de outros religiosos, segundo as necessidades e conveniências ali manifestadas. Verdade é que cada um estava inteiramente disposto a seguir para onde o chamassem, e a sujeitar-se sinceramente ao novo superior, qualquer que fosse. Mas ninguém deixa o que é humano, a ponto, que lhe seja de todo indiferente o tal que paira nos ares e que, pelo menos, não lhe aguça um pouco a curiosidade. Deixar, a simples aceno, lugares onde se trabalhou durante alguns anos, criando raízes de estima e afeição inteiramente louváveis, pode ser duro, como em outros casos pode ser um alívio, mas sempre interessa de perto. Daí a ânsia geral, quando, enfim, o empregado do telégrafo trouxe a notícia do resultado do capítulo, enquanto este se relacionava ao convento: Guardiã, Frei Libório; transferido para Petrópolis, Frei Pedro. [...] Iria, pois, deixar este convento para ficar, de ora em diante, por tempo indefinido, num meio muito diferente. Não posso dizer que saí com prazer. Teria ficado com toda a satisfação, tanto mais quanto receava que a atividade forçosamente maior em Petrópolis, que agradaria meu caráter, poderia ser prejudicial à minha vida espiritual.

Frei Ewaldo Bamberg (1979, p. 29), enfatiza que nos conventos do Sul, quando um frade chegava transferido em um dos conventos, pela necessidade de

longas viagens para a celebração dos sacramentos e missões, “tornou-se costume que cada frade, no dia da chegada, além do quarto na casa, também recebesse os peçuelos com paramentos e outros objetos necessários, e uma mula para as viagens. Se não era propriedade dele, era, contudo, o zelador exclusivo”.

A estadia dos frades nos conventos era a oportunidade de terem contato com as pessoas e a cultura local e assim acumular experiências como o narrador camponês de Benjamin bem como as transferências e viagens entre os diferentes conventos possibilitavam aos frades também o acúmulo de experiências como marinheiros viajantes, tanto por conhecerem novas culturas e realidades como pelas trocas que faziam com os frades que viviam nos conventos aos quais se dirigiam.

Frei Humberto Themans<sup>35</sup> (1991, p. 36-37), fala da simplicidade da primeira residência transformada em convento e como colocaram em prática o ensinamento de “trabalhar com as mãos”:

Tem 4 cômodos dos quais, uma sala de visitas, dois dormitórios e a cozinha que serve de sala de almoço. Em nada se diferenciava de uma casa de colonos. É só um andar e tão baixo que se pode tocar comodamente no teto. Nós a encontramos vazia, sem qualquer móvel, pelo que nos primeiros dias tivemos que morar com um colono. Mas já no dia seguinte começamos a arrumar. Primeiro cuidamos de poder dormir na casa paroquial [...]. Arrumamos algumas tábuas que eram muito primitivas, uns tocos de madeira no chão e colocamos algumas tábuas sobre os mesmos. Aos poucos, arrumamos uns sacos cheios de folhas de milho, e as camas improvisadas estavam prontas. Agora tratava-se da arrumação da cozinha. [...]. Dois caldeirões, um para a sopa e outro para o feijão, como também pratos, etc. foram fornecidos pelos colonos.

Quando em 21 de dezembro de 1891, chegou o segundo grupo de frades, frei Humberto fala das impressões e dos desafios no pequeno convento. Esse grupo tinha oito franciscanos, sendo padres: frei Rogério Neuhaus, 28 anos de idade, ordenado em 1890; frei Zeno Walbroehl<sup>36</sup>, 25 anos de idade, ordenado em agosto de 1891; frei Herculano Limpinsel<sup>37</sup>, 25 anos de idade, ordenado em 1890; e frei Lucínio Korte<sup>38</sup>, 25 anos, ordenado em 1890; e quatro irmãos leigos: frei Mariano Feldmann, 39 anos, professado em 1885, frei Quintiliano Borren<sup>39</sup>, 36 anos, professado em 1889, frei

<sup>35</sup> Nasceu em Spiel, Alemanha em 1859 e faleceu em Blumenau (SC) em 1933.

<sup>36</sup> Nasceu em Erpel, Alemanha em 1866 e faleceu em Petrópolis (RJ) em 1925.

<sup>37</sup> Não foi localizado o necrológico de frei Herculano, embora ele tenha sido o primeiro provincial em 1901 da província recém refundada. Nas memórias de frei Mateus Hoepers (1982, p. 74), há menção de sua saída da Ordem.

<sup>38</sup> Nasceu em Erwitte, Alemanha em 1866 e faleceu em Rodeio (SC) em 1942.

<sup>39</sup> Não foi localizado o necrológico desse frade. O que provavelmente indica que tenha deixado a Ordem.

Germano Wunsick<sup>40</sup>, 41 anos, professado em 1883 e frei Patrício Tuschen<sup>41</sup>, 28 anos; o que gerou desconforto no pequeno Convento:

Essa simples e pobre moradia, deve ter causado a eles uma impressão esquisita. Podia-se perceber a sua admiração e desilusão. Não tinham imaginado uma casa tão pequena, com uma vizinhança tão pobre. Todos estavam nos primeiros dias abatidos. Além, do mais, veio o cansaço de uma penosa viagem sobretudo depois de uma cavalgada de 8 horas, de Palhoça até Teresópolis. Tivemos pena quando os vimos em situação tão depressiva e procuramos reanimá-los na medida do possível. Foi bom que os Padres na época do Natal foram enviados às diversas capelas. Era desagradável vivermos com tanta gente em uma pequena casa (Frei Humberto Themans, 1991, p. 45).

Da forma como frei Humberto escreve, é nítida a frustração dos frades com a realidade encontrada. Esses frades provinham de grandes conventos da Alemanha e da Holanda. Por mais que tivessem sido formados para viverem as adversidades das missões, a realidade encontrada no Brasil era precária se comparar aos conventos por eles deixados na Europa. Com a dificuldade de acomodar doze frades e na intenção de expandir a presença franciscana no Brasil, frei Amando Bahlmann, então responsável pelos frades e pela missão foi a procura de novos lugares. No primeiro semestre de 1892, os frades já estavam instalados em duas localidades, além de Teresópolis, Lages e Blumenau<sup>42</sup>.

Em fins de 1892 chegou a terceira expedição de franciscanos juntamente com frei Amando Bahlmann que havia retornado a Alemanha, provavelmente para explicar os encaminhamentos realizados no Brasil, composta por frei Honorato Strauch (1861-1917), frei Redento Kullmann (1869-1957) e frei Taciano Thesing (1867- 1894) e os irmão leigos frei Cláudio Tillosen (1862-1943), frei Sérvulo Becker (1867-1923), frei Donato Birk (1855-1932), frei Wigberto Birk (1862-1939), frei Servácio Otto que deixou a Ordem em 1893, frei Pacômio Simora (1865-1943), frei Peregrino Sedlag (1867-1948), frei Rainério Mutschall (1860-1929), frei Emiliano Poggel (1853-1938), frei Querubim Venhorst que deixou a Ordem em 1896, frei Junípero Klein (1868-1896), frei Higino Meyer (1863-1923), frei Ambrósio Lersmacher (1871-1899) e frei Guilherme Wolf (1852-1928)<sup>43</sup>. As narrativas dos primeiros frades procuram demonstrar quão

---

<sup>40</sup> Nasceu em Reinschdorf, Alemanha em 1850 e faleceu em Rodeio (SC) em 1906.

<sup>41</sup> Nasceu em Essentho, Alemanha, em 1863, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1947.

<sup>42</sup> Teresópolis, colônia alemã fundada em 1860. Lages, fundada em 1766. Blumenau, colônia alemã fundada 1850.

<sup>43</sup> As datas em cada nome dos frades dessa terceira expedição diz respeito ao seu ano de nascimento e morte.

difíceis foram os primeiros tempos na missão e o quanto foi desafiador construir e prover os conventos.

Na narrativa de frei Humberto, os frades vindos ao Brasil no final do século XIX se assemelham ao primeiro agrupamento em torno de Francisco de Assis, no século XIII. Assim, o ideário de franciscano é (re)atualizado, e os frades (re)fundam permanentemente a identidade coletiva:

Recolheu-se o bem aventurado Francisco, juntamente com os demais, perto da cidade de Assis, em um lugar que se chama Rivortorto. Neste lugar, havia um tugúrio abandonado sob cuja sombra viviam os valorosíssimos desprezadores das grandes e belas casas, e aí se protegiam dos transtornos das chuvas. Pois, como dizia o santo, mais depressa se sobe ao céu de um tugúrio do que de um palácio. Conviviam no mesmo lugar com o bem aventurado pai todos os filhos e irmãos, em muito trabalho (cf. 2 Cor 11,27) e em escassez de tudo, muitas vezes privados do conforto do pão, contentes unicamente com os rábanos que, na angústia, mendigavam aqui e ali pela planície de Assis. Aquele lugar era tão apertado que nele mal podiam sentar-se ou descansar. Não ressoa por estas coisas nenhuma murmuração, nenhuma queixa, mas de coração tranquilo, com o espírito cheio de alegria, conservam a paciência (Fontes [...], 2004, p. 226).

Frei Ewaldo Bamberg (1979, p. 28), busca em suas memórias, fazer com que o ouvinte/leitor reflita sobre as dificuldades dos primeiros frades: “Podemos imaginar o quanto lhes custou arrumar casa, cozinha, biblioteca, roupas de cama e a própria cama”. De modo geral, os conventos eram compostos de uma capela (algumas se transformaram em Igreja paroquial), portaria, biblioteca, refeitório, celas, claustro, salas de estudos, oficinas, jardim, horta; e, no caso de conventos destinados à formação de novos frades havia também área de recreação como campo de futebol, quadra e piscina (não aquecida). Os conventos também deveriam ter uma pastagem e um local adequado para a guarda dos animais de montaria, o meio de transporte que os frades dispunham na época, inclusive, pela ainda falta de estradas. Frei Ewaldo Bamberg (1979, p. 28), diz: “Como o gaúcho sem animal, e animal bom, não é gaúcho nem gente (cf. O gaúcho de José de Alencar), assim, naquela época, o padre não era missionário sem a montaria, e boa montaria”.

Os primeiros frades já chegaram ao Brasil com formação religiosa, cultural e intelectual. Em sua grande maioria foram formados entre as décadas de 1870 e 1880, período em que vivenciaram *Kulturkampf* (luta da cultura) imposta por Bismark<sup>44</sup>.

Na quarta expedição de missionários aportada no Brasil, já foi composta por três frades padres, quatorze frades irmãos leigos, onze estudantes de filosofia, vinte

---

<sup>44</sup> Para entender os impactos do movimento político conhecido como *Kulturkampf* na vida dos frades na Alemanha ver: Frei Inácio Jeiler (1992).

e quatro noviços. Em 1893, no primeiro capítulo dos frades, realizado no convento de Salvador (BA), no qual foram convocados todos os responsáveis pelos conventos franciscanos no Brasil, “ficou resolvido, entre outras coisas, que em nenhum lugar podiam ser abertas residências sem que nelas pudessem viver 5 ou 6 padres, com um número conveniente de irmãos” (Frei Elzeário Schmitt, 1991, p. 96). A partir desse mesmo ano, a Província Santa Cruz da Saxônia começou a enviar além dos padres e irmãos leigos, candidatos a vida religiosa, noviços e frades no período de estudos de filosofia e teologia<sup>45</sup>. Em 1895, o convento de Blumenau passou a receber os frades estudantes para completarem sua formação religiosa e acadêmica. O convento de Blumenau funcionou como noviciado, seminário e casa de estudos filosóficos.

Figura 7 – Frades que residiam no convento de Blumenau (década de 1910)<sup>46</sup>



Fonte: Acervo da PFICB.

A partir de 1901 o noviciado foi transferido para o convento de Rodeio (SC), funcionando, neste convento, até a atualidade. Em 1922 o seminário e os demais estudos realizados em Blumenau (SC) foram transferidos para o recém construído Convento São Luis de Tolosa em Rio Negro (PR). Nesses conventos, além dos estudantes selecionados no convento de Harreveld, na Holanda, os frades também cultivavam as vocações despertadas no Brasil, principalmente crianças e jovens

<sup>45</sup> A província de Santa Cruz da Saxônia na Alemanha contava, em 1890, com 428 frades, destes, 123 eram padres, 113 frades clérigos (estudantes de filosofia ou teologia), 27 noviços clérigos, 105 irmãos leigos, 60 frades terceiros (Frei Elói Dionísio Piva, 1989).

<sup>46</sup> Infelizmente a maior parte das fotografias, consegui apenas uma data aproximada. As fotografias de algum modo chegaram ao arquivo provincial em São Paulo, porém não foram catalogadas e datadas. Encontram-se em pastas dispersas. Por analogias e análises de outros elementos cheguei a uma data aproximada. A figura 7, por exemplo ostenta na própria fotografia três datas distintas.

vindas das colônias alemãs, italianas e polonesas que eram atendidas pelos franciscanos. Assim segue o relato de frei Mateus Hoepers<sup>47</sup> (1982, p. 73), que ingressou no seminário com nove anos de idade:

Os padres de Santo Amaro acharam ser o melhor caminho que eu me apresentasse ao Padre Provincial, residente em São José. Muitos leitores não de estranhar a escolha de uma cidadezinha tão sem importância e desconhecida para Sede da Província. Entretanto, naquele tempo havia vantagens. Ficava situada em Santa Catarina, onde havia mais fundações e perto do mar. [...] Minha mãe e eu tivemos que esperar em São José mais ou menos 15 dias, até a volta do Padre Provincial Frei Celso Dreiling. Sempre que perguntava o que eu estava fazendo em São José, dizia que esperava o “Padre Capitão”. O nome de Provincial era muito difícil para a minha cabecinha de criança. [...] Enfim, a nossa espera terminou. O Padre Provincial Frei Celso voltou [...]. O Padre Provincial falou com os padres e com minha mãe e não teve dúvida em me receber no seminário. Marcou logo a minha partida para o dia seguinte.

Esse relato é ilustrativo de como eram os encaminhamentos para o seminário. Frei Hugo Baggio (1985, p. 35), indica que os frades formaram “homens de todos os feitios e vocações: o missionário, o capelão, o irmão simples mas habilidoso e santo, o pregador, o artista, o músico”. Frei Olavo Seifert (1990b, p. 20), ao compilar a memória dos frades falecidos nos cinquenta primeiros anos da chegada dos frades alemães, diz que,

é de fato admirável o contingente de frades capacitados que a Província da Santa Cruz da Saxônia enviou ao Brasil. Calculamos que, de 1891 até 1901, ano da restauração canônica, ela mandou para o Norte e o Sul cerca de 206 pessoas, entre religiosos e seminaristas - postulantes; só nos quatro primeiros anos vieram 152.

Frei Clarêncio Neotti (1993, p. 19) relata, em seu livro sobre a celebração do centenário de restauração da Província Imaculada Conceição que, de 1891 a 1898, chegaram ao Brasil, 11 expedições de frades alemães, “uma delas com 50 frades, outra com 29 e uma outra com 27 alunos - postulantes e alguns candidatos a irmãos leigos”. Muitos desses missionários nunca mais voltaram a ver sua terra natal, adotando o Brasil como sua pátria e aqui exercendo seus trabalhos até a morte. Desse contingente faziam parte frades sacerdotes, irmãos leigos, irmãos terceiros, noviços e postulantes. Os sacrifícios foram inúmeros, entre eles as doenças tropicais: “Fomos,

---

<sup>47</sup> Frei Mateus Hoepers, nasceu em 1898 em São Martinho do Capivari (SC), filho de imigrantes alemães e faleceu no Rio de Janeiro em 1983. Entrou para o seminário franciscano aos 9 em 1908. Depois da ordenação sacerdotal em 1921 foi transferido para os seminários mantidos pelos frades na Bélgica, primeira na cidade de Moresnet e posteriormente Garnstock, para onde o seminário foi transferido. Doutorou-se em teologia em 1933. De volta ao Brasil a partir do final de 1933 passou a ser professor no seminário de Rio Negro (PR) e de teologia no convento Bom Jesus em Curitiba (PR). No capítulo provincial de 1941 foi eleito provincial, tornando-se o primeiro brasileiro assumir essa função depois da chegada dos franciscanos em 1891. Faleceu no Rio de Janeiro em 1983.

nós todos, provados frequentemente por alguma enfermidade, pois o clima e a alimentação eram muito diferentes do que estávamos acostumados. Quase cada um de nós caía doente uma ou mais vezes no ano, com febre que o prostrava por uns oito dias” (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 104). Alguns faleceram ainda muito jovens. O passado sempre se atualiza no presente, e assim, como em outros momentos da história, os franciscanos alemães tiveram seus mártires no Brasil, seja pela malária ou outras doenças tropicais. Nos primeiros 10 anos do projeto de renovação, isso é de 1891 a 1901, tem-se relatado o necrológico de 20 frades, sendo 16 vítimas da febre amarela, conforme consta no anexo C.

Os frades e seminaristas, em sua maioria, eram filhos de agricultores e pequenos comerciantes. Receberam formação cultural e intelectual nos seminários da Ordem tanto na Alemanha quanto no Brasil<sup>48</sup>. A formação recebida nos conventos é um meio de socialização, no qual cada frade internaliza uma série de valores, formas de agir e maneiras de pensar, desenvolvendo assim uma identidade pessoal (realidade subjetiva) e social (realidade objetiva). O processo formativo, pelo qual passam todos os frades, faz com que estes se reconheçam numa experiência comum.

Os frades missionários, a cada novo local a que eram chamados a desenvolver suas atividades pastorais, tratavam de construir um convento. Enfrentando as dificuldades financeiras, de comunicação, de locomoção<sup>49</sup>, aos poucos construíram conventos. Tendo tudo por construir, esforçaram-se por manter a vida comunitária e tudo quanto fosse possível. Segundo as crônicas de frei Humberto Themans (1991, p. 43), “a ordem conventual era mantida como na Alemanha, somente à noite depois do jantar havia algum recreio [...], os passeios aos domingos e dias santos nos morros e na mata virgem eram uma distração e um conforto para o penoso trabalho durante a semana”. As dificuldades são sempre evidenciadas e frei Humberto Themans (1991, p. 38), relata que muitas vezes faltava o básico:

Em minhas anotações está escrito no dia 22 de setembro: Desde ontem acabou o pão. No café da manhã dividimos o último pedaço entre nós. Hoje, o Pe. Xisto queria tentar entre os protestantes, porque já tínhamos batido às portas dos católicos. Ele fez a tentativa mesmo com certo esforço. Depois de meia hora já voltava. Que ele não tinha ido em vão já o vi de longe nos seus gestos alegres. Vi também algo amarelo que trazia nos braços. Chegando

---

<sup>48</sup> A procedência social dos frades pode ser verificada no livro da Coleção Centenário 2: Confrades da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, falecidos nos primeiros 50 anos da restauração (1891-1941).

<sup>49</sup> Nas fontes encontra-se os relatos de como os materiais de construção eram levados de Florianópolis a Lages no lombo de mulas em tempos normais esse trajeto variava em torno de 7 dias, nos tempos de chuva esse tempo podia demorar 3 vezes mais.

mais perto gritou: Frei Humberto, agora depressa prepara o café. O bom Deus providenciou-nos. Trouxe-nos de uma família protestante meio pão de milho.

O aprendizado da língua portuguesa se dava no dia a dia, como indica frei Pedro Sinzig (1934, p. 107), ao descrever a vida de frei Rogério Neuhaus:

[...] na Alemanha, porém, não tivera ocasião de aprender o português; em Teresópolis, colônia alemã, onde esteve à morte, tão pouco; em Lages faltava tempo, pois eram-lhe reclamados os serviços de sacerdote e de Samaritano a cada hora. É de admirar que, assim mesmo, em tempo tão curto soubesse entender e fazer-se entendido.

Como já indiquei, o tempo era marcado pelos momentos de orações, trabalhos, estudos, refeições e lazer. Viver num convento é um jeito de ser e pensar o mundo por meio da coletividade. Os ritmos e os tempos nos conventos ocorriam conforme a narrativa de frei Pedro Sinzig (1934, p. 307-309):

Levantam-se todos às 4,30 da manhã, a não ser os doentes ou os sacerdotes que celebram a s. missa tarde, que os obriga a ficar em jejum. Às 4,50, o superior ou o religioso mais velho entoia a saudação cristã: *Laudetur Jesus Christus*, seguindo um hino Mariano e o “Anjo do Senhor”. É lida, depois, a meditação matutina que, terminada a leitura, serve de assunto para a oração particular de cada um; isso até às 5, 30. Segue-se a recitação em comum das horas canônicas Prima e Terça que, como o resto do Ofício divino, só nas residências de poucos religiosos é feita particularmente por cada um. Pelas 6 horas, a comunidade assiste à sua missa, chamada “conventual”, recebendo nela a s. Comunhão. Feita a ação de graças, tomam o café no refeitório, tratando depois, se já não conseguiram fazê-lo antes, de fazer a cama e por em ordem a sua cela, findo o que cada um vai para seu trabalho individual. Às 11, 15, o pequeno sino do convento chama os clérigos e sacerdotes à recitação da Sexta e Nôa, seguidas do “exame particular” da consciência (isto é, sobre esta ou aquela falta a evitar, ou uma virtude a adquirir, sendo rezado, ao meio dia, pela 2ª vez, o “Anjo do Senhor”. Os religiosos dirigiam-se, então, para o refeitório, onde tomam a refeição principal do dia, durante a qual a várias leituras, da S. Escritura, da explicação do catecismo, duma obra ascética, duma biografia notável ou outra conveniente. Nos domingos e outros dias de caráter festivo, a leitura é abreviada, sendo então dada a permissão para o “*colloquium*”, isto é, para conversar, a 1ª vez no dia. Findo o almoço, precedido e seguido de oração, a comunidade vai para a igreja em adoração ao SS. Sacramento, rezando em comum, depois do que começa o recreio, respectivamente descanso. Às 2 horas, o sino convida novamente para o côro, onde, depois de breve adoração, são recitadas as Vésperas e Completas. Uma xícara de café, tomada em silêncio (a não ser nos dias de caráter festivo, quando há novo “*colloquium*”), precede o trabalho da tarde que termina às 5, 45, quando todos se preparam para a segunda meditação do dia, das 6 às 6,30 da tarde. A refeição noturna é tomada à 6,30, no refeitório, acompanhada de leituras e seguida de nova adoração do SS. Sacramento, com a recitação da Ladinha *Lauretana*. Rezam-se as Matinas, geralmente, de tarde ou a noite; em algumas casas à meia noite. O silêncio continua durante o dia todo, a não ser nos 3 meses de Dezembro a Fevereiro inclusive, quando à noite é concedido conversar até às 8 horas. Em alguns dias, festivos, há “recreio” até às 9 horas. O resto do dia, todos passam na cela estudando, lendo, etc., ou na igreja, rezando a Via Sacra, o terço ou outra oração diária.

Em outro trecho frei Pedro Sinzig (1934, p. 9), se refere ao costume após o almoço: “os religiosos [...] costumam passear um quarto de hora no claustro, primeiro

e único recreio do dia, em que são dispensados do silêncio”. Os franciscanos, desde os primórdios não deveriam viver sozinhos e sim em uma fraternidade como irmãos. Até mesmo os frades que quisessem fazer uma experiência eremítica deveriam fazê-lo na companhia de outros, como está na Regra de Vida para os eremitérios deixada por Francisco de Assis:

Aqueles que querem viver religiosamente nos eremitérios sejam três irmãos ou no máximo quatro; dois deles sejam as mães e tenham dois filhos, ou um pelo menos. Esses dois, que são as mães, levem a vida de Marta, e os dois filhos levem a vida de Maria (cf. Lc 10, 38-42) e tenham um claustro em que cada um tenha sua pequena cela para rezar e dormir. [...] Os filhos, no entanto, assumam de vez em quando o ofício das mães, em revezamento, pelo tempo como lhes parecer melhor estabelecer; e esforcem-se por observar com solicitude e empenho todas as referidas coisas (Fontes [...], 2004, p. 186-187).

Para Francisco de Assis, só tem sentido em ser um frade se a vida for partilhada em comunidade. Portanto, afirmava que o frade perfeito é o conjunto de vários frades:

A fé de Frei Bernardo, que, com o amor à pobreza, a teve de forma perfeitíssima; a simplicidade e a pureza de Frei Leão, que foi realmente de uma pureza santíssima; a cortesia de Frei Ângelo, que foi o primeiro cavaleiro a entrar na Ordem e que era ornado de toda a gentileza e benignidade; o aspecto gracioso e o senso natural com a conversa agradável e devota de Frei Masseu; a mente elevada em contemplação que Frei Egídio teve até a máxima perfeição; a virtuosa e constante oração de Frei Rufino, que rezava sempre, sem interrupção: mesmo dormindo ou fazendo alguma coisa tinha sempre seu espírito com o Senhor; a paciência de Frei Junípero, que atingiu um estado perfeito de paciência, porque tinha plena consciência da própria vileza, que continuamente tinha diante dos olhos, e um ardente desejo de imitar a Cristo no caminho da cruz; o vigor corporal e espiritual de Frei João di Lodi, que, naquele tempo, ultrapassou todos os homens em força física; a caridade de Frei Rogério, cuja vida inteira e comportamento estavam no fervor da caridade; e a solicitude de Frei Lúcido, que teve grandíssima atenção e quase não queria morar um mês no mesmo lugar (Fontes [...], 2004, p. 1080-1081).

Essa narrativa está entranhada na memória coletiva dos frades. A vida franciscana deve ser um saber viver com. Ou seja, o frade perfeito é a comunidade em si, que partilha, se comunica, se relaciona. Na espiritualidade franciscana os conventos são espaços onde melhor os frades podem desenvolver os valores comunitários e se prepararem, intelectualmente e espiritualmente, para os trabalhos pastorais. E essa estética de vida comunitária reverberou para além de seus muros, pois no cotidiano os frades se formavam e se preparavam para enfrentar as adversidades da missão apostólica. As atividades desenvolvidas nos e a partir dos conventos também desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento das localidades em que estavam inseridos.

Muito embora vivessem na disciplina, com horários e regras a serem seguidas no cotidiano conventual, os frades não são estáticos e assim, transformam o lugar do convento em espaço. Nos termos de Certeau (2014), lugar e espaço são campos conceituais e existem duas formas de estar no espaço: como voyer, que olha de cima de forma generalizante e como caminhante. Lugar é o institucional, racionalizado, controlado e estruturado, é o lugar de poder e o que estrutura as instituições, está dentro da lógica das estratégias. Os espaços são as criações, as reinvenções dentro do lugar, estão na lógica das táticas, de reinvenção do lugar.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. E de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (Certeau, 2014, p. 184).

As artes de fazer, as táticas enquanto manipulações da ordem estabelecida estavam presentes no cotidiano conventual, como diz Certeau (2014, p. 38) “o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”. Os frades usaram da arte, do humor, das ciências para burlar as regras estabelecidas. Frei Pedro Sinzig (1917, p. 28) narra que as dificuldades materiais, culturais, religiosas, não faltaram, porém, “jamais conseguiram, porém, abafar o nosso bom humor”. Como o cotidiano se inventa de mil formas (Certeau, 2014), nas narrações de frei Pedro Sinzig (1917, p. 104-105) se destaca momentos lúdicos inventados em meio a seriedade que o cotidiano impunha:

Estando de cama, recebo a visita do *Magister Clericorum*, a cujos desvelos estavam confiados todos os clérigos. Era uma alma de escól, Frei Niceto Oberborbeck que, no mesmo convento, ainda tinha mais dois irmãos, franciscanos como ele. Pergunta solícito pelos meu bem estar quando, súbito, nota em minha fisionomia expressão de terror. É que meu olhar se fixara num ponto preto, bastante grande, da parede oposta, onde nitidamente se destacava do alvor uma grande aranha, dessas venenosas, cuja mordedura significa a morte. Frei Niceto segue a direção de meu olhar e assusta-se, quando balbucio o nome da terrível aranha. Como não devo levantar-me, peço-lhe então que não a deixe ameaçar-me, mas que a mate incontinentemente. Cauteloso, ele se ergue da cadeira ao lado de minha cama. Aproxima-se mais e mais da parede e – embora um pouco míope – já não lhe resta dúvida: é a terrível aranha caranguejeira, venenosa como poucas. Em vão olha em redor à procura de algum objeto com que pudesse esmagar, em golpe certo, o feio inseto cabeludo que, infelizmente, ainda se mantém imóvel. Não encontrando nada e não havendo tempo a perder, curva-se, sem deixar a aranha de vista, solta uma das sandálias dos pés, levanta-se cuidadoso, e vai: agora rente, rente à parede. Com ares de experimentado artilheiro, que aliás nunca o foi, fita pela última vez o alvo e vibra o golpe mortal com uma

força de inimigo maior. No mesmo instante, atrás de si, ouve uma gargalhada infrene, nada respeitosa, e já não sabe para onde olhar, para o doente, sacudindo por risadas convulsivas, ou para a aranha que – *mirabile dictu* – ainda não morrera com o terrível golpe. Só então compreende: o doente, esse velhaco do Frei Pedro, tinha desenhado a aranha, com bastante felicidade, de modo que facilmente permitia um engano. Ainda bem que o respeitável *Magister* não levou a mal a brincadeira, mas antes entoou, por sua vez, uma cordial e alegre risada.

Para Certeau (2014, p. 46), as táticas “tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’” e acrescenta que “a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ‘ocasião’”. Nessa lógica, segue outra história rememorada por frei Pedro Sinzig (1917, p. 285):

Um dia, o então superior fez anos. Seguindo as tradições da terra natal, os religiosos festejavam, não o dia do aniversário natalício, mas o onomástico, o dia do Santo de seu nome. Frei Bruno, porém, pensa que o Guardiã, no dia de seus anos, pode substituir o silêncio, na mesa, por uma palestra animada. Como consegui-lo? A leitura habitual está no meio. Prolonga-se. Nada de o superior a fazer parar. Frei Bruno, então, acha que realmente chega para a edificação comum, e que agora convém influir na resolução do superior. Faz um pequeno movimento com o pé, e, súbito, debaixo de um banco onde se achava assentado o Guardiã, se ouvem os alegres sons de uma caixa de música. Frei Bruno tinha-o escondido em tempo, e dado corda. O efeito não se faz esperar, tendo o Guardiã que dar sinal para falar, com a fórmula de costume: *Religiose Colloquamur*.

Nas artes de fazer do cotidiano, a estética franciscana também está ligada as artes e acompanhava os avanços da técnica da modernidade. Em todos os conventos se cultivava as diferentes formas de arte, conforme destaca frei Ary Pintarelli (1991, p. 20) “o órgão de tubos, totalmente pneumático, de Rodeio, foi o primeiro, no gênero, a ser instalado em Santa Catarina, e, quiçá, no sul do Brasil”.

Em muitos momentos, os conventos serviram de refúgio para a população em momentos de dificuldades e doenças, ultrapassaram o caráter religioso e tornaram-se também, naquele período, centros culturais:

Onde se falava o alemão e se liam publicações nesse idioma, mas também onde se processava a acomodação cultural dos religiosos, onde estes aprendiam o português e passavam a traduzir e produzir obras edificantes e moralizadoras, a preparar noviços, a promover o ensino de brasileiros segundo critérios que traziam de sua própria formação e a desenvolver ampla atividade de propaganda através da palavra oral e publicada em imprensa própria (Bispo, 2014).

Nas narrações dos frades, a vivência se transforma em experiência e esta é transmitida como formação sobre a vida franciscana. As dificuldades enfrentadas na construção dos conventos pelos primeiros frades são fontes de ensinamentos ao serem rememoradas e partilhadas:

Em qualquer outro lugar, isso, talvez, teria sido coisa mais simples. Em Lages foi obra de gigante. Não me lembro ter ouvido falar, uma vez que fosse, em arquiteto (no tempo da dita construção). Quem fazia os planos? quem elaborava as plantas e, todas as suas minúcias? A cal, indispensável, não era encontrada na serra; foi preciso organizar ou contratar “tropas” que, em seis dias de viagem no mínimo, e outros seis de volta, iam buscar a cal, em quantidades irrisórias, na costa!... Era carga, de que nenhum tropeiro gostava, pois obrigava a duplas providências contra a chuva e, assim mesmo, incomodava os animais (Frei Pedro Sinzig, 1934, p. 102).

Mesmo os episódios de doações a sobrevivência dos frades e aos empreendimentos por eles idealizados foram narrados como forma de transmissão de valores para a formação religiosa:

E é tudo quanto o modestíssimo Frei Rogério conta desta sua construção, a seu tempo a maior de Lages, de pedra de cantaria, e ainda hoje uma das mais importantes. Para fazer ideia das preocupações que o perseguiam e da intervenção do seu banqueiro, S. José, vale a pena ouvir um confrade, Frei Oswaldo Schlenger que, a 24 de Março de 1934, dia do enterro de Frei Rogério, com muita emoção me contou o seguinte, que publiquei no “Jornal do Brasil” e n’A VOZ DE SANTO ANTONIO: “Foi no dia dez de março de 1899. Eu estava em Lages, no planalto de Santa Catarina. Frei Rogério, Superior da casa, dirigiu-se a nós outros pedindo que rezássemos o mês todo a S. José, porque no fim precisava de cinco contos de réis, não tendo nada na caixa. (Foi Frei Rogério que construiu o então maior colégio, secundário, de Lages, para o qual a cal tinha que vir, nas costas dos animais de carga, em seis dias de viagem, da costa). – Parti, - continuou Frei Oswaldo, - no dia seguinte para S. Joaquim da Costa da Serra, onde tinha que pregar, batizar e tratar dos demais deveres sacerdotais. Fui procurado aí por um senhor, Pedro Gillen, que me disse: - O sr. Padre não me faria um favor? – Pois não. Em que lhe posso servir? – Tenho aqui 800\$000, com os quais desejava ajudar as obras de Frei Rogério. Quer entrega-los a ele? – Com o maior prazer, sr. Gillen. – E tenho mais 1:200\$000 que posso emprestar por um ano, sem juros. É favor levar também. – Pois não. Vou então passar-lhe uma letra. – O sr. padre não é da irmandade de Frei Rogério? – Sou. – Então não preciso de letra. Levei, pois, os dois contos de réis, - prosseguiu Frei Oswaldo, - preguei, batizei, fiz casamentos, etc., e achei-me, no dia 30 de Março, na Fazenda do Cel. José Maria Arruda, não muito longe da cidade de Lages. Insistiu comigo o coronel que ficasse a noite, celebrando no outro dia, que havia muita gente para confessar-se, muitos batizados, casamentos, etc. Não sei o que foi, mas senti verdadeira necessidade de prosseguir a viagem, no mesmo dia, até Lages, o que me fez resistir a todas as insistências do amigo Arruda. “Ao chegar na cidade, vêm ao meu encontro os confrades Chrysostomo e Bruno (aquele atualmente em Rio Negro, Paraná; este, falecido, no ano de 1933, em São Paulo). Recebem-me com grande cordialidade de sempre e começam a contar: - Sabe duma coisa? – disse Frei Bruno com o seu gênio folgazão de criança, - Frei Rogério escreveu uma carta a São José! – Como foi isso? Conta. – Frei Chrysostomo encontrou-a atrás do quadro de S. José, sobre a cabeceira do leito de Frei Rogério. Dizia assim: “Querido São José, Preciso de 5:000\$000 até ao fim do mês. Arranja-os; eu te prometo ser toda a vida teu devoto fiel. Teu Rogério”. Sabe o que o Chrysostomo fez? Respondeu, no mesmo papel: “Meu querido Rogério. Governa melhor a tua casa; então eu prometo dar-te os cinco contos”. “Riram e gracejaram, mas Frei Bruno continuou: - O esquisito é que, nestes dias chegou carta da Bahia, de Frei Hypolito, mandando a Frei Rogério dois contos e meio e dizendo que não precisava restituir, pois como sabia, São José andava no meio. - Fiquei impressionado, - continuou Frei Oswaldo; - puxei minha carteira, abri-a e disse: “E aqui estão os restantes dois contos e meio!”... Ficamos calados todos três, olhando-nos mutuamente, sem

ousarmos comentar. Eu tinha trazido até um pouco mais do que faltava, graças as esportulas das missas, casamentos e batizados. A quantia de 1:200\$000, emprestada por Pedro Gillen, por este, mais tarde, foi dada de presente a Frei Rogerio (Frei Pedro Sinzig, 1934, p. 143-148).

Com o passar dos anos, da precariedade dos primeiros conventos passou-se à inauguração de outros tantos que se tornaram marcos arquitetônicos nas cidades em que foram construídos. No próximo tópico, apresento fotografias de alguns conventos e do cotidiano conventual que auxiliam na compreensão do contexto histórico tratado anteriormente.

### 3.2 ARTEFATOS DE REGISTROS VISUAIS DO COTIDIANO DA VIDA CONVENTUAL

“A fotografia [...] revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (Le Goff, 2003, p. 39).

As imagens fotográficas representam aspectos da vida dos frades com expressões estéticas distintas dos textos escritos. O olhar sobre esses documentos é uma busca em conhecer vestígios do passado que representam e conservam. Embora necessite de interpretação, na fotografia ficou gravada algum fragmento da realidade, dos aspectos dos conventos, da fraternidade, dos costumes dos frades, um fato social, a paisagem, a natureza, o meio de transporte, a alimentação, entre outros. São cenas registradas de forma única, do momento vivido por uma testemunha ocular, que nunca se repetirá.

As fotografias a seguir, apresentam alguns conventos e as cenas representadas nas demais são uma amostra dos espaços do convento: a cozinha, a horta, a oficina, a lavanderia, a ferraria, a portaria, o campo de voleybol, a mesa de piquenique ao ar livre, a roda de chimarrão, a sala de estudos, a alfaiataria, a sapataria, entre outros. Esses ambientes do convento não são apenas lugares para os frades, mas sim, espaços, pois, “é um lugar praticado” (Certeau, 2014, p. 184).

Os frades são os praticantes da vida conventual, são os caminhantes que agem na lógica das estratégias que diz dos lugares e ao mesmo tempo das táticas ao reinventarem os lugares transformando-os em espaços. Como neste trabalho apresento duas galerias de fotografias, além das incluídas, pontualmente, ao longo do texto, ao final do capítulo de número 4, no item 4.5, volto a apresentar fotografias da

prática educativa nas escolas. Embora as fotografias vão muito além do simplesmente ilustrar, podem, neste item e no item 4.5, também cumprir essa função.

Figura 8 – Residência dos primeiros frades alemães em Teresópolis (1891)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 9 – Residência dos frades em Curitibaanos (década de 1910)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 10 – Convento Franciscano em Blumenau (década de 1920)<sup>50</sup>



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 11 – Convento Bom Jesus de Curitiba em 1910<sup>51</sup>



Fonte: Frei João Crisóstomo Arns (1997).

---

<sup>50</sup> O Convento de Blumenau ainda existe em sua estrutura, porém não abriga mais os frades. Em suas dependências funcionam as estruturas do Colégio Bom Jesus Santo Antônio.

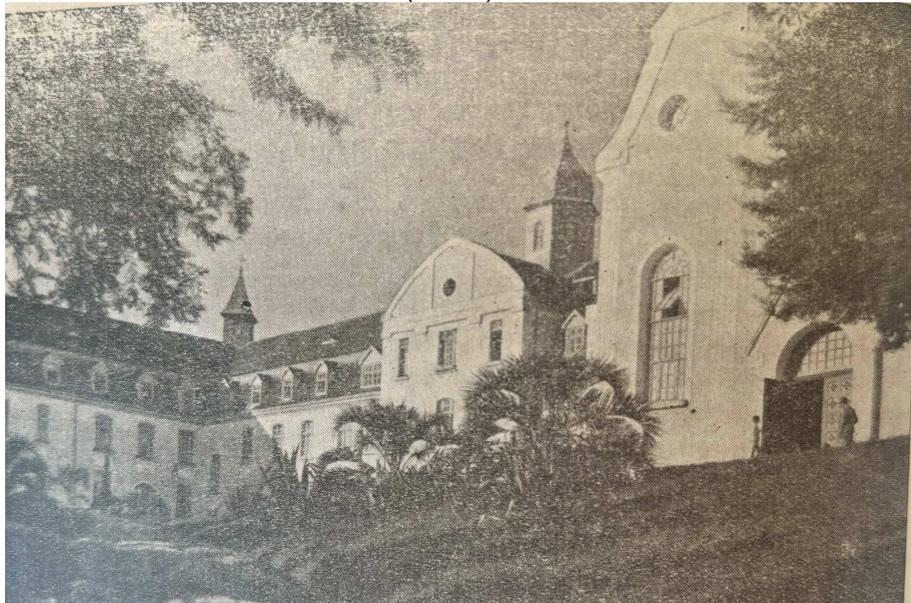
<sup>51</sup> O Convento de Curitiba passou por muitas reformas e continua nos dias atuais com suas atividades. Além do Convento a Igreja anexa funciona com paróquia.

Figura 12 – Convento de Lages, construído na década de 1910<sup>52</sup>



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 13 – Convento São Luís de Tolosa (Seminário Seráfico) em Rio Negro (1940)<sup>53</sup>



Fonte: O Recenseamento [...] (1940, p. 548).

<sup>52</sup> O convento de Lages continua com suas atividades até os dias atuais. “Os franciscanos, vindos da Alemanha, iniciaram a construção do atual Convento em 1915. Trata-se de uma edificação construída em tijolo a vista e pedras de arenito, sendo a mais importante dentro destas características no planalto catarinense. Suas linhas construtivas têm influência neogótica e os cantos e acabamentos, assim como as aberturas, são requadrados em pedras de arenito, material existente em grande quantidade no solo onde se encontra a cidade de Lages. A porta principal da Capela de São José é de madeira, possui quatro metros de altura e formato ogival. As esquadrias do convento são também de madeira entalhada e de arco abatido” (Lages, 2023).

<sup>53</sup> Esse seminário foi inaugurado em 1922 e encerrou totalmente suas atividades na década de 1970. Atualmente abriga a prefeitura do município.

Figura 14 – Frades na alfaiataria do Convento de Blumenau (década de 1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 15 – Frades estudantes no preparo das refeições no convento (década de 1940)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 16 – Frades preparando a refeição e o café no convento (década de 1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 17 – Frades na ferraria do convento de Blumenau (década de 1930)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 18 – Frade atendendo na portaria do convento (década de 1930)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 19 – Frade na preparação da lenha (década de 1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 20 – Frade organizando o refeitório (década de 1940)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 21 – Frades na sapataria do convento (década de 1930)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 22 – Frades na horta, no cultivo de hortaliças (s/d)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 23 – Frades na alfaiataria na confecção de hábitos (década de 1940)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 24 – Frades em sala de aula no convento (1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 25 – Frades na lavanderia do convento (1940)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 26 – Frade costureiro, confeccionando o hábito religioso (década de 1950)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 27 – Frades no lazer em jogo de voleibol (década de 1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 28 – Frades ouvindo rádio (1940)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 29 – Frade no cultivo de hortaliças (s/d)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 30 – Frades em momento de lazer (1932)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 31 – Frades tomando chimarrão (s/d)



Fonte: Acervo da PFICB.

#### 4 EXPERIÊNCIA FRANCISCANA NA VIDA APOSTÓLICA E NA EDUCAÇÃO

“Em suas terras está gravado o burel franciscano. Muitíssimos corações (dezenas de milhares) foram amoldados segundo o espírito, a alma, o coração do franciscano. Muitos túmulos escondem as cinzas de apóstolos franciscanos. Muitas serras, muitos campos, muitos matos desgastaram sola franciscana e foram orvalhados com o suor do franciscano. Tudo quanto é lugar: cidade, planalto, sertão, - o filho de S. Francisco palmilhou” (Frei Estanislau Schaette, 1942, p. 23).

Já no século XIII, os franciscanos embarcaram numa aventura de vida itinerante. O próprio Francisco de Assis peregrinava pelas cidades, nos arredores de Assis. Junto com seus companheiros foi à Roma em busca de anuência do papa para seu estilo de vida e enviou os primeiros frades em missão conforme narra seu biógrafo, frei Tomás de Celano:

Naquela mesma ocasião, entrando na Religião um outro homem bom, eles atingiram o número de oito. Então, o bem-aventurado Francisco convocou todos a si e, anunciando-lhes muitas coisas sobre o reino de Deus, o desprezo do mundo, a abnegação da própria vontade e o domínio do próprio corpo, dividiu-os dois a dois para as quatro partes do mundo e disse-lhes: “Ide caríssimos, dois a dois, pelas diversas parte do mundo, anunciando aos homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados; [...] Então Frei Bernardo, juntamente com Frei Egídio, tomou o caminho de Santiago (de Compostela), e São Francisco escolheu outra direção do mundo com um companheiro, e os outros quatro, caminhando dois a dois, tomaram as direções restantes (Fontes [...], 2004, p. 216-217).

Le Goff (2001, p. 189) indica que “os franciscanos estão na maior parte do tempo in via, ‘na estrada’”. Por estradas e caminhos do Sul do Brasil, os franciscanos alemães foram viajantes e seguiram as orientações de Francisco de Assis, conforme indicados no fragmento anterior.<sup>54</sup> Dessa forma, vivenciaram a experiência do narrador viajante, daquele que se coloca a caminho, pois, como alerta Certeau (2014, p. 170), “caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio”. Enquanto caminhantes, os frades foram ao encontro do diferente, buscaram compreender a cultura na qual se inseriram, desafiaram-se ao novo, caminharam por regiões sem nenhuma estrutura, por vales, picadas, florestas e serras.

A experiência franciscana é compreendida como totalidade da existência, na qual a matéria-prima está contida nos eventos cotidianos, e não nos comumente tidos como extraordinários. É da vida ordinária, das vivências corriqueiras, do dia a dia que a experiência emerge pela lembrança e pela reflexão do vivido, não se apagando

---

<sup>54</sup> Sobre a história do franciscanismo ver Cayota (1990).

nem mesmo com a morte dos frades, pois o passado está constantemente sendo atualizado no presente de cada tempo vivido.

As narrativas sobre a vida apostólica, foram rememoradas, contadas e recontadas nos momentos de lazer comunitário. Na perspectiva de Benjamin (2012, p. 38-39), “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento rememorado é sem limites, pois é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”. Tanto as narrativas que abordam o cotidiano conventual quanto as que contam dos trabalhos apostólicos e educacionais foram construídas visando a formação franciscana e para conservar os elementos que compõem a estética do modo de ser e viver franciscanamente.

#### 4.1 VIAGENS PASTORAIS

Os relatos de viagens pastorais e/ou apostólicas e/ou missionárias, empreendidas pelos frades na região Sul do Brasil são numerosos. Numa analogia de que o claustro dos frades é o mundo, os franciscanos são caminhantes narradores de suas experiências, que por meio da rememoração, da reflexão, da interpretação do cotidiano vivenciado, enaltecem o trabalho missionário/evangelizador com foco nas dificuldades; e os desafios enfrentados, são meios de ensinamentos e sabedoria para as futuras gerações. Assim, rememoram o passado e narram a intensa atividade apostólica desenvolvida nos territórios das paróquias em que trabalharam.

As histórias narradas pelos frades sobre suas viagens apostólicas ou sobre as viagens que ouviram de outros, são uma forma de não deixar se perder as experiências, os fatos, os episódios da vida cotidiana em que a memória é alargada. Na rememoração, o passado é encarado como inacabado, aberto a novas possibilidades, pois, é um lembrar-se para dentro que vai além de uma simples recordação daquilo que foi. Nesse sentido, os franciscanos vivem a contrapelo da história, metáfora utilizada por Benjamin, pois, buscam na história a visão das populações esquecidas, além de preservar a memória, a projetam para o futuro, afirmando e reafirmando os valores estéticos do franciscanismo como a vida comunitária, o cuidado com os doentes, o cultivo das artes e o cuidado da natureza. Segundo Pereira (2008, p. 154), a rememoração “restitui não só o passado tal como teria se dado, mas as possibilidades de futuro que nele haviam sido inscritas – ainda que não realizadas”. Assim, Benjamin (2012) destaca que o trabalho da memória se

dá sempre no presente, ou seja, quem escava a memória faz uma releitura do passado no presente, otimizando as possibilidades de intervir no futuro.

Dentro dessa perspectiva benjaminiana, as viagens, em sua maioria, são narradas como epopeias, recheadas de grandes aventuras, perigos, desafios e grandes feitos. Os caminhos demandavam disposição e boa saúde dos frades, exigiam que se passassem longos períodos fora dos conventos em situações desafiadoras e cheias de imprevistos.

Frei Pedro Sinzig (1934, p. 79), registra: “os religiosos franciscanos, tendo vivido na Alemanha em conventos multisseculares, de tradições vivas, dos muros, onde cada pedra falava de glórias e de proezas do passado, não encontraram convento algum” no Sul do Brasil. O espírito missionário os animava, mas também é fato que muitos não conseguiram se adaptar à realidade precária e aos desafios das longas viagens, abandonando a Ordem e/ou pedindo transferências para os conventos mais bem estruturados, localizados em áreas mais urbanizadas que não demandassem locomoção por caminhos inseguros, no meio da mata e no lombo de uma mula.

As viagens a outras paróquias e conventos eram motivadas para se saber notícias dos confrades, uma vez que, não havia meios de comunicação. Frei Pedro Sinzig (1934) narra que na cidade de Lages (SC), no início do século XX, os correios de Florianópolis (SC) chegavam na cidade de seis em seis dias e que o Estafeta demorava poucas horas na cidade para que as pessoas pudessem enviar possíveis respostas. Nessa perspectiva, frei Ewaldo Bamberg (1981, p. 42), narra que “essas visitas dos irmãos estavam dentro do desejo de São Francisco que queria que os frades se visitassem. Era muita alegria de reencontrar colegas de cursos ou de outros pastoreios depois de anos”.

Frei Ewaldo, em viagem pastoral à Mangueirinha, distrito de Palmas (PR), por volta de 1940, escreve: “se a memória não me falha, fizemos uns 50 batizados, 20 casamentos e 380 crismas. O número em si não é alto, mas consideradas as circunstâncias e a desorganização reinante era suficiente para acabar com os nervos e as forças” (Frei Ewaldo Bamberg, 1981, p. 49). Essa lembrança da vida apostólica é a realização de um trabalho de memória que, embora esteja “ancorada nos fatos, nos dados objetivos dos acontecimentos” também “fundamenta-se no compartilhamento intersubjetivo de experiências autênticas, e para isso alia-se à

imaginação para apropriar-se das histórias que são fabricadas no interior de uma comunidade humana qualquer” (Silva, 2013, p. 57).

Se no cotidiano conventual os frades fazem a experiência do camponês sedentário, a vida apostólica proporciona a experiência do marinheiro, do viajante, daquele que se coloca a caminho. Assim, logo após a chegada do segundo grupo missionário, frei Humberto Themans (1991, p. 45) narra que frei Amando Bahlmann, já tendo percorrido todo o território da paróquia de Teresópolis<sup>55</sup>, “viajou novamente a Lages para tomar posse da paróquia”. Em meados de janeiro de 1892, escreveu que os que tinham sido destinados para lá deviam se preparar para a viagem: freis Germano, Rogério, Mariano e Maurício. Esses dois últimos irmãos leigos, tão necessários para os cuidados e afazeres da vida diária dos conventos. Frei Amando Bahlmann (1995, p. 66-67) ao lembrar essa viagem depois de quase trinta anos diz:

No mês de dezembro de 1891 segui para lá (Lages). Foi uma viagem difícil. Agora é mais fácil, mas naqueles tempos os caminhos eram intransitáveis. Quantas vezes o burro ficou atolado na lama, quantas vezes foi necessário tirar os animais de carga do lamaçal, onde podiam perecer!

Com a constante chegada de novos missionários, os franciscanos iam expandindo sua atuação. As regiões nas quais os franciscanos passaram a trabalhar eram comparadas como que tendo dimensões de países europeus. Isso pode ser observado na narrativa de frei Ewaldo Bamberg (1979, p. 25):

Tomemos em mãos um mapa moderno. Sirva-nos de ponto de partida a cidade de Capanema. Subamos o célebre rio Iguaçu até Porto União; pelo rio do Peixe, desçamos até o rio Uruguai, perto de Marcelino Ramos, RS; de lá acompanhemos a descida deste até encontrar a Argentina; pelos limites, sigamos até o ponto de partida, isto é, o Iguaçu. Isto era Palmas quando da ereção da paróquia; isto continuava sendo Palmas em 1914, ainda que outros municípios se formaram; e praticamente isto era Palmas ainda na década de 30 e 40. [...] Se a Bélgica mede 30.506 Km e a Holanda 32.401 Km, então podemos quase dizer que a Palmas daquele tempo tinha o tamanho desses dois países europeus.

Os registros memorialísticos indicam que as ações pastorais nestes territórios eram permeadas de percalços, como, por exemplo, o deslocamento para as visitas as capelas e aos doentes muitas vezes se constituam em uma aventura porque não havia

---

<sup>55</sup> Integrava o território da paróquia de Teresópolis (SC), entre 1891 e 1900: Vargem Grande (a 8 km da sede); Rio Novo (a 15 km); Loeffelscheidt (a 15 km); Rio do Salto ( a 15 km); Capivary – S. Bonifácio (a 28 km); Terceira Linha (a 32 km); Quarta Linha ( a 33 km); Taquaras (a 33 km); Angelina (sede) (a 42 km); Angelina – Sto. Antônio (a 45 km); Perdidos (a 46 km); Santa Maria (a 48 km); Garcia (a 55 km); São Martinho (a 68 km); Major Gercino (a 68 km); Colônia Militar Sta. Teresa (a 76 km).

estradas, pontes, lugares para se hospedar. Frei Pedro Sinzig (1917, p. 230) rememora: “quem quisesse descrever o que é uma semana a cavalo, ou antes, a mula, para o planalto de Santa Catarina, facilmente faria um livro, tão rica é a viagem em peripécias”. Os caminhos eram tão ruins e precários que frei Pedro Sinzig conclui que, pela quantidade pequena de frades e as grandes distâncias a serem percorridas, o trabalho dos franciscanos se tornava quase impossível. Com base nas memórias de frei Rogério Neuhaus, frei Pedro Sinzig (1934, p. 82), descreve os sentimentos de desespero e abandono nas primeiras viagens:

A primeira viagem em demanda a Lages, para todos, constituiu um acontecimento. O que, até então, só sabiam através de descrições, verificaram por si mesmos acontecendo que – também em outras viagens através do campo – o pobre religioso, às vezes acompanhado de um menino “vaqueano” (guia) ou inteiramente só, sentisse lágrimas nos olhos, de tanto desespero, quando não podia varar um pântano, atoleiro ou rio, e, entretanto, tinha de passar à força.

O frade recém-chegado no Sul do Brasil levava algum habitante do lugar durante as primeiras viagens ou acompanhava grupos de tropeiros até conhecer os caminhos que depois fariam parte do seu cotidiano. Os relatos de frei Ewaldo Bamberg (1980, p.116), indicam: “nada se pagava por esse trabalho. Era questão de honra e de hospitalidade. Quase sempre acontecia que o voluntário tinha parentes na estação próxima ou era convidado para casamento ou batizado”. Caso resolvessem viajar sozinhos, podia ocorrer a história contada por frei Pedro Sinzig (1917, p. 254): “o meu confrade G..., certo dia, saiu satisfeito duma povoação onde ministrara os Santos Sacramentos, encontrando-se horas e horas depois, fatigado, no mesmo lugar: é que se andara em círculo, tanto se assemelham as estradas”. Frei Pedro Sinzig (1934, p. 99), também evidencia que os frades só saíam em viagens pastorais no lombo de uma mula ou de um burro, “pois nem o cavalo aguentava dias seguidos de viagem, em ‘caminhos’ que só por eufemismo levavam este nome”. Frei Ewaldo Bamberg (1979, p. 31) dizia: “bom missionário é quem zela pelo burro (porque zelará também pelo povo); mau pregador é quem se descuida do animal (pois assim fará também com a gente)”.

Figura 32 – Frade montado num burro: meio de transporte nas viagens apostólicas (década de 1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 33 – Frades em viagens apostólicas<sup>56</sup> (década de 1930/40)



Fonte: Acervo da PFICB.

<sup>56</sup> Encontrei um recorte, em folha de jornal dessa foto, com a seguinte legenda: “Nossos ‘vigários da roça’. Durante meses a fio estes dedicados confrades, em meio ao maior desconforto, palmilham o sertão catarinense. Da esquerda para a direita: Frei Valentim Tambosi, Frei Jordão Buschhoff, Frei Teodorico Korintenberg e Frei Aquiles Kloeckner.

Sobre as dificuldades enfrentadas nas viagens apostólicas pelo território da paróquia de Lages (SC), frei Pedro Sinzig (1934, p. 80-81) narra:

A viagem era o que havia de penoso e perigoso. Não existia nenhuma estrada de rodagem, nem mesmo um caminho aceitável para cavaleiro. O que se chamava “caminho”, parecia ter escolhido de antemão os trechos mais difíceis dos morros a subir e descer, confundindo-se um pedaço bastante longo com o leito do rio (não as margens, mas o próprio leito) e levando em outras ocasiões por campos que dificultavam a orientação. Não faltavam, dentro de alguma mata, as terríveis “escadas” que se formaram pelos passos sempre iguais das mulas ou dos cavalos; escadas, longas, de terra, escorregadiças, ornadas de buracos e estes, muitas vezes, cheios de água lamacenta. Seguiam-se longas horas, sem se encontrar um racho se quer. Era preciso dividir a viagem para alcançar a noite, um casebre onde parar, para dormir ao relento. Nesses pousos, nem sempre se encontrava um leito para dormir. Em alguns, sabia-se de antemão ser preciso estender no soalho os pelegos que se levavam sobre o lombo do animal e sobre o selim, servindo este de travesseiro e a capa de cobertor. No verão, qualquer capa servia; no inverno que, no planalto catarinense, é bem severo, acompanhado de gelo, o frio atormentava, não se sabendo como vencê-lo. [...] A hospitalidade, em toda parte, era grande, não acontecendo, quase nunca, que fosse negado o pouso em casa. No rancho mais pobre era oferecida alguma coisa para comer: geralmente feijão preto, arroz e carne seca. Nem sempre havia mesa adequada e muito menos uma toalha de mesa; tampouco, os garfos, facas e colheres se assemelhavam ao que se vê nos hotéis da cidade, mas – a fome supria tudo, e o cansaço, logo depois, fazia procurar a “cama”. A falta absoluta de pontes obrigava a varar os rios e riachos, não poucas vezes com perigo de vida.

Os frades narradores contavam suas “aventuras” missionárias aos confrades que as recontavam, passando a narrativa de boca a boca, outros escreviam suas memórias em forma de versos, em autobiografias e biografias, entre outras. Assim, muitas narrativas foram publicadas, outras guardadas nos arquivos dos conventos e das sedes provinciais. Outras foram recontadas por meio dos necrológios, uma espécie de rememoração que “salva o passado não somente porque busca conservá-lo, mas porque lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida” (Gagnebin, 2014, p. 248). É ilustrativo desse processo de permanente construção de memórias, entre tantas outras semelhantes, um trecho do necrológio do frade Ângelo Fungger<sup>57</sup>, escrito por frei Hugo Baggio (1977, p. 152) e publicado quatro após sua morte:

Ouvi-lo contar suas peripécias, como missionário, que em grande parte percorria os caminhos de Deus montado a cavalo, fazia lembrar as descrições de S. Paulo, enumerando os mil perigos que teve de superar, vindo dos homens, das feras e da natureza. Contava das privações físicas: longas caminhadas, picadas intransponíveis, comida e pousadas em situações precárias, acordando mesmo com o leito boiando nas águas de uma tremenda enxurrada que se abatera sobre a frágil capela que lhe servia de dormitório; homens de facão em punho, obrigando-o a ‘mitigar’ as leis

<sup>57</sup> Frei Ângelo Fungger, nasceu em Suechteln, Alemanha em 2 de fevereiro de 1887 e faleceu em Petrópolis (RJ), em 29 de maio de 1973.

matrimoniais; o Anjo da Guarda livrando-o de sérios apuros que lhe poderiam custar a vida, como quando a mula afundou numa ponte primitiva sobre um rio volumoso, deixando cavalo e cavaleiro aprisionados, sem movimentos, no meio dos troncos da precária construção, quando surgiu um jovem que, com toda a facilidade, arrancou os dois do suplício, colocando-os no bom caminho. Mas por mais que procurasse, ao depois, o jovem pela estrada e pelas famílias da redondeza, a fim de agradecer-lhe, não localizou jovem algum, o que o fez acreditar que Deus lhe enviara um anjo para salvá-lo... Ou, em outra oportunidade, quando vencido pelo cansaço dormia a bom dormir na sacristia de uma capela, por cujas frestas cantava o vento e se esgueirava o luar, longe das casas dos homens, de repente acorda com um sopro estranho no rosto, que era muito quente para ser o vento ou brisa da noite. Abre os olhos e, na penumbra, divisa o vulto de uma onça a cheirá-lo tão próximo das faces que deixava a impressão de o estar acariciando com sua língua de felino. Com sangue frio esperou que a onça desse a primeira dentada para início da refeição, mas, surpreendentemente, o bichano desprezou o petisco e retirou-se com a tranquilidade de quem praticara uma boa ação. Algumas de suas façanhas cantou-as em versos singelos, outras elencou-as no seu caderno de notas, sob o título 'aventuras- esboços' que nunca chegou a elaborar. Eis alguns títulos: o tigre em Tamanduá (que deve ser a história acima relatada) – o dia de S. João em Rio do Sul – perdido na mata – os bichos-de-pé no Rio Novo – os índios me cercaram: só assustaram – para almoço só mandioca braba – a noite depois de ter comido 4 fatias de salame – a cobra com cabeça de criança e três metros de comprimento – formigas na capela de Rio do Sul etc. Pena que não chegou a elaborar estes episódios, pois forneceriam uma série de elementos não só históricos, mas da própria personalidade de Frei Ângelo.

Com suas narrações sobre as viagens pastorais, os frades tinham a intenção de registrar suas experiências em conformidade as condições dos primeiros cristãos que foram narradas pelo apóstolo Paulo e certamente com o objetivo de mostrar semelhanças com esse apóstolo: “fiz numerosas viagens. Sofri perigos em rios, perigos de ladrões, perigos por parte dos meus irmãos de estirpe, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos de falsos irmãos” (Bíblia [...], 2002, Cor 11, 26). Na narrativa do necrológio de frei Ângelo, é ressaltado o quão impregnados estavam os missionários da prática escriturística, quando ressalta que o frade registrou suas experiências em versos e as elencou em um caderno de notas dando títulos aos episódios merecedores de registro.

As histórias narradas não visam o cultivo de algo que já se passou, mas está permeada de sensações, sentidos que evocam elementos da estética franciscana. As experiências narradas estão sempre em abertura para o novo, daquilo que pode ampliar o jeito franciscano de ser e estar no mundo. A formação dos frades passou pelas narrativas que no contar, recontar e no registro de suas experiências, cultivaram a memória coletiva e assim construíram a identidade franciscana no Brasil. A experiência, nesse sentido, é o acúmulo de uma vida, que atravessa a passagem do tempo. As narrativas trazem “sempre consigo, de forma aberta ou latente, uma

utilidade. Essa utilidade pode consistir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos ao ouvinte” (Benjamin, 2012, p. 216).

O cotidiano das ações dos frades durante o período em que visitavam as comunidades é assim descrito por frei Ewaldo Bamberg (1980, p. 117): “depois de alguma conversa e do chimarrão, era tempo da reza, da instrução, das confissões. O Padre então se informava de eventuais casamentos a fazer ou dos casamentos já anunciados antes. As anotações eram feitas na hora, com as informações possíveis”.

Assim, na maioria dos lugares em que os frades faziam suas paradas e pregações, não haviam templos religiosos e estes, transformavam qualquer lugar em espaço para a celebração dos sacramentos, uma vez que, levavam consigo os itens necessários para criar simbolicamente, o espaço de celebração. Santos (2005, p. 91), destaca que “os freis reconstruíam junto aos seus ouvintes todo o campo simbólico do ritual, apresentando-lhes a diferença entre uma prática religiosa institucionalizada e católica das manifestações de religiosidade onde não havia essa presença”. Dessa forma, é possível perceber como objetos, gestos e símbolos introduzidos no campo de “missão” eram elementos constituintes da estética franciscana. Os frades estavam a caminho, iam ao encontro das pessoas nas localidades mais remotas, pois tinham por objetivo missionário a evangelização e a educação por meio da catequese e administração dos sacramentos. Frei Olavo Seifert (1990c, p. 89) escreve sobre os frades que viviam no convento e paróquia de Lages:

As capelas da paróquia de Lages ficavam geralmente bem distantes da sede, o que queria dizer horas, dias, semanas no lombo da mula até alcançá-las e isto sempre por caminhos ínvios ou quase sempre por picadas no meio do mato, cerrados ou campos. As capelas maiores (assim consideradas por contarem de 150 a 300 famílias), recebiam a visita do padre, uma ou duas vezes por mês; as médias, constando de 50 a 150 famílias, de dois em dois meses; as pequenas ou os pousos e paradas em ranchos ou casas particulares, de três a quatro vezes por ano. O trabalho era muito e variado, sendo realizado exclusivamente pelo sacerdote. Era a pastoral da catequese das crianças; eram as instruções para os adultos; eram as informações e palestras para os noivos; eram os casamentos e batizados que vinham de toda a redondeza; eram confissões, por vezes numerosas, estas quase sempre já começando pelas quatro horas da madrugada. A ação principal do dia era a Santa Missa, celebrada só na parte da manhã, com pregação e instrução; eram as bênçãos do Santíssimo à tarde ou à noitinha, com ladainhas cantadas, os benditos, o terço e sempre de novo a instrução religiosa. Acrescentava-se a tudo isto a reunião dos fabriqueiros (conselho paroquial) das capelas para deliberação das necessidades locais, era a hora de marcar a data da nova visita (que não podia depois ser adiada ou desmarcada); eram outras tantas reuniões para homens e mulheres das associações religiosas e com muita frequência a visita aos enfermos, com moradia distante, o que significava mais horas no lombo da mula. A tudo isso acresciam ainda os tempos chuvosos, onde coberto com o poncho, que

protegia também a montaria, seguia por picadas intransitáveis; eram as enchentes dos rios e riachos. A inclemência do tempo lageano não deve ser esquecida, quando nos campos do planalto a temperatura no inverno caía com frequência de semanas, abaixo de zero e tendo que pernoitar em pousos ou simples taperas, onde o frio e a humidade castigavam o missionário atrozmente. O poncho servia então de cobertor, a sela da montaria de travesseiro e o chão duro e frio, de colchão. Os retornos à sede paróquial eram poucos e breves e era então necessário fazer os assentamentos dos batizados e casamentos e preparar a próxima saída.

Das dificuldades encontradas nas viagens, ninguém conseguia se livrar, nem mesmo o Bispo diocesano que estava presente em algumas viagens dos frades, como rememora frei Ewaldo Bamberg (1980, p. 121):

Durante a primeira visita pastoral de Dom Carlos à paróquia do Chapecó, março ou abril de 1937, o Bispo, Frei Plácido e eu chegamos ao Chapecó-Grande, hoje Abelardo Luz. Não era mais do que uma aglomeração de casebres miseráveis com íncolas da mesma espécie. Tinha meu confrade deixado cem mil réis para que certo indivíduo comprasse talheres e comes e bebes para a ocasião. O tal sujeito aplicou a “boa quantia” para finalidades pessoais. A comitiva do Bispo nada encontrou, nem pão, nem linguiça, nem nada. Literalmente na rua e ao relento. Onde ficar? Onde deixar os animais? Com que matar a fome? Uma certa matrona gorda se apresenta e dá a solução com galinha bem preparada. Ingerimos a galinha debaixo de uma sombra acolhedora. Após a reza na Capela, a matrona – representante de tantas outras por esses Brasis antigos afora – nos ofereceu gentilmente a residência. Lá encontramos sopa, leite e as camas. Sentados em redor do fogo beira-chão, os hóspedes ingerimos o tão decantado chimarrão, ouvindo as histórias fantásticas e, ao mesmo tempo, verdadeiras, do casal e da vizinhança.

Ao criar essas narrativas, os frades reforçavam características presentes na estética franciscana, como o despojamento dos bens materiais e renúncia ao conforto pessoal; e assim, também se afirmavam como fiéis seguidores do franciscanismo. As narrativas também trazem sempre à tona a memória coletiva construída sobre episódios da vida pastoral de Francisco de Assis, rememorando suas viagens por cidades e aldeias: Francisco de Assis, “em um só dia, muitas vezes, percorria quatro ou cinco aldeias ou até cidades, anunciando a cada uma o reino de Deus” (Fontes [...], 2004, p. 264), caracterizando assim o aspecto itinerante que os frades deviam incorporar no seu cotidiano. Todo o processo narrativo dos frades é feito por meio de imagens que trazem significados da espiritualidade franciscana. Cada fato narrado contém imagens que, podem ser compreendidas, no presente, como uma sempre rememoração do passado de Francisco de Assis. Trata-se da perspectiva de salvar a história do esquecimento e assim formar as novas gerações e, dessa forma, o passado é sempre (re)significado.

## 4.2 ESCOLAS, COLÉGIOS E SEMINÁRIOS

“A ação educacional e missionária dos franciscanos, resistindo a tantas intempéries, permeou quinhentos anos de história ininterrupta. Seu esforço de educar os filhos da terra e os que aqui chegaram, através da catequese, da criação de escolas nos seus diversos níveis, bem como sua dedicação às ciências e às letras, foi marcado por forte empatia com o povo, de cujos interesses e aspirações comungaram. Indissociavelmente vinculado à formação das nossas gentes, o franciscanismo é parte da alma do Brasil” (Sangenis, 2006, p. 183).

Um aspecto relevante e parcialmente negligenciado na história da educação no Brasil, é experiência franciscana na educação<sup>58</sup>. No processo de refundação do franciscanismo pelos missionários alemães, a educação é tomada pela perspectiva pastoral, ou seja, do cuidado. A palavra “pastoral” vem do latim “pastor” que segundo dicionários da língua portuguesa, é aquele que guarda o rebanho. Nesse sentido, os frades são instituídos para cuidar, guiar, zelar e educar o “rebanho” que se encontrava sem pastores, no final do século XIX e início do século XX.

A educação, portanto, foi assumida como ensino, guarda, cuidado, evangelização, formação moral, social, cultural e intelectual. Para o conjunto dessas ações utilizaram-se das escolas vinculadas as paróquias, realizaram cursos, retiros, missões, sermões, criação e contação de histórias que trouxessem algum ensinamento. Nesse sentido, todo e qualquer movimento e ação dos frades pode ser compreendido como uma prática educativa e está em sintonia com o programa evangelizador da Ordem. Além da evangelização na educação escolar e popular, principalmente nas regiões de imigração europeia, os frades também combaterem o analfabetismo vigente na época.

O empenho dos frades na educação é produto de um momento histórico, de um lugar, de uma cultura, de uma carência social e da não presença do Estado nesse setor. O Brasil passava por um processo de transformação social e cultural com a queda da monarquia e a instalação da república que, foi precedida pela abolição da escravatura e pela imigração em massa de europeus, sobretudo para povoar a região Sul do país, com a criação das áreas de colonização estrangeira, principalmente italiana e alemã.

Outro fator de destaque é que, oferecendo escolas às crianças, a Igreja se fazia presente também em outros momentos da vida cotidiana dos indivíduos. Em Otto

---

<sup>58</sup> Ver Iglesias (2010); Sangenis (2006).

(2006), o ensino católico dos franciscanos tinha por objetivo constituir sujeitos obedientes à autoridade eclesiástica, disciplinando seus hábitos e comportamentos, visando à adesão e prática dos sacramentos da Igreja. Isso levaria as pessoas a um mesmo comportamento e a uma mesma forma de compreender o mundo:

As escolas paroquiais se encontravam sob supervisão e direção dos franciscanos, principal autoridade administradora da sua estrutura e de seu funcionamento, desde a formação de uma diretoria e a indicação de professores até a definição do currículo. Considerava-se de grande importância a vinculação do professor com os moradores das respectivas localidades; imprescindível, porém, era a sua dependência e obediência à autoridade paroquial – o pároco (Otto, 2006, p. 56).

O ensino encarado com um trabalho pastoral transformava costumes e valores vivenciados em terras brasileiras, uma vez que os franciscanos tinham por prerrogativa romanizar as práticas católicas que haviam sido degeneradas com a intervenção do Estado nas questões religiosas. Segundo Miceli (2009), as ordens religiosas instaladas no Brasil da Primeira República, se dedicaram em escolas paroquiais e colégios confessionais, pois, era uma demanda do Estado alfabetizar a população. Para tanto, os frades trabalharam por formar novos valores que correspondiam com as demandas do momento, preocupando-se nas escolas paroquiais em catequizar, nos colégios formar líderes intelectuais e políticos que ajudassem no processo transformador pelo qual o país enfrentava, e, nos seminários, a formar líderes religiosos, intelectuais e cientistas. Frei Clarêncio Neotti (2014, p. 39), constrói suas narrativas sobre a educação pastoral evidenciando que era “típico dos Franciscanos missionários alemães: prioridade à escola, onde se alfabetizava, se catequizava, se socializava e se construía uma nova mentalidade comunitária”.<sup>59</sup>

Nas localidades nas quais os frades fixaram residências ou construíram novos conventos, criaram também escolas, as chamadas escolas paroquiais que se dedicavam ao ensino primário e catequético das crianças. Igualmente construíram colégios tendo os cursos primário e secundário. São tidos como exemplares desse processo educativo, o Colégio Franciscano Diocesano, em Lages (SC), o Colégio Santo Antônio, em Blumenau (SC) e o Colégio Bom Jesus, em Curitiba (PR), além dos seminários seráficos em Blumenau (SC), Rio Negro (PR) e Agudos (SP). A estrutura escolar no início da chamada Primeira República (1889-1930), tinha por

---

<sup>59</sup> Sobre os franciscanos na história da educação e sobre as escolas paroquiais ver: Otto (2008a); Dallabrida (1993); Heerd (1992).

objetivo formar o cidadão moralmente e espiritualmente e para tanto utilizou-se das ordens e congregações religiosas.

Nesses estabelecimentos educativos, a maioria dos professores eram os frades, mas também contavam com o auxílio de professores leigos, alguns formados pelos próprios frades no *Lehrerseminar* (Seminário e/ou Curso de formação de professores). O principal *Lehrerseminar* que as fontes mencionam foi o que funcionou em Blumenau (SC), desde a chegada dos frades em 1892, mas que tomou ares institucionais com o pedido do Bispo Diocesano de Florianópolis, em 1911. Não consegui localizar documentos com o currículo desse Curso de formação de professores que, teve seu auge, de 1911 a 1930, quando se encerrou. O que se tem são algumas notas dos frades nas revistas Vida Franciscana, conforme os trechos a seguir:

Em 1911, atendendo a instâncias do então Bispo Diocesano D. João Becker, o Colégio reestruturou o programa de ensino, abrindo um 'Lehrer-Seminar', isto é um Curso de Formação de Professores, para atender às numerosas escolas paroquiais da região. Conseguiu formar algumas dezenas de professores (52 até 1925) e presumivelmente uns 80 até 1930, quando se encerrou. Poucos, mais preciosidades muito ambiciosas na época (Frei Oswaldo Furlan, 1973, p. 20).

Os primeiros alunos-professores, foram recrutados nas colônias afastadas, interessadas em fundar uma escola junto às suas igrejas. Frei Estanislau Schaette recebia tais candidatos, corrigia a linguagem escrita e falada através de aulas e exercícios diários de português e reforçava os conhecimentos de matemática. Em regime de Internato, passava a seus alunos toda uma estrutura de conhecimentos gerais e rudimentos de literatura e ciências sociais. Alunos interessados permaneciam no *Lehrerseminar* também durante as férias. Aos mais adiantados eram dadas oportunidades de ministrarem aulas aos principiantes. E, ao se formarem, através de um exame público, em Florianópolis, capital do Estado, Frei Estanislau acompanhava-os e apresentava-os à Comunidade em que iam lecionar (Frei João Crisóstomo Arns, 1997, p. 51).

Como as escolas paroquiais funcionavam ao lado das Capelas ou em muitos momentos no mesmo prédio, faltavam professores, como ressalta a narrativa presente nas memórias de frei Ewaldo Bamberg (1980, p. 124): “as distâncias enormes entre um lugar e outro e o pequeno número de escolares não compensava o sacrifício monetário de um professor público. Os frades nem sempre tinham a formação específica para determinada disciplina, mas quase que como autodidatas se dedicavam ao magistério”.

O necrológio de frei Edmundo Binder (1911-1977) apresenta o seguinte: “como Professor do Ensino Secundário foi duma atividade polivalente aceitando as cadeiras mais difíceis e para as quais nem sempre havia um Professor especializado”

(Frei João Crisóstomo Arns, 1981, p. 176). O necrológio de frei Odorico Durieux também rememora sua trajetória de vida dedicada ao magistério:

Então, quem sai formado de uma escola de Humanidades, como foi o nosso seminário, ele não é alheio a português, francês, latim, grego, inglês, música, caligrafia, pintura; tudo está dentro da formação que o seminário oferece. E é por esse motivo que cada qual se sente medianamente habilitado a exercer qualquer dessas profissões. A mim me lançaram ao magistério. E nesse eu permaneci, não tanto por minha vontade, porque não fui consultado, mas sobretudo porque há escassez de pessoas que aceitem este trabalho (Frei Clarêncio Neotti, 1998, p. 240).

Faltavam também recursos financeiros para honrar com os salários dos professores leigos. Ademais, muitos não se dispunham a residir em lugares distantes das sedes das localidades e pequenas cidades. Em Santa Catarina, uma estratégia para suprir a falta de professores foi a fundação da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas (CICAF) pelos frades de Rodeio, em 1915, enviando-as duas a duas para cada escola paroquial. Assim, as Irmãs Catequistas ensinavam as crianças a ler, a escrever e a contar, facilitando, dessa forma, a assimilação de valores morais pelo ensino da catequese na própria escola.

Cada paróquia era responsável por várias escolas paroquiais que iam surgindo conforme a necessidade das comunidades. Algumas conseguiam construir um prédio próprio. Como exemplificação, apresento as paróquias de Rodeio (SC) e Alto Jacuhy (RS). O número de escolas e alunos podem ser verificados nos apêndices C e D. Além da alfabetização e da doutrina católica, essas escolas também tinham como intenção despertar nas crianças e adolescentes o desejo de entrar nas ordens religiosas, servindo como “celeiros” vocacionais. Os meninos que manifestassem esse desejo eram enviados para os seminários e as meninas para as congregações religiosas femininas.<sup>60</sup> Essas intenções já aparecem nas memórias dos primeiros frades que chegaram em Teresópolis (SC), em 1891:

Frei Patrício substituiu-me como cozinheiro. Eu fiquei com a sacristia e alfaiataria. Mas recebi uma nova incumbência. Eu prestava a algumas crianças de colonos que moravam perto, o ensino primário. Domingos e dias santos eram para mim de muito trabalho. Depois do ofício divino, que como já falei só se realizava antes do meio dia, eu cavalgava uma hora e meia para o interior, para dar aulas às crianças. Como o caminho para lá era muito ruim e o lugar era bem ermo, faltava às crianças meios para irem à escola. Eu tentei dar-lhes alguns ensinamentos de leitura e de escrita. Custava paciência e esforço, pois eram crianças da mata virgem, crescidas sem nenhuma outra visão. Também os pais não sabiam nem ler, nem escrever. Com o que mais me preocupava era com o ensino de religião. Principalmente com a preparação para a confissão e a comunhão. Embora tivessem 15 e mais anos, as crianças não tinham se confessado. Também a gente grande

---

<sup>60</sup> Sobre vocações religiosas no Vale do Itajaí (SC), ver Silva (2001).

tomava parte nas aulas. Embora esta ocupação às vezes fosse bem difícil e trouxesse muitos aborrecimentos, sempre era uma alegria para mim quando podia exercê-la. Era um quadro de uma verdadeira vida de missão, quando, na cabana ou com tempo ao ar livre, eu estava sentado entre essas crianças do mato e lhes podia transmitir os conhecimentos necessários da religião. Por isso não sentia tanto os aborrecimentos. Muitas vezes voltava para casa cansado de morrer e inteiramente molhado (Frei Humberto Themans, 1991, p. 46- 47).

Busquei localizar nos escritos dos frades, uma série de escolas fundadas pelos frades, em quinze localidades em que fixaram residência, em fins do século XIX e início do século XX, conforme seguem, da letra “a” até a letra “o”:

(a) em Lages: “Lages era uma população onde faltava por completo a instrução secundária. Avaliando esta lacuna e apreciando o grau de inteligência e a vivacidade dos jovens lageanos aventaram os padres a ideia da fundação de um colégio” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 108);

(b) em Blumenau (SC), 1892: “Em vastas dependências do Convento funciona uma escola normal para rapazes que se destinam ao magistério nas escolas primárias” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 111);

(c) em Rodeio (SC), 1894: “Logo no princípio da fundação abriu-se uma escola paroquial, que ficou aos cuidados do irmão Frei Hermano, de pia memória; da educação das meninas encarregaram-se as Irmãs da Divina Providência, que ali abriram uma casa de instrução em 1905” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 113);

(d) em Curitiba (SC), 1898: “Um dos primeiros empenhos desses padres foi a fundação de uma escola para meninos” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 116);

(e) em Curitiba (SC), 1900: “Aos 2 de janeiro de 1902, abriram os padres uma escola paroquial, para a qual construíram, em 1906, uma casa mais apropriada” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 118);

(f) em São José (SC), 1903: “Apenas chegados a S. José, fundaram os nossos padres uma escola paroquial para os filhos do povo” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 120);

(g) em Palmas (PR), 1902: “Assistem nesta residência três padres e três irmãos. Mantém uma pequena escola para meninos, de ensino primário” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 121);

(h) em Guaratinguetá (SP), 1910: “Funciona, no edifício do Convento, um excelente colégio gratuito, frequentado por cerca de duzentos alunos” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 123);

(i) em Amparo (SP), 1912: “A residência foi elevada a Convento no Capítulo de 1914. Ao lado do mesmo mantêm os religiosos uma escola gratuita” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 123);

(j) em Porto União (SC), 1911: “A pedido dos padres, fixaram na paróquia as dignas Irmãs Servas do Espírito Santo, que dirigem grande internato e externato, este de ambos os sexos” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 124);

(k) em Canoinhas (SC), 1912: “[...] 1914, ficou assentado no Capítulo Provincial que se fundasse ali uma Residência, cujo Superior ficou sendo o mesmo vigário Fr. Menander. Este, que se achava só com um irmão leigo, com sacrifícios abriu uma escola paroquial, da qual era e ainda é ele próprio o professor” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 125);

(l) em São Paulo- Pari (SP), 1916: “Ao lado da residência, abriram os padres espaçosas salas para aulas, formando um ‘grupo’ escolar, que foi inaugurado com máxima solenidade em 1920. Tem este ‘grupo’ um diretor secular e oito professoras habilitadas” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 126-127);

(m) em Alto Jacuhy (RS), 1918: “Fundaram um colégio que, graças a Deus, já tem fornecido bom número de alunos para o nosso ‘Colégio Seráfico’” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 127);

(n) em Gaspar (SC), 1904: “Em 1904 foi construída, ao pé do morro da matriz, a escola paroquial, em que, sob a direção do vigário franciscano, a juventude católica recebe instrução primária. A frequência atingia à média de 45 a 55 alunos. Na falta de professor idôneo, o próprio vigário exerceu o magistério pelo espaço de dois anos” (Frei Estanislau Schaeette, 1922, p. 227);

(o) em Petrópolis (RJ), 1899: “Em alguns Conventos montaram-se tipografias; nenhuma, porém, chegou a ter a importância da tipografia do Convento de Petrópolis, a qual, desde 1910, funciona em prédio próprio. Além de, por este motivo, o Convento se tornar o centro de trabalhos literários, tem ainda o prazer de poder sustentar, com a tipografia, uma escola gratuita, com cerca de 600 meninos, e, ao mesmo tempo, garantira a esses meninos, já saídos da escola, o futuro, visto ocupar na tipografia, como numa escola profissional, de preferência os seus ex-alunos” (Frei Diogo de Freitas, 1922, p. 198).

As escolas paroquiais e os colégios franciscanos também foram de grande eficácia para a época, pois, alfabetizaram contribuindo com a coesão social do Brasil por meio do ensino da língua vernácula. Segundo as narrativas de frei Estanislau

Schaette (1922, p. 216- 217), as escolas paroquiais mantidas pelos frades seguiam mais ou menos, dentro das possibilidades de cada contexto, o padrão:

Funcionavam desde o dia 7 de Janeiro até meados de Novembro, encerrando-se o ano escolar com numerosa primeira Comunhão, no último domingo deste mês. O programa completo abrange três cursos: elementar, médio e complementar, que são distribuídos em cinco classes, das quais duas pertencem ao curso elementar, uma ao médio e duas ao complementar. Ensinam-se as seguintes disciplinas: Religião, português, história, aritmética, geometria, geografia, história natural, física, química, caligrafia, desenho, canto, ginástica. [...] Depois da religião o dom da palavra é o maior bem de cada indivíduo e de toda a sociedade. A LÍNGUA PORTUGUESA, por isso, depois do ensino da religião, é a disciplina de maior importância na escola primária. Cada lição tem de oferecer ao aluno ocasião para aperfeiçoar no idioma materno, tanto oralmente como por escrito. Em todas as matérias e lições o professor deverá: 1º explicar as palavras desconhecidas ou menos familiares; 2º dar ocasião ao aluno para exprimir os seus pensamentos verbal e graficamente; 3º limitar quanto possível o número de perguntas; 4º exigir do aluno uma pronúncia correta e expressiva. O ensino da língua portuguesa desdobra-se nos seguintes ramos da escola primária: a) leitura; b) gramática; c) ortografia; d) linguagem oral e escrita.

Nas escolas paroquiais sob a batuta dos franciscanos, havia sempre instrução religiosa, seja pelos frades ou por catequistas por eles preparados; se reuniam todos os meses para formação e preparação de material didático a fim de tornar as aulas mais atraentes:

No ano de 1920 a Província Franciscana da Imaculada Conceição empregou nas escolas, paroquiais ou não, de sua jurisdição, 16 padres e 36 professores seculares. Estes são pagos pelo respectivo Superior do Convento. O número de alunos foi de 3.127. Além disso, funcionaram, no mesmo ano, 37 escolas paroquiais, regidas por professores seculares, sob a direção dos Franciscanos, com 1.378 alunos. Não estão compreendidas, nesses algarismos, as escolas a cargo de Irmãs religiosas, que, em oito paróquias confiadas aos Franciscanos, com zelo e abnegação se dedicam à instrução primária. Dando remate a esta exposição do trabalho dos Franciscanos na escola, fazemos ainda menção do ensino de religião que os Religiosos administram em numerosos colégios particulares, não mencionados, unindo, deste modo, os seus esforços de sacerdote aos da respectiva direção na educação aprimorada da juventude brasileira (Frei Estanislau Schaette, 1922, p. 228-229).

E nesse sentido tiveram êxito. Quanto às escolas paroquiais, frei Ary Pintarelli (1991, p. 27), por ocasião do centenário da PFICB, revisitando a memória coletiva produzida pelos frades do início do século XX sobre a pastoral educacional no Vale do rio Itajaí-Açu, diz que o trabalho nas escolas paroquiais

[...] iniciou tímido, humilde, pequeno como grão de mostarda, e que aos poucos foi crescendo, tornou-se árvore e os pássaros se aninharam em seus ramos, e ainda mais, frutificou, que Rodeio e localidades vizinhas se tornaram, por muito tempo, a região mais alfabetizada do Brasil (Frei Ary Pintarelli, 1991, p. 27).

Em cidades como Lages (SC), Blumenau (SC) e Curitiba (PR), os frades, por vezes, alinharam-se às elites e por meio dos internatos educaram parte dos seus filhos. Nos Colégios Franciscanos como o de Blumenau saíram personalidades formadas pelos frades que se destacaram em níveis locais, estaduais e nacionais na Primeira República, a exemplo, entre outros, dos irmãos Konder (Marcos Konder, Prefeito e Vereador de Itajaí (SC); Adolfo Konder, governador de Santa Catarina, Deputado Federal e Senador da República; Vitor Konder, ministro da Viação e Obras Públicas no governo de Washington Luís (1926-1930), Deputado Federal e Estadual; Arno Konder, Cônsul-Geral do Brasil em Washington, Estados Unidos; Crispim Mira, jornalista, escritor e advogado, atuou na imprensa do Estado de Santa Catarina e do Rio de Janeiro no início do século XX.

Vale lembrar que as contradições estão por toda parte. Embora os franciscanos sejam no imaginário portadores da paz, dentro do contexto social, cultural e político do contexto que versa essa pesquisa, é constante deparar-se com experiências de conflitos, violência, armas. Para adquirir alunos os frades utilizavam de diferentes estratégias, além de oferecer um ensino de qualidade. Na década de 1920, funcionava “no próprio Colégio um Tiro de Guerra, que fornecia aos estudantes nele aprovados o certificado militar de reservista de segunda categoria. Compreende-se que, para fruir de tal benefício, viessem matricular-se, até no internato, jovens vindos de vários lugares” (Frei Clarêncio Neotti, 1985, p. 4).

O programa de formação, nos seminários franciscanos, também seguia um padrão, segundo a narrativa de frei Clarêncio Neotti (2014, p. 24-25):

O Seminário mantinha três classes, todas em vista do sacerdócio. Horário e programa de estudo rigorosos. Basta dizer que se levantavam às 4h30 da manhã. Às 5h rezavam no refeitório a Oração da manhã em comum. Estudavam até as 6h, quando participavam da missa diária, muitas vezes cantada. Às 7h tinham o café em silêncio, enquanto escutavam um trecho, em latim, da *Imitação de Cristo*, o famoso livro de Tomás de Kempis. Vinham as aulas de manhã e de tarde, todas dadas pelos padres professores. Durante o almoço, em silêncio se não fosse dia de festa, havia três leituras sucessivas: uma sobre as verdades da fé, outra sobre a vida de algum santo, e a terceira sobre a história da Igreja. Assim continuava o dia, cheio, não faltando os momentos de lazer, mas também um lazer dirigido à formação do caráter, à convivência fraterna, ao serviço mútuo. Diariamente o reitor fazia uma palestra aos seminaristas.

Importante salientar que esse trabalho pastoral na educação e na evangelização do Sul e Sudeste brasileiros se deu em consequência do número elevado de missionários alemães e do trabalho nos colégios seráficos e seminários

na formação de novos frades<sup>61</sup>. Se no ano da refundação da OFM no Brasil (1891) havia apenas um frade na PFICB, 50 anos depois, segundo os dados de frei Basílio Rower (1947, p. 87), os franciscanos já contavam com 58 Conventos, assim distribuídos: Santa Catarina, 20; São Paulo, 19; Distrito Federal e Estado do Rio, 8; Rio Grande do Sul, 2; Paraná, 6; Minas, 1; Espírito Santo 1; na Bélgica (Europa), 1. O mesmo frei Basílio Rower registra que em fins de 1945, a PFICB contava com 547 frades, assim discriminados: Bispos, 3; Administrador apostólico, 1; sacerdotes, 346; sacerdotes hóspedes de outras Províncias, 8; clérigos, 31; irmãos leigos, 158.<sup>62</sup>

Para os colonos da região Sul do Brasil, era um prestígio. Colocar um filho no seminário era a certeza que receberia uma educação de qualidade e teria acesso ao capital cultural nos termos de Bourdieu (2015). Muitos dos frades saíram do Brasil para estudar, tendo contato com outras culturas e realidades sociais. Ter um filho religioso ou religiosa fazia com que a família “ascendesse” socialmente pelo capital cultural adquirido por um membro da família.

A modernidade possibilita o processo de escolarização da população, sobretudo as populações urbanas. A realidade dos frades era uma região do Brasil rural e diverso etnicamente. Nas localidades com a população mais concentrada, a escola passa ser um dos ícones do processo de civilização que a Primeira República pretendia, colocando a escola como um lugar social por excelência. Os frades, porém, estavam em sua maioria imersos no mundo rural e somente a educação escolar, por meio das escolas paroquiais, rurais e comunitárias não eram capazes de atingir toda a população no sentido de moralizar, disciplinar, normatizar os hábitos e comportamentos. Imbuídos da missão educativa e possuidores de um poder simbólico, os frades criaram outras estratégias educativas para a ampliação de seu capital simbólico, por meio da criação de tipografias e fundação de congregações religiosas femininas.

---

<sup>61</sup> Desses seminários saíram muitos frades cientistas, artistas, intelectuais e lideranças religiosas. Destaco aqui a título de exemplificação, Dom Frei Daniel Hostin (1890-1973), primeiro Bispo da Diocese de Lages (SC); Dom Frei Inocêncio Engelke (1881- 1960), Bispo da Diocese de Campanha (MG); Dom Frei Paulo Evaristo Arns (1921-2016), Arcebispo da Arquidiocese de São Paulo que foi um dos expoentes da luta contra ditadura cívico-militar no Brasil de 1964 a 1985.

<sup>62</sup> A revista *Vita Franciscana* de 1936, página 31, traz o número de membros da Ordem no mundo naquele ano: “segundo a última estatística, conta em todo mundo 104 províncias (ou comissariados independentes) e nelas: 917 conventos formados, 1.088 residências. Tem 11.060 sacerdotes, 4.875 clérigos professores, 5.171 irmãos professores, 1.023 clérigos noviços, 433 irmãos noviços e 1.980 irmãos terceiros; ao todo 25.000 religiosos, mais ou menos” (Notícias [...], 1936, p. 31).

### 4.3 TIPOGRAFIAS E FUNDAÇÃO DE CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS

Além das escolas paroquiais, colégios e seminários, os frades também se dedicaram, no início do século XX, à imprensa. Fundaram gráficas, em sua maioria, nos porões dos conventos, para impressão de revistas e jornais com as mais variadas informações, editaram livros e folhetos devocionais (Rodrigues, 2019). Alguns exemplos de revistas e jornais publicados pelos frades são os jornais “O Cruzeiro do Sul”<sup>63</sup>; “O Guia Serrano”;<sup>64</sup> “*L’Amico* (O amigo)”<sup>65</sup>; “*Kompass* (A Bússola)”<sup>66</sup>; e a Revista “A Sineta do Céu”<sup>67</sup>.

Nas escolas paroquiais do fim do século XIX e início do século XX, havia uma total “escassez de recursos pedagógicos [...], os alunos, para escrever, possuíam apenas uma lousa de ardósia e um pequeno pano para ‘apagar’ tudo, assim que tivessem preenchido a lousa” (Frei Ary Pintarelli, 1991, p. 36). Não havia materiais didáticos como livros, bibliotecas e “nada de cadernos, nada de guardar lições para serem estudadas em casa, mesmo porque para isso, não havia tempo. Os trabalhos, na roça, falavam mais alto (Frei Ary Pintarelli, 1991, p. 36).

Na tentativa de auxiliar os frades professores e professores leigos, na impressão de materiais didáticos<sup>68</sup>, direcionados às escolas paroquiais mantidas pelos frades nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, os frades do Convento Sagrado Coração de Jesus de Petrópolis (RJ), investiram na fundação em de uma gráfica: a *Typografia* da Escola Gratuita São José, em 1901.<sup>69</sup> Essa tipografia, em Petrópolis (RJ), se transformou na Editora Vozes, e juntamente com outras tipografias, possibilitaram imprimir e publicar as memórias franciscanas. Frei Amando, assim relata:

---

<sup>63</sup> De 1902 a 1904 circula em Lages o Jornal Cruzeiro do Sul editado nas dependências do Convento franciscano da cidade de Lages (SC), sob a coordenação de frei Pedro Sinzig.

<sup>64</sup> Jornal publicado pelos frades na cidade de Lages de 1937 a 1961 com aproximadamente 2.600 exemplares. Posteriormente esse jornal foi assumido pela Diocese de Lages.

<sup>65</sup> O Jornal *L’Amico* foi fundado pelos frades, nas dependências do Convento da cidade de Rodeio (SC). Era um semanário com notícias diversas da paróquia e da comunidade. Funcionou de Abril de 1904 até 1917.

<sup>66</sup> Jornal Católico editado em língua alemã pelos frades do Convento de Curitiba no período de 1902 a 1938.

<sup>67</sup> Revista editada e publicada em Lages a partir de 1910 pelo frei Pedro Sinzig.

<sup>68</sup> Sobre os livros didáticos editados pelos frades recomendo a leitura de Gilz (2018).

<sup>69</sup> Em poucos anos, a *Typografia* conseguiu expandir seus negócios e a se firmar no mercado editorial brasileiro com a edição de livros, traduções de romances, impressão de opúsculos devocionais escritos pelos frades, passando a ser chamada a partir de 1911 de Vozes de Petrópolis. Na atualidade, a Editora Vozes é uma renomada empresa brasileira que publica livros nas mais diversas áreas do conhecimento.

A leitura das *Reminiscências de um Frade* de Frei Pedro Sinzig me agradou. No decorrer do livro, verifiquei sobretudo que ele escreveu com uma intenção muito pura e sem pretensão ou orgulho. Reconheço que tal leitura não só é interessantíssima, mas também de grande utilidade, sobretudo para meninos e jovens. [...] Esta é também minha intenção com este livro: divertir e ao mesmo tempo ser útil. Não será possível escrever continuamente; deverá haver muitas interrupções (Frei Amando Bahlmann, 1995, p. 18).

Frei Pedro Sinzig foi transferido de Lages (SC) para Petrópolis (RJ), no capítulo provincial de 1907, para contribuir na organização da Tipografia da Escola Gratuita São José. A Ordem Franciscana tinha acabado de publicar a Revista Vozes de Petrópolis. Segundo frei Pedro Sinzig (1917, p. 286-287):

Fulgia, naquele tempo, nas páginas da nova revista, o talento de Frei Hugo Mense, espírito vivo, universal, poeta, de extraordinária facilidade para escrever. Frei Antonio Schaefer traduzia novelas e romances, aos quais a senhorinha Maria Eugenia Affonso Celso, herdeira das grandes qualidades literárias de seu pai, deu forma mais adequada ao espírito do idioma brasileiro. Frei Luiz tratava da crônica local, abandonada mais tarde para dar às Vozes de Petrópolis, exclusivamente, o caráter de revista nacional. De outros conventos – principalmente Frei Basílio Rôwer, bom músico – mandavam artigos apropriados.

A citação de frei Pedro sobre o início da Editora Vozes é representativa do trabalho comunitário dos frades que também utilizaram as artes no seu trabalho pastoral. A arte concede várias possibilidades de evangelização, ao mesmo tempo em que os colocam numa relação formativa, pois, cada manifestação artística aponta para diferentes tipos de percepção, sensação, experimentação. Os franciscanos viveram no seu cotidiano a busca pelo Transcendente e utilizaram das diferentes artes para transformar seus sentidos e daqueles que estavam a sua volta. A arte expressa a leitura do mundo do artista e foi utilizada por alguns frades como meio de organização e transformação social e cultural.

Pensando também em ampliar o trabalho evangelizador, alguns frades fundam congregações religiosas femininas para auxiliá-los nos trabalhos de evangelização e de educação. Desde a chegada dos frades alemães, foram fundadas as seguintes congregações: Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, fundada por frei Amando Bahlmann e pela Madre Maria Imaculada de Jesus (Elisabeth Tombrock), em 05 de dezembro de 1910, em Santarém (PA)<sup>70</sup>; Irmãs Catequistas Franciscanas, fundada em Rodeio (SC), em 1915, por frei Polycarpo Schuhen, tendo as primeiras religiosas: Amábile Avosani, Maria Avosani e Liduína

---

<sup>70</sup> Ver em frei Amando Bahlmann (1995).

Venturi<sup>71</sup>; Irmãs Franciscanas Filhas da Divina Providência, fundada por frei Nicolau Leurs, em 15 de agosto de 1930, em São Paulo (SP)<sup>72</sup>; Irmãs Paroquiais de São Francisco, fundada pelo frei Atico Eyng e pelas Irmãs Maria da Glória Monteiro e Ruth de Oliveira, em 08 de dezembro de 1953, em Nilópolis (RJ)<sup>73</sup>; Irmãs de Cristo Operário, fundada pelo frei Luís Maria Sartori em 1960, em São Paulo (SP)<sup>74</sup>; e Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora de Fátima, fundada por frei Orestes Girardi e pela Irmã Maristela Alves Cintra, em 25 de setembro de 1968, em Campos do Jordão (SP)<sup>75</sup>.

No próximo tópico apresento algumas das práticas dos frades junto ao trabalho do desenvolvimento da agricultura, na saúde, na ciência e nas artes.

#### 4.4 AGRICULTURA, SAÚDE, CIÊNCIA E ARTES

“Nas viagens, o sacerdote, de quando em vez, encontra uma ingenuidade que o admira, dadas as condições em que a população vive. Outras vezes, é mais frequente, vê-se diante de uma ignorância tal, que nem certos pecados graves vê uma coisa ilícita” (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 261).

Os frades estavam inseridos em todas as áreas da vida social, suas preocupações e ensinamentos perpassavam, do cuidado da alma, ao cuidado do corpo, da agricultura a questões políticas, sociais e econômicas, pois, eram parte ativa da vida cotidiana local. Frei Ewaldo Bamberg (1981, p. 41), narra o quão difícil foram esses momentos da guerra do Contestado na vida dos frades: “Bem mais tarde, havia ainda uma tradição oral que contava que, durante a guerra do Contestado, dois frades se haviam abalado de tal modo que tiveram que ser substituídos”. Mas essas substituições trouxeram outros benefícios. Frei Ewaldo diz que, nessa substituição, veio para Palmas frei Osmundo Keuffer e que este se dedicou a dois objetivos: o primeiro em formar catequistas e para tanto, reunia pessoas interessadas e durante dois dias as instruía sobre aspectos da doutrina católica e estas, depois teriam como missão transmitir os ensinamentos em suas casas e comunidades. O segundo

---

<sup>71</sup> Sobre as Irmãs Catequistas Franciscanas ver: Otto (2006; 2012; 2021); Kantovitz (2021). Sobre o fundador frei Polycarpo Schuhen, ver: Otto (2008b).

<sup>72</sup> Disponível em: <https://franciscanasprovidencia.org.br/nossa-historia/>. Acesso em 15 jul. 2022.

<sup>73</sup> Disponível em: <https://nossasenhoraodobonsucesso.wordpress.com/irmas-paroquiais-de-sao-francisco/>. Acesso em 20 mai 2022.

<sup>74</sup> Sobre essa congregação religiosa não encontrei registro em livros ou sites. Fiz contato telefônico com uma das irmãs para saber sobre seus trabalhos.

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.franciscanasnsfatima.org.br/historia>. Acesso em 20 mai. 2022.

objetivo de frei Osmundo foi, de ajudar a população a melhorar ou construir melhores estradas:

Os primeiros penetrantes nas matas virgens faziam apenas uma picada para poder levar a mudança nos lombos de animais. Uma vez instalados, esqueciam de reformar ou encurtar as picadas. Tanto quanto sei, Frei Osmundo – o Ismundo- fora soldado na Alemanha e tinha certa queda para engenheiro ou tendência a *factótum*. Provido de Compasso, bússola e marcador de distância, levava consigo dois ou mais moradores. Marcavam com ferramentas as novas direções de uma capela a outra. Evitavam-se rodeios ou subidas desnecessárias ou descidas longas e abruptas (Frei Ewaldo Bamberg, 1981, p. 41).

As narrativas são o retrato de um tempo. E em meio a tanta dificuldade de locomoção, hospedagens, recursos, as narrações retratam os frades organizando as comunidades com seus conhecimentos e com os recursos humanos e financeiros disponíveis. Num tempo em que as reflexões sobre as relações de gênero estavam em pauta, parece que o frade se antecipa e inaugura a seu modo um jeito de levar a refletir sobre os papéis assumidos pelas mulheres e pelos homens daquele contexto.

Frei Pedro Sinzig (1917, p. 232) sobre a paróquia de Lages (SC), diz que era paupérrima, assim como as capelas que a compunha,

[...] de castiçais, algumas vezes tem que servir garrafas ou rolinhos de fio; de vasos de flores, simples copos. Paramentos, não há; o sacerdote tem que trazê-los consigo, no lombo do animal, bem como as toalhas para o altar, o missal, as velas e a pedra com as relíquias para a missa.

Acrescenta que o que os frades não conseguiam ou não encontravam nas terras de missão no Brasil, pediam em doações na Alemanha (Frei Pedro Sinzig, 1917). Sobre as doações recebidas do exterior, frei Pedro Sinzig realça a grande imagem de madeira do Sagrado Coração de Jesus, que chegou de navio a Florianópolis (SC) a pedido de frei Rogério Neuhaus e que teve de ser transportada para a igreja de Lages (SC):

Como, porém, transportar essa imagem, em si o seu peso e tamanho em muito excediam o que podia levar um animal de carga? Não houve remédio se não trazer a grande imagem, em dias e dias de viagem a pé, num andor, nas costas de homens robustos. Frei Rogério não se deixou intimidar pelas dificuldades. Foi ao encontro da imagem, acompanhando-a sempre e fazendo, de noite, com a gente que afluía, uma novena, na qual não deixava nunca de pregar. No dia seguinte, com novo pessoal, continuava a penosa viagem, repetindo-se à noite o mesmo espetáculo, e isso tantos dias e tantas noites até se aproximar de Lages (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 233).

Esse episódio de frei Rogério Neuhaus narrado por frei Pedro Sinzig representa como os franciscanos utilizavam de elementos da religião para a organização social. A chegada de uma grande imagem para a cidade de Lages, mobilizou toda a população que vivia a beira do caminho do litoral até a serra

catarinense. Nesse mesmo sentido, frei Ewaldo rememora o quanto os frades foram polivalentes nos seus trabalhos e orientações.

Essa polivalência incluía conhecimentos relacionados ao trabalho na agricultura, nos cuidados da saúde, na criação artística e na ciência; não se restringindo às práticas sacramentais e questões de ordem espiritual. O envolvimento dos frades variava conforme a região em que estavam atuando. Frei Ary Pintarelli (1991, p. 24-25), falando dos frades que atuaram na região do Vale do Rio Itajaí-Açu em Santa Catarina, enfatiza que trataram de criar ou incentivar “tudo que dissesse respeito ao povo, ao seu bem-estar, seu desenvolvimento e progresso, às suas necessidades de pessoas”, destacando a introdução da cultura do arroz irrigado e a formação de cooperativas agrícolas. Frei Ewaldo Bamberg (1980, p. 127-128), destaca algumas instruções na região Oeste dos estados do Paraná e de Santa Catarina:

Nas visitas ensinavam cantos e orações em família. Ensinavam remédios contra vermes e contra outras doenças de gente e de animal. Explicavam o valor exato da benção sacerdotal, da benção dos pais e padrinhos. Conseguiram que fossem criadas escolas, que se abrissem ou alargassem picadas, que se fizessem pontes por sobre os rios mais largos. Outro progresso conseguido pelo Missionário: as “casinhas”, o uso do sabão, os banhos mais frequentes, o uso de roupas limpas. Novas sementes, novas plantas, variedade de legumes e verduras, de alhos e cebolas, de plantas medicinais foram aparecendo pelos quintais. Em redor da casa foram surgindo os limoeiros, os pés de lima, as bergamoteiras, as laranjeiras. E as árvores de sombra perto dos ranchos. Sei que os missionários até levavam sementes de flores para os mais caprichosos e mudas de trepadeiras. Davam orientação sobre a criação de galinhas, patos, marrecos, gansos, e sobre o valor alimentício de suas carnes e ovos. Ensinavam o valor medicinal da gema e da clara. Anos mais tarde as famílias repetiam tudo exatamente e o nome do Frade que lhes ensinara. Foram os Frades que introduziram os garnisés e as galinhas da angola. Não havia necessidade de falar de vacas e bois, mais insistiam em trato melhor para os animais para que o leite fosse melhor e mais gordo. Anos mais tarde mostravam a roça de alfafa e outras forragens. Uma batalha quase inútil era contra as queimas das roças. Não lhes entrava na cabeça, como até hoje não entrou pela cabeça de muita gente. Outra recomendação do Missionário: um bom potreiro, mesmo que pequeno. Potreiro limpo com bom pasto é a roça continuada. Várias famílias construíram paiol coberto para, nas noites frias e chuvosas, abrigar a criação.

O campo da estética é a realidade por meio dos sentidos sensórios corporais. O trabalho com a terra, a produção de alimentos, o cuidado com o corpo, a relação com os animais. Os frades dialogam com a natureza e não compactuam com a dominação do ser humano sobre a natureza.

Aos domingos e dias santos geralmente fazíamos um passeio na redondeza de Teresópolis. Caminhos planos não existiam, com exceção daquele que serpeava o Cubatão. Muitas vezes, subíamos os altos morros, olhávamos o horizonte e nos alegrávamos nas belezas na natureza. Cada pássaro, cada planta era uma novidade. Sempre descobríamos algo que despertasse nossa

admiração. Sobretudo a mata virgem, que nesta região estava intacta em sua majestade e beleza não nos deixava sair sem admiração. [...] Os fortes raios de sol tropical não conseguiam atravessar. Um escuro misterioso ou melhor uma claridade, estranha, havia sempre na mata virgem. Embora os raios de sol não conseguissem penetrar, podia-se ver mesmo à distância cada objeto. [...] eram uma distração e um conforto para o nosso trabalho durante a semana (Frei Humberto Themans, 1991, p. 42.43).

Os frades perceberam, logo no início de seu estabelecimento em Santa Catarina que ajudando os doentes da comunidade, conquistariam mais facilmente a confiança das pessoas como relata frei Humberto Themans (1991, p. 47):

Mas uma ocupação não menos penosa me foi confiada. Logo depois da nossa chegada, fui promovido a Doutor dos colonos. A ocasião para tal foi a seguinte: Pe.Topp que nos levou a Teresópolis (SC) dissera aos colonos que um dos Franciscanos era doutor. Ele pensava naturalmente no Pe. Amando que estudou em Roma e tinha recebido o título de doutor. Mas os colonos não pensavam outra coisa se não no doutor de medicina. Como nesta região não havia médico, eles nos procuravam para auxílio em suas doenças, Pe. Amando que reconheceu que a gente nos seria mais chegada, e aliás que seria de utilidade que recebessem de nós medicamentos, deu-me a incumbência de auxiliar o povo na medida do possível.

Essa história é permeada de sagacidade, pois, frei Amando, percebendo a confusão do povo sobre o tal “doutor”, logo dela se utiliza como forma de conquistar a confiança da comunidade. Para tratar os doentes, os frades utilizavam-se de orações, de medicamentos trazidos pelos frades da Alemanha, de elementos da “homeopatia” e também difundiam o conhecimento que obtinham sobre plantas medicinais. Frei Humberto Themans (1991, p. 47) narra: “eu tive que ir aos doentes, sobretudo em desastres, que entre os colonos, devido ao trabalho na mata virgem, aconteciam”. Frei Pedro Sinzig (1934, p. 99-100) descreve que frei Rogério Neuhaus, como forma de se aproximar das pessoas e aliviar seus sofrimentos físicos, passou a distribuir, no convento de Lages (SC), remédios homeopáticos:

Em dois tempos compreendia as necessidades da população, que nem médicos tinha. Mandou vir, então, uma farmaciazinha portátil, de homeopatia, começando a dar remédios a quem lhe pedia e a oferece-los, ao encontrar algum doente. Em breve, os remédios de Frei Rogério foram reclamados em toda a parte. Mesmo quando, mais tarde, Lages tinha um e mais médicos, a portaria do modesto conventozinho franciscano se viam constantemente pessoas da cidade e caboclos vindos de fora, com uma garrafa na mão, à espera de Frei Rogério e de seus remédios (Frei Pedro Sinzig, 1934, p. 99-100).

Parte significativa do trabalho cotidiano dos frades estava nas visitas aos enfermos. Os frades eram chamados na casa das pessoas que sofriam de alguma doença física ou psíquica, para orações, bênçãos e para a administração dos sacramentos da penitência e da unção dos enfermos. Exemplificando esse cotidiano está o trecho retirado da Crônica da paróquia de Alto Jucuí (RS), por Frei Clarêncio

Neotti (2014, p. 76), na qual reproduz as memórias registradas dos primeiros dias dos frades naquela região: “nas duas primeiras noites os Frades tiveram que andar a cavalo para visitar doentes. Era um costume dos colonos chamar o padre para sacramentar moribundos sempre à noite, para não perder um dia de trabalho na roça”. Esse trabalho apostólico de visita aos doentes não faltava aos frades em nenhuma localidade. Rodeio (SC) era, geograficamente, uma das menores paróquias atendidas pelos frades e a crônica do convento ressalta que, no ano de 1927, houve 118 visitas a enfermos.

As viagens para socorrer os doentes ou moribundos em algumas localidades levavam de dois a três dias. Frei Pedro Sinzig (1917, p. 224-225) ao recordar o tempo em que morou no convento de Santo Amaro da Imperatriz (SC), narra:

Apenas chegado a Santo Amaro, sou chamado a um enfermo. Parto por uma hora e pouco da tarde, só chegando à casa do doente de noite. Pelas dez horas, atiro-me para uma cama, a descansar até meia noite, quando tinha de dizer missa, para poder dar a S. Comunhão. Apenas feito isso, levo a S. Comunhão a mais um enfermo. Volto, então, à cama até a madrugada, quando monto o animal para regressar a Santo Amaro. Na volta, como na ida, tenho de atravessar doze vezes um rio largo, não contando os riosinhos pequenos. Chego pelo meio dia, e, precisando de dormir, resolvo fazer a sesta, mas ainda não descansei dez minutos, quando me vem novo chamado, a que, na ausência de outros sacerdotes, não posso deixar de atender. Não foi o último, pois a tarde é o quarto doente, que me obriga a montar a cavalo e partir. É a vida dos nossos padres de Santo Amaro – e não só lá – até hoje.

Frei Pedro Sinzig faz outras narrativas de outros conventos em que residiu, que além das dificuldades do clima e dos caminhos, haviam as dificuldades de comunicação, como no relato que segue da época em que viveu no convento de Blumenau (SC):

Às vezes, o Itajaí (rio) estava cheio, e chuvas abundantes tinham alagado grandes baixadas, obrigando a fazer voltas não pequenas, para poder passar. Outras vezes, o frio era intenso, como costuma sê-lo em Blumenau, no inverno, onde fortes geadas são a coisa mais natural do mundo. Restava um consolo: O padre e seu companheiro não iam sós. Antes de montar a cavalo, o religioso, chamado a trazer o último conforto a um doente, ia buscá-lo onde ele se achava: Vestido de sobrepeliz e estola, entrava na igreja, abria o tabernáculo e retirava do cibório, respeitosamente, uma das hóstias consagradas, fechando-a na patena para enfermos, e escondendo esta, presa numa corda que lhe pendia do pescoço, sobre o peito. Vestia então, sobre as insígnias sacerdotais, o manto da cor do hábito ou uma capa de borracha, e munido de botas, chapéu e chicote, como qualquer viajante, montava de novo, em íntimo colóquio com o tesouro infinito que guardava sobre o peito. [...] Vezes houve em que, além das dificuldades habituais do tempo e caminho, surgiram outras. Um belo dia sou escolhido para administrar os últimos sacramentos a uma enferma, creio que no *Rio Teste*. O porteiro, infelizmente, deixara ir o portador sem que eu tivesse falado com o mesmo. Parti sozinho, a cavalo, pelas 13 horas, levando o Santíssimo. No lugar indicado, não há nenhuma doente. Volto, pois, com o cavalo, passando

para o outro lado do rio Itajaí. Caminho horas e horas, perguntando aqui e ali, sem ouvir informações certas. O cavalo está cansado; penso em voltar, mas tento novamente a sorte. Informaram-me afinal, que mais umas horas adiante, há uma mulher doente, de nome mais ou menos igual ao que me disseram. Resolvo ir até lá, apesar de todos os protestos mudos do cavalo, e chego finalmente, depois de mais de oito horas de viagem. A enferma jaz bastante adoentada; dou-lhe os santos sacramentos, e penso, então, em mim. As forças do cavalo não me permitem voltar. Peço licença para pernoitar numa casa vizinha, e volto no outro dia, em jejum, para Blumenau, onde celebro santa missa (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 216-219).

Em muitas situações os doentes eram tratados como se estivessem possuídos pelo demônio e eram realizadas sessões de exorcismos por meio de orações e aspersão de água benta pelo padre. A narração cura, o ato de dizer para o outro o que está sentido tem o poder amenizar as tensões, controlar a ansiedade, seria esse o efeito da visita dos frades aos “doentes”? Seriam doenças psíquicas? Frei Pedro Sinzig (1917, p. 228), ao escrever sobre suas memórias, diz: “talvez 80% dos enfermos que recebiam os Santos Sacramentos, logo em seguida melhoravam, recuperando a saúde [...], a visita do padre e, sobretudo, a recepção dos Santos Sacramentos” tranquilizava o doente.

Frei Pedro Sinzig conta diversas histórias em que frei Rogério é chamado para a prática do exorcismo como meio de livrar as pessoas de suas enfermidades:

Fui chamado – diz Frei Rogério – para S. Joaquim da Costa da Serra, onde, segundo se dizia, duas moças eram possesadas do demônio, havendo igualmente fatos muito esquisitos. Ao chegar, encontrei uma das moças deitada no leito, onde jazia desde alguns dias sem poder comer. Antes de tudo, preparei água benta, benzendo com ela, em seguida, toda a casa. Dei um pouco d’água benta à moça, para beber. Ela o fez, sentindo-se logo boa (Frei Pedro Sinzig, 1934, p. 188).

Em outro episódio, frei Pedro, apropriando-se das memórias de frei Rogério Neuhaus, narra:

Já de longe se ouvia o uivar e a fúria do pobre homem. Quando tinha seus acessos, vários homens juntos não conseguiam dominá-lo. Tive que entrar na casa por uma porta lateral, porque ele jazia diante da porta da entrada, segurado por alguns homens. A primeira coisa que fiz, foi preparar água benta. Em seguida benzi toda a casa. Durante a oração, o doente gritava furioso para me fazer perder a calma. Limitei-me a dizer-lhe: - Cala a boca! – e a aspergi-lo bastante com água benta. Reagiu, a princípio, dizendo: - Isso é leite de cavalo. Eu, então, rezei a Ladainha de Todos os Santos. Nesse interim, ele tranquilizou. Em seguida rezei, com o povo, o terço, dirigindo então uma grave prática à multidão. [...] Descrevi, então, como o inimigo maligno martiriza os pobres condenados, pedindo aos ouvintes que examinassem as consciências e fizessem uma boa confissão, [...]. Confessaram-se, então, quanto me lembro, todos. Três casais, unidos só civilmente, casaram-se pela religião (Frei Pedro Sinzig, 1934, p. 180-181).

As memórias de tais episódios são sempre (re)elaborados, pois ativam um processo que levam os frades a avaliar quais vivências poderão constituir-se em

experiência. Nos relatos de frei Pedro Sinzig, fica evidenciado como frei Rogério Neuhaus se utilizava desses episódios chamados de “possessões” para educar as pessoas, para que estas procurassem os frades para receber os sacramentos católicos.

Os frades contam histórias, constroem narrativas porque ouvem. O dom de ouvir está relacionado ao tédio do trabalho manual. Tédio entendido como repetição, ao fazer e refazer, chocam e geram os “ovos” da experiência (Benjamin, 2012). Em visitas aos enfermos, os frades tiveram a oportunidade de ouvir as últimas palavras dos moribundos, pois estavam sempre próximos a essas pessoas, exercendo o sacramento da confissão ou confortando-os dos sofrimentos. Assistir a morte de alguém era parte do trabalho apostólico e isso garante aos frades a autoridade para narrar. Segundo Benjamin (2012, p. 224), “a morte é a sanção de tudo o que o narrador pode relatar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural”. Se a modernidade expulsou a morte “para cada vez mais longe do universo dos vivos” (Benjamin, 2012, p. 224), os frades a tinham no seu cotidiano.

Frei Pedro Sinzig (1917, p. 73), relata que nos conventos alemães sempre se encontravam frades artistas, encontrando-se muitas vezes nas paredes dos corredores e refeitórios cópias de pintores famosos como “São Francisco em Greccio, de Steinle; a Transfiguração, de Rafael”, feitas pelos frades. E falando dos confrades artistas no convento de Harreveld (Holanda), no qual eram formados os frades que vinham para o Brasil, descreve:

Frei Rogato não era o único pintor. Tínhamos outro colega que hoje é pintor muito estimado, Frei Gualter von Teklenborg, embora naquele tempo ainda não tivesse dado grandes provas do talento que nele se ocultava. Entre os irmãos leigos, Frei Mansueto, que antes, por seus músculos, merecia o nome de Hércules, se mostrou tão hábil que, com vantagem, o encarregaram da pintura da igreja. Foi auxiliado nesse mister por um jovem irmão leigo, Frei Damasceno, que, tempos depois, se tornou conhecido e estimadíssimo como pintor muito distinto. Em toda a província, embora muito menos que hoje, se dava importância à cultura da arte. Na sede do Provincialado vivia e trabalhava infatigavelmente um velhinho, o célebre irmão leigo Hugo, escultor extraordinário, cuja obra prima, o grande altar mór do convento franciscano de Düsseldorf, com seus riquíssimos grupos, é uma obra de arte que honra a província. Não há convento franciscano em toda a Saxônia, onde a arte cristã não tenha encontrado um bom lugarzinho. Entre os irmãos leigos ainda havia um hábil arquiteto, Frei Quintiliano; entre os padres, vários músicos e poetas de valor; entre estes Frei Evaristo, cujo livro *Schlichte Weisen* é um verdadeiro encanto, de delicadeza inexcedível. Da arte da oratória nem se fala. Além dos grandes missionários da província, cujos nomes, graças à sua originalidade e a sua eloquência arrebatadora, eram popularíssimos em toda a parte, havia alguns outros, que se celebrizavam em púlpitos de catedrais,

diante de auditórios que não podiam ser mais exigentes (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 73-74).

A arte, portanto, era parte do cotidiano conventual e era fundamental na formação dos frades. Na formação recebida na Alemanha, os franciscanos foram incentivados a desenvolver a mais diferentes formas de arte para colocá-la a serviço da missão. Frei Pedro Sinzig é um representante dessa formação. Desenvolveu durante a sua vida franciscana, por sua formação e acesso à cultura, diferentes artes. Em suas memórias narra que as aptidões artísticas se manifestavam na convivência com os demais frades e posteriormente foram lapidadas no cotidiano conventual, bem como durante as necessidades que iam surgindo nos mais variados trabalhos pastorais. Suas memórias selecionam a saga em conseguir tintas, em Florianópolis (SC), para pintar a igreja de Santo Amaro (SC), a qual encontrou em péssimas condições, em 1900:

Eu só conheci a igreja velha e como a achei fria e nada bonita, resolvi pintá-la juntamente com o hábil Irmão leigo Frei Humberto. Faltavam tintas, que só podiam vir de Florianópolis. Como, porém, ir buscá-las, quando os rios todos estavam cheios, e as comunicações com a capital interrompidas? Tendo esperado dias inteiros, por fim perdi a paciência e resolvi tentar a viagem para a capital. A chuva tinha cessado mas os rios continuavam cheios. A alguma distância de Santo Amaro tinha de atravessar um rio bastante largo, cujas águas corriam agora impetuosas. Será possível passar? Houve, outrora, uma ponte, mas ela, caída, só pode ser atravessada de gatinhas, arrastando-se sobre as traves e saltando de uma para outra. Ao refletir ainda, se poderia ou não passar pela água, vejo da outra banda do rio sair um homem a cavalo. Sem mais pensar, meto o meu cavalo na água. Não tinha eu visto que o cavaleiro na frente levava, arrastando-se sobre a ponte caída, os arreios para o outro lado do rio, e só depois o passou a nado, assentado no lombo do cavalo? Meu argumento foi rápido: - Ele passou; logo... – também eu passarei... Dados, porém, poucos passos, meu cavalo, encilhado e levando as malas, se afunda tanto que minhas pernas ficam molhadas de todo. Adiante! A água sobe até ao lombo do animal. Só a custo ele mantém a cabeça, muito levantada, fora d'água. Desprendo, então, minha capa e abro o botão do hábito para, em último caso, atirar-me ao rio para nadar. O cavaleiro que passara antes, a nado, vê-me e grita de longe, indicando, ora para a esquerda, ora para a direita, como lugar menos fundo e mais seguro para passar: Não é possível voltar para trás. Vou, pois adiante, apesar dos protestos mudos do pobre cavalo, pouco interessado em eu receber tinta para pintar a igreja. Creio chegada a última hora, mas, depois de mais um banho meu, bastante completo, sinto o cavalo pisar terra mais alta. Pouco depois saio do rio. Não é possível mudar de roupa, completamente alagada. Sigo adiante, tendo apenas o consolo de que o sol, em algumas horas de trabalho contínuo, conseguirei enxugar-me de todo (Frei Pedro Sinzig, 1917, p. 226-227).

Muitos são os relatos de bandas musicais e corais dirigidos pelos franciscanos. Frei Ary Pintarelli (1991, p. 25) descreve que na década de 1920 em Rodeio (SC), “muito conhecida e apreciada era a Banda de Música, dirigida por Frei Lucínio”. Sobre a formação musical dos frades dadas em todos os conventos, colégios

e escolas paroquiais se destacou em nível nacional o coral “Canarinhos de Petrópolis”, fundado por frei Leto Bienias em 1942<sup>76</sup>.

São inúmeros os relatos de frades que se dedicaram a diferentes tipos de arte e de ciências, utilizando-as para o binômio visceral que os acompanhava de evangelizar e educar. Seria uma interessante pesquisa, o aprofundamento nessa temática. Devido ao tempo e a escolhas metodológicas, trago alguns exemplares de tais experiências.

A identificação com a música fica evidente desde as primeiras narrativas dos frades. Narrando sobre os primeiros meses em Teresópolis (SC), frei Humberto Themans (1991, p. 43) rememora: “Padre Xisto, grande amigo do canto e ele próprio um bom cantor, dava-nos uma aula de canto na qual participavam parte dos colonos da redondeza”.

Frei Silvério Foecker “era hábil na gaita de boca e sabia alegrar a comunidade com ela” (Frei Ewaldo Bamberg, 1981, p. 44).

Sobre frei Plácido Rohlf, “tinha habilidade e gosto para qualquer tarefa: horta, jardim, conserto de móveis, construção, enfeites etc. Foi ele, com a ajuda de dois confrades, quem pregou todo o assoalho e o forro-paulista na residência nova” (Frei Ewaldo Bamberg, 1981, p. 44).

Na biografia de frei Bruno Linden, frei Clarêncio Neotti (2014, p. 50), narra sobre as missões populares pregadas por frei Bruno na Paróquia de São José (SC):

A missão durava normalmente uma semana. Era de intensa catequese para crianças e adultos, e administravam-se todos os sacramentos, fora a Ordem. Nalguns lugares, a missão era pregada parte em português e parte em alemão. Noutras, parte era em português e parte em italiano. Frei Bruno pregava com facilidade nos três idiomas.

No necrológio de frei Jacó Hofer (Meppen, 8 de junho de 1873 – Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1964), escrito por vários colaboradores, na revista *Vida Franciscana*, encontra-se:

Jamais negou sua alma de poeta, fazendo versos até o fim de sua vida. Frequentemente aparecia em minha cela: Frei, acabo de escrever mais uma poesia. O senhor quer ouvi-la? Com meu consentimento lia sua nova produção e terminava com as palavras: *Ich staune ueber mich selbst* (Admirei-me de mim mesmo!) (R. P. Jub. Frei Jacó Hofer, 1967, p. 67).

Já o necrológio de frei Cândido Spannagel<sup>77</sup> exalta seu trabalho científico:

Frei Cândido em Santa Catarina, (1898 a 1922). – Seguiu para o sul e desenvolveu a sua atividade em Blumenau e Santo Amaro visitando capelas

<sup>76</sup> Sobre a fundação e história do Coral Canarinhos de Petrópolis, ver Kulkamp (2000).

<sup>77</sup> Nasceu em 1873 em Miden, Alemanha e faleceu em 1956 em Petrópolis (RJ).

distantes, a ensinar a juventude e consolar doentes e agonizantes. As poucas horas livres dedicava-as ao estudo da Flora do lugar e procedeu cientificamente fazendo pesquisas, anotações e desenhos exatos e dando nomes científicos respectivos, quando não, novos. Levou sempre consigo o livrinho de anotações que contém 98 páginas e quase cada uma com 20 exemplares da botânica, registrados com nome e lugar. Em tudo 2.000 e mais espécies da Flora de Santa Catarina, da Baixada Fluminense, do Planalto, da Serra da Estrêla e, no Distrito Federal, de S. Silvestre, Corcovado. Descobriu plantas ainda não conhecidas de diversas famílias, de fetos (xaxim etc.), orquídeas e bromélias (gravatás) aos quais os cientistas, a quem cedeu de bom grado seu rico material, deram o nome de “*spannageliana*”, em sua homenagem (Frei Estanislau Schaette, 1957, p. 99).

Dentre os frades da Província Franciscana da Imaculada Conceição, dois frades alemães se destacaram no estudo da Entomologia<sup>78</sup>: frei Thomas Borgmeir e frei Walter Wolfgang Franz Kempf. Frei Walter doutorou-se em entomologia nos Estados Unidos da América e foi professor de biologia e de química no seminário Franciscano de Agudos, de 1952 a 1955. A arte e a ciência eram partes da vida cotidiana dos frades.

A vinda de frades da Alemanha para o Brasil possibilitou que os franciscanos introduzissem equipamentos técnicos que estavam sendo desenvolvidos na Europa na virada do século XIX para o XX. No necrológio de frei Davi Mohr<sup>79</sup> encontra-se algo, no mínimo curioso, pois frei Agostinho Piccolo (1977, p. 160) relata que a tecelagem que deu origem a fábrica de roupas “Hering” tem em suas origens franciscanas:

Formado na Alemanha, Frei Davi foi ‘emprestado’ pela Província da Saxônia, junto com mais um Irmão (Frei Emanuel), para instalar uma tecelagem na Bahia. O negócio lá na Bahia, porém, foi modificado: é melhor ir para o Sul, para Blumenau. Deu certo. Tecelagem ok – máquinas modernas para confecção de toalhas, cobertores, etc. – funcionou vários anos. Foi aí que entrou na jogada um tal de Sr. Hering: comprou a tecelagem dos Frades, comprometendo-se a fornece-lhes (de graça?) o pano para os hábitos. O pano, segundo relato do mesmo Frei Davi, vinha então da Alemanha, sobrecarregado de taxa alfandegária e sujeito a muito roubo. O pano para os hábitos com o tempo sumiu. E Hering... podia ostentar sobre os dois arenques um ‘OFM’, hem? (Frei Agostinho Piccolo, 1977, p. 160).

Frei Pedro Sinzig, foi enviado à Alemanha, em 1910, com a missão de divulgar os trabalhos realizados pelos franciscanos, arrecadar doações e trazer aparelhos técnicos modernos que auxiliassem na expansão do que viria a ser a Editora Vozes. Toda a viagem é minuciosamente narrada por frei Pedro em forma de um diário. Assim, frei Pedro Sinzig (1917, p. 346) descreve sua chegada a terra natal depois de

<sup>78</sup> Estudos das formigas.

<sup>79</sup> Nasceu em 31 de janeiro de 1880 em Ettlingen, Alemanha e faleceu em Agudos (SP) em 9 de março de 1973.

ter vivido dezessete anos no Brasil: “sinto-me lá como o camponês que, vindo da sua terra, pela primeira vez se vê em meio do reboliço mais agitado da cidade”.

Embora envolvidos em uma série de atividades, os frades no Sul do Brasil, não entram totalmente na lógica das forças produtivas do capitalismo, pelo contrário, articulam as tensões da modernidade e mantêm uma forma de vida comunitária, na qual tudo é partilhado, sabem “se orientar no mundo, mas sem se prender demasiadamente a ele” (Benjamin, 2012, p. 216), evitando assim, que a técnica empobrecesse suas experiências. O tempo histórico dos frades missionários é marcado pelo cultivo e preservação do ideal de vida de Francisco de Assis. Essa história franciscana é construída também pelos olhares fotográficos, de modo a eternizar determinados ângulos das práticas educativas e de momentos vividos pelos frades nos conventos, nos seminários, nos colégios, nas escolas; enfim, no mundo daquela ordem social construída. As narrativas não se esgotam, “conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de desdobramentos” (Benjamin, 2012, p. 220).

#### 4.5 IMAGENS FOTOGRÁFICAS: ESTRATÉGIAS DE GUARDAR TEMPOS E MEMÓRIAS EDUCACIONAIS

As fotografias carregam marcas de uma época e sua importância documental reside no fato de remeterem a um passado e de trazerem ao presente esse passado. Apoiados em Le Goff (2003), Cardoso e Mauad (1997, p. 406), ressaltam os sentidos do tempo e do espaço representados por meio das lentes fotográficas:

Um sentido individual que envolve a escolha efetivamente realizada; e outro, coletivo, que remete o sujeito à sua época. A fotografia, assim compreendida, deixa de ser uma imagem retida no tempo para se tornar uma mensagem que se processa através do tempo, tanto como imagem/documento quanto como imagem/monumento (Cardoso; Mauad, 1997, p. 406).

As imagens fotográficas a seguir são expressivas; e, além do conteúdo específico, estão eivadas de sentidos e de significados daqueles lugares e espaços e das ações de cada frade, voyeur e caminhante que, na perspectiva de Certeau (2014), vê o mundo e a realidade como um texto a ser lido, vivido e (re)construído. Estratégias e táticas permearam a ação dos franciscanos e nesse sentido, os frades figuram, ora como voyeurs, com o olhar de cima, à distância; ora como caminhantes, como sujeitos ordinários que carregam consigo a astúcia que, como nos fragmentos de fontes

escritas trazidos nesta tese; e, conforme mostram as fotografias, constroem espaços com seus gestos.

Se, para Certeau, as práticas somente podem ser captadas pela observação, é certo que houve um observador que capturou as práticas. As fotografias como restos dos “lugares praticados” são documentos a embasar e a possibilitar a continuidade da construção da memória coletiva da OFM no mundo contemporâneo.

Figura 34 – Colégio Santo Antônio de Blumenau (década de 1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 35 – Frade com alunos de uma escola paroquial (década de 1910)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 36 – Sala de aula de uma escola paroquial (1921)



**ALUNOS EM  
SALA DE AULA  
1921**

Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 37 – Alunos, frade, professores e familiares na primeira comunhão dos alunos de uma escola paroquial (década de 1910)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 38 – Frades com alunos do Colégio Franciscano Santo Antônio de Blumenau em aula ao ar livre (1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 39 – Frades e alunos do internato do Colégio Santo Antônio de Blumenau (1918)



FREIS / ALUNOS  
BLUMENAU  
17.10.1918

Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 40 – Alunos, frades e pessoas da comunidade no Colégio Santo Antônio de Blumenau (década de 1910)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 41 – Material escolar de uma escola paroquial (década de 1920)



SALA DE MATERIAL  
ESCOLAR

Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 42 – Oficinas do Convento Santo Antônio em Blumenau - alunos com instrumentos musicais (início do século XX)

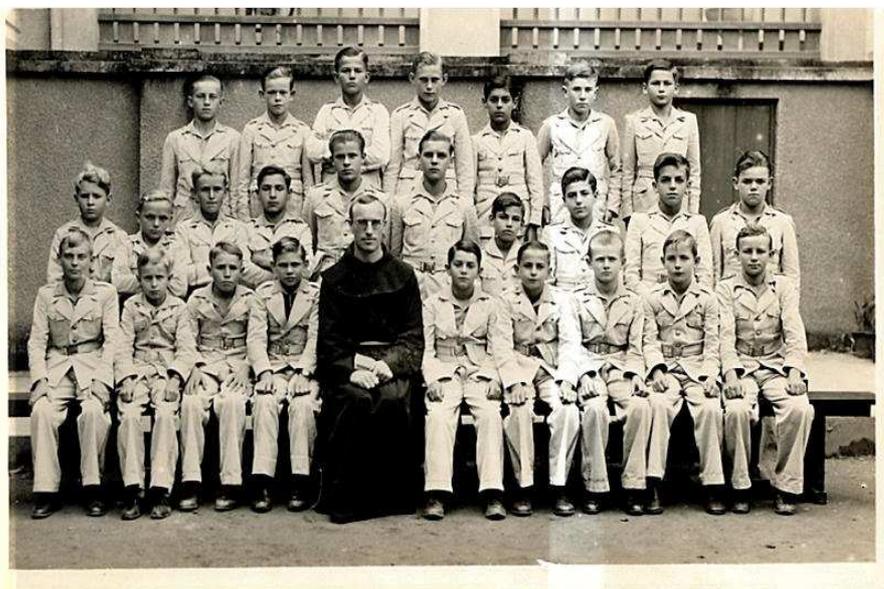


Officinas do Convento dos Franciscanos com alunos e aprendizes. — Werkstätte des Franziskanerklosters mit Schülern und Lehrlingen.

**OFICINAS DO CONVENTO  
DOS FRANCISCANOS COM  
ALUNO E APRENDIZES**

Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 43 – Alunos internos do Colégio Diocesano de Lages (década de 1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 44 – Frade e alunos internos do Colégio Santo Antônio em dia de lazer no campo (década de 1920)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 45 – Frades em piquenique com alunos do Colégio Santo Antônio de Blumenau (1922)



Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 46 – Escola paroquial do interior de Blumenau (1930)



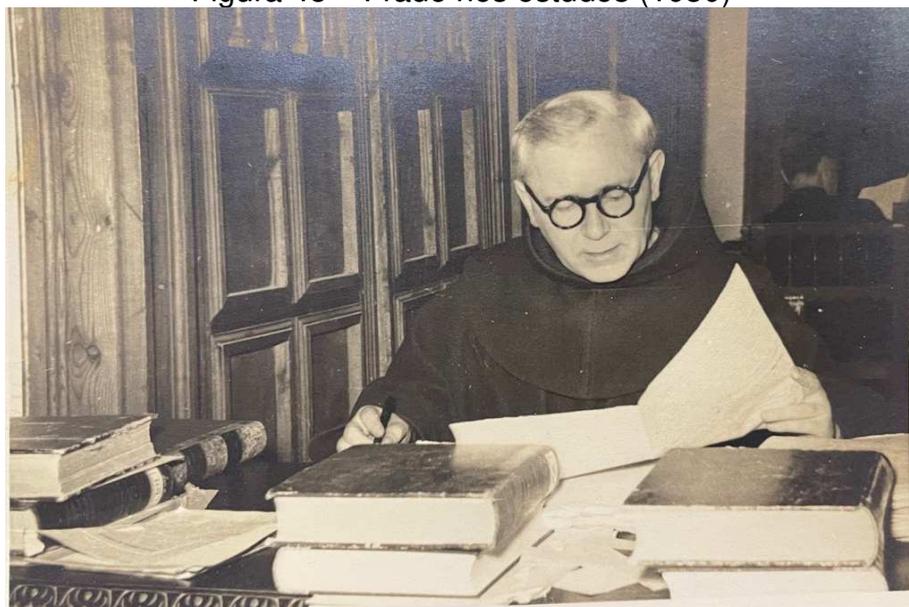
Fonte: Acervo da PFICB.

Figura 47 – Frades em aula de canto com acompanhamento de piano em Curitiba (1930).



Fonte: PFICB.

Figura 48 – Frade nos estudos (1930)



Fonte: PFICB.

Figura 49 – Frade entregando material didático a um aluno (1930)



Fonte: PFICB.

Figura 50 – Frade Pintor (1935)



Fonte: PFICB.

Figura 51 – Frade escultor (1940)



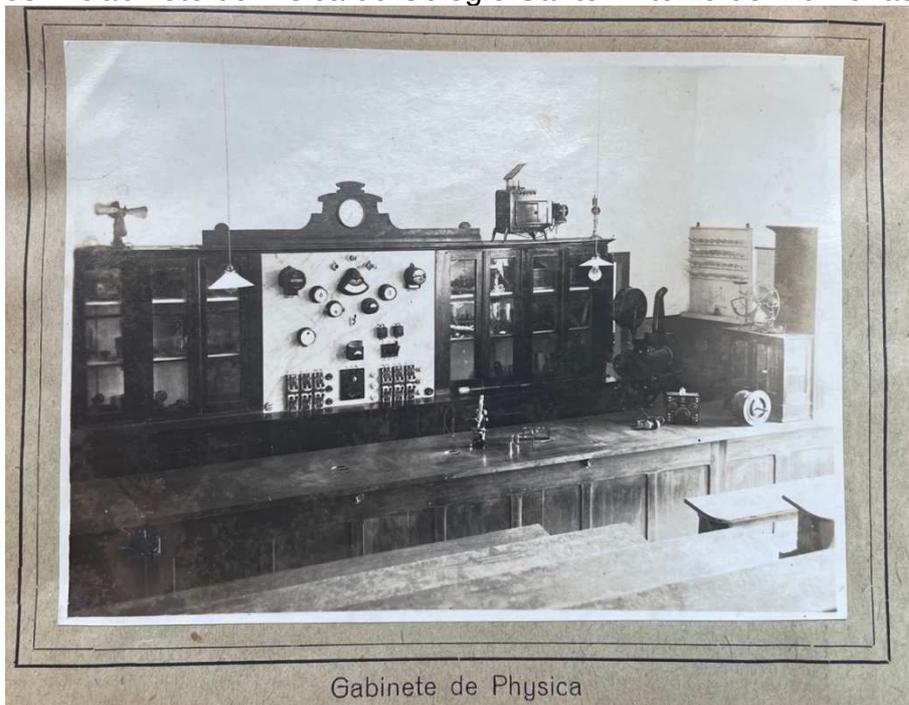
Fonte: PFICB.

Figura 52 – Grupo de atores- Peça de teatro no Colégio Diocesano de Lages (1932)



Fonte: PFICB.

Figura 53 – Gabinete de Física do Colégio Santo Antônio de Blumenau (1921)



Gabinete de Physica

Fonte: PFICB.

Figura 54 – Gabinete de História natural do Colégio Santo Antônio de Blumenau (1921)



Fonte: PFICB

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de Walter Benjamin procurei refletir sobre a experiência da Ordem dos Frades Menores, no Brasil. As práticas escriturísticas dos frades foram compreendidas imbricadas na experiência cotidiana da OFM. Cada frade constrói narrativas na ótica da memória coletiva, integrando valores já consagrados, inscritos nos cânones da tradição franciscana que abrange temporalidades pretéritas. Assim, a memória de cada frade está vinculada à experiência coletiva.

Com Benjamin compreendi que é impossível concatenar e juntar tudo. Ou seja, não há possibilidade de se pensar numa espécie de teleologia histórica, como uma espiral infinita que encontra sua realização em algum determinado tempo. Nesse sentido, a história (e a experiência) será sempre uma montagem dialética, uma remontagem, uma forma de escrever história pelas lembranças e memórias do passado, pelas fontes e documentos.

Estive na companhia de cada frade na medida em que mergulhava em suas narrativas; e dessa forma, acabei, também, me tornando narrador. Assim, procurei compreender que a memória do franciscanismo decorre de um processo de longa lembrança e de construção orgânica que os frades realizam acerca de suas práticas cotidianas. A escrita dos frades ajuda a legitimar as suas práticas na construção de uma ordem social, situada em cada contexto.

Das práticas franciscanas que, em muito remetem à perspectiva de pensar o tempo como categoria benjaminiana, está a experiência no interior e nos arredores dos conventos: o cultivo de hortaliças, os cuidados com a natureza, os momentos de lazer ao ar livre, a roda de chimarrão e os piqueniques; enfim, as numerosas cenas contidas nas fotografias que foram incluídas em seções desta tese, cenas captadas por alguma câmera fotográfica da época.

As fotografias parecem trazer a ideia de não aceleração do tempo. Não acelerar o tempo, “parar” o tempo é um ato revolucionário porque, o tempo cronológico não permite compreender a história, não permite realizar a experiência. Com isso, talvez seja possível dizer que os frades vão contra a corrente da aceleração do tempo; pois, a aceleração está aliada à ideia de progresso e reforça desigualdades e exploração capitalista. Sendo assim, a lassidão, o tédio, a lembrança, a escrita, a repetição, a contação de histórias e cada trabalho realizado, seja na administração da

casa (convento), seja na ação pastoral/educacional, gestam experiências comunicáveis.

Embora não tenha procedido a uma análise pormenorizada das fotografias, assinalo que, por meio das imagens fotográficas, também se tem a ideia de escrita. O fotógrafo é narrador, é contador de história, o fotógrafo escreve. Nos caminhos benjaminianos, se pode pensar numa operação da memória e ao mesmo tempo em uma operação técnica. Assim, embora a memória do fotógrafo seja para eternizar determinada passagem do cotidiano, a tarefa de interpretação exige o distanciamento do sentimento nostálgico e melancólico do passado.

Nesse aspecto, há um descompasso em torno do qual serão necessárias muitas reflexões, talvez, numa pesquisa futura. Me refiro ao descompasso entre memória e progresso técnico que acelera; e ao mesmo tempo, traz à tona o que a memória já não consegue, de uma não-memória ou negação da memória que desemboca na barbárie.

A modernidade impõe um modelo de vida que se liga à incapacidade de narrar, determinando ao passado um *status* de imobilidade apenas ligado a vivência. Embora a rememoração da experiência franciscana, realizada nesta tese, esteja circunscrita no período denominado “modernidade”, no qual se destaca a racionalidade técnica instrumental; o cotidiano dos frades se assentava numa relação dialética entre a racionalidade estética franciscana e racionalidade técnica instrumental. Ou seja, os frades não ficaram distantes dos caminhos da modernidade e isso acaba reverberando na vida conventual com o passar dos anos.

A experiência envolve a totalidade da existência, lugar em que a vida acontece de tal forma que o resultado do cotidiano torna a vida de um indivíduo uma singularidade que não se apaga nem mesmo com a sua morte. A singularidade da atuação de cada frade, feita em nome da Ordem, sobreviveu na história, de tal forma que suas trajetórias deixaram marcas em todos os campos em que atuaram, sejam: hortelão, ferreiro, arquiteto, padre, cozinheiro, porteiro, sacristão, etc. Dessa forma, a autobiografia e a biografia de cada frade também são estratégias e resultaram numa história comunicável, transmissível, passível de memória e de narração.

A experiência está também associada à viagem; o frade que viaja entra em contato com as narrativas de outros e mesmo com esse “enraizamento” na cultura do outro, vai construindo uma ordem social para além do cotidiano conventual e uma (nova) ordem no lugar em que chega; eivado da memória coletiva e de valores

institucionais de cada época que, por vezes, em decorrência de seu poder de autoridade e poder simbólico, agia de forma autoritária.

Foi na vida apostólica e/ou missionária e/ou evangelizadora e/ou educacional; compreendidas aqui como práticas educativas, que os frades fizeram uso das narrativas para transmitir algum ensinamento. Muitas vezes, o que contam não é explicado, mas carrega algum ensinamento sob forma de insinuação. Em muitas situações, como, por exemplo, nas viagens pastorais, as histórias contadas também tinham uma função curativa e terapêutica.

Por onde os frades passaram, deixaram rastros estéticos de suas vivências e experiências. Sendo assim, a racionalidade estética franciscana está num conjunto de ações, no processo de educação de forma ampla. Nessa percepção, é possível visualizar o processo de constituição dos frades, ao proporem outras experiências no cotidiano das pessoas de um determinado período histórico, elegendo a arte, a oratória, a música, o poema, o teatro, a literatura, meios de comunicação (gráfica e jornais), os projetos sociais, como ação mediadora e orientadora nos espaços que atuavam.

As narrativas imbricadas na experiência cotidiana dos franciscanos, dão “asas” a imaginação, pois, permitem que sejam (re)elaboradas e reinterpretadas no presente. Espero que esta pesquisa possa contribuir com novos olhares e pesquisas sobre as práticas educativas dos franciscanos no Brasil. Ainda há uma diversidade de fontes a serem exploradas e partilho da ideia de que nenhuma tese está completa, pois, os autores podem sempre continuar a intensificar o debate em torno de algum aspecto.

A história e o conhecimento histórico estão em permanente construção, nunca estarão prontos ou acabados e pressupõem uma interlocução entre presente e passado. O passado está o tempo todo no presente à espera de ser (re)memorado e (re)significado. Nesse sentido, a pesquisa que aqui “encerro”, nasceu do meu presente como pesquisador da história da educação; presente cheio de percalços e que já é passado.

Essa sensação de incompletude e de que há sempre alguma questão a mais a pesquisar, a olhar, a (re)memorar e a (re)significar, leva a compreender que o processo de revitalização da Ordem dos Frades Menores, no Brasil, não foi algo que ficou para trás, cristalizado no tempo. É uma história que está em construção a cada (re)memoração e narração dos frades; e em cada aspecto das suas práticas

educativas a serem exploradas. Numa analogia a Benjamin (2012, p. 220), os ideais do franciscanismo são como “sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides, conservando até hoje suas forças germinativas”.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA. **Sobre a Academia Brasileira de Música: História.** Rio de Janeiro: ABM, 2023. Disponível em: <https://abmusica.org.br/sobre-a-abm/>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre a literatura e história da cultura. 8. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado:** elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus. 2002.
- BISPO, Antonio Alexandre. São Paulo (SP) Academia X Convento. Secularização e anti-secularização em referências alemãs: a Bucha e a restauração franciscana no caminho da urbe à metrópole- Lembrando Frei Basilius Röwer OFM (1877-1958). **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira**, [S.l.], v. 150, n. 2, parte 4, 2014. Disponível em: [http://revista.brasil-europa.eu/150/Sao\\_Paulo-AcademiaXConvento.html](http://revista.brasil-europa.eu/150/Sao_Paulo-AcademiaXConvento.html). Acesso: em 15 jun 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas.** 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. *In:* CARDOSO, Ciro Flamarion; WAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história:** ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 401-419.
- CAYOTA, Mario. **Siembra entre brumas:** utopia franciscana y humanismo renacentista: uma alternativa a la conquista. Uruguay: Instituto S. Bernardino de Montevideo, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DALLABRIDA, Norberto. **A sombra do campanário**: o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do Médio Vale do Itajaí- Açu (1892-1919). 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1993.

FONTES Franciscanas e Clarianas. Tradução Celso Márcio Teixeira *et al.* Petrópolis: Vozes, 2004.

FRENTES de Evangelização. **Franciscanos**: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. 2023. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/quemsomos/frentes-de-evangelizacao/#gsc.tab=0>. Acesso em: 18.nov.2023.

FREYRE, Gilberto. **A propósito de frades**. Bahia: Universidade da Bahia, 1959.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GILZ, Claudino. **Livros de leitura da Escola Gratuita São José**: a presença dos franciscanos na educação brasileira e na instrução primária em Petrópolis - RJ (1896-1925). 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HEERDT, Moacir. **As escolas paroquiais bem Santa Catarina (1890- 1930)**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

HUNT, Lynn. (Org). **A nova história cultural**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

IGLESIAS, Tania Conceição. **A Experiência Educativa da Ordem Franciscana**: Aplicação na América e sua Influência no Brasil Colonial. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

KANTOVITZ, Geane. **Memórias sobre os tempos de professora**: as Irmãs Catequistas Franciscanas na escola primária (SC, 1935-1965). Curitiba: CRV, 2021.

KÜLKAMP, César. **Fraternidade e Currículo**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

LAGES. **Franciscanos**: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. 2023. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/quemsomos/ondeestamos/patrocínio-de-sao-jose-lages/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução: Marcos de Castro. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”**. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

MEINERZ, Andréia. **Concepção de experiência em Walter Benjamin**. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MITROVITCH, Caroline. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. São Paulo: UNESP, 2011.

OTTO, Clarícia. **Catolicidades e Italianidades: tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006.

OTTO, Clarícia. Missionárias brasileiras em Angola: educação popular, memória e experiência. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, ed. especial., p. 294-307, set. 2021.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da memória**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2012.

OTTO, Clarícia. Os franciscanos na história da educação. *In*: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (org.). **Faces do catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008a. p. 95-119.

OTTO, Clarícia. Polycarpo Schuhen, Frei. *In*: CÂNDIDO, Edinei da Rosa, Pe. (org.). **Cadernos Patrísticos: textos e estudos**. Florianópolis: ITESC, 2008b. p. 367-381.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. Repensar o passado – recobrar o futuro: história, memória e redenção em Walter Benjamin. **História Unisinos**, São Leopoldo, v.12, n. 2, maio/ago., 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RODRIGUES, Fabiano Batista. **Da educação em escritos dos freis Agostinho Piccolo e Orlando Bernardi**: leituras e apropriações das fontes franciscanas. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2019.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em educação**: Franciscanismo e Jesuitismo na História da educação brasileira. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

SANGENIS, Anabelle Loivos Considera Conde; SANGENIS, Luiz Fernando Conde. “Quais maçãs de faces rosadas”: Frei Pedro Sinzig e educação censória na formação do público leitor brasileiro. **Revista Aleph**, [S.l.], n. 20, ano 8, p. 76-101, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/download/38982/22421>. Acesso: 12. out. 2023.

SANTOS, Eucléia Gonçalves. “**Em Cima da mula, debaixo de Deus, na frente do inferno**”: os missionários franciscanos no sudoeste do Paraná (1903-1936). 2005. Dissertação (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27988/R%20-%20D%20%20EUCLEIA%20GONCALVES%20SANTOS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SILVA, Edson Armando. **Identidades franciscanas no Brasil**: a província da Imaculada Conceição entre a restauração e o vaticano II. 2000. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

SILVA, Priscilla Stuart da. **Educação estética**: corpo, experiência e memória em Walter Benjamin. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SILVA, Marilda R. G. Checcucci Gonçalves da. **Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí**. Campinas: FURB; Unicamp; Centro de memória da Unicamp, 2001.

TEIXEIRA, Lislely Canola Treis. **Práticas da infância na memória de velhos**: entre a tradição e a modernidade na cidade de Florianópolis (1930-1950). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

## FONTES/DOCUMENTOS

Frei Agostinho Piccolo. Frei Daví Mohr, OFM. **Vida Franciscana**, Petrópolis, n. 51, jul. 1977, p. 156-161.

Frei Amando Bahlmann. **Memórias Inacabadas**. São Paulo: PFICB, 1995 (Coleção Centenário, v. 11).

Frei Ary Pintarelli. **Menores entre pequenos**. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção Centenário, v. 10).

Frei Basílio Rower. **A Ordem Franciscana no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1947.

Frei Carmelo Surian. **Franciscanos no Espírito Santo**. São Paulo: Loyola, 1991. (Coleção Centenário, v 6).

Frei Clarêncio Neotti. **Cem anos de livros 1891-1991**. Guarulhos: Editora Parma, 1991. (Coleção Centenário, v. 5).

Frei Clarêncio Neotti. **Cem anos, memória, celebração, renovação**. Petrópolis: Vozes, 1993. (Coleção Centenário, v. 8).

Frei Clarêncio Neotti. **Franciscanos na Educação**. Bragança Paulista: Faculdades Franciscanas, 1985.

Frei Clarêncio Neotti. **Frei Bruno Linden tudo para todos**. 2.ed. Vila Velha: Abba, 2014.

Frei Clarêncio Neotti. Frei Odorico Durieux, OFM. **Vida Franciscana**, Petrópolis, n. 72, p. 227-244, dez. 1998.

Frei Clarêncio Neotti. Prefácio. *In*: Frei Venâncio Willeke. **Missões Franciscanas no Brasil (1500/1975)**. Petrópolis: Vozes, 1974.

Frei Deodoro Kaufhoud. Necrológio do Frei Edmundo Binder. **Revista Vida Franciscana**, Petrópolis, ano 58, n. 55, p. 171-180, out. 1981.

Frei Diogo de Freitas. **A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**: nas Festas do Centenário da Independência Nacional, 1822-1922. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1922.

Frei Elói Dionísio Piva. Encaminhamento da restauração da OFM no Brasil. **Vida Franciscana**, Petrópolis, n. 63, p. 19-32, dez. 1989.

Frei Elzeário Schmitt. **“Therezopolis” e uma utopia franciscana no sul**. Petrópolis: Vozes, 1991. (Coleção Centenário, v. 4).

Frei Estanislau Schaette. Cinquentenário Franciscano de Blumenau. **Vita Franciscana**. São Paulo, 1942.

Frei Estanislau Schaette. Os religiosos da Província da Imaculada Conceição e a escola. *In*: Frei Basílio Rower. **A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**: nas Festas do Centenário da Independência Nacional, 1822-1922. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1922. p. 202-229.

Frei Estanislau Schaette. Ver. Pe. Jubilado Frei Cândido Spannagel O.F.M. **Vida Franciscana**, Petrópolis, n. 21, p. 99-100, dez. 1957.

Frei Estevão Ottenbreit. Prefácio. *In*: Frei Clarêncio Neotti. **Cem anos de livros 1891-1991**. Guarulhos: Editora Parma, 1991. (Coleção Centenário, v. 5).

Frei Ewaldo Bamberg. Franciscanos em Palmas (continuação e conclusão). **Vida Franciscana**. Petrópolis, n. 55, p. 39- 54, out. 1981.

Frei Ewaldo Bamberg. Franciscanos em Palmas (continuação..). **Vida Franciscana**. Petrópolis, n. 54, p. 115-132, jun. 1980.

Frei Ewaldo Bamberg. Franciscanos em Palmas. **Vida Franciscana**. Petrópolis, n. 53, p. 24- 41, jun. 1979.

Frei Hugo Baggio. Para ver o futuro olhemos o passado. **Vida Franciscana**. Petrópolis, n. 59, p. 31-36, out. 1985.

Frei Hugo Baggio. Pe. Frei Ângelo Funger. **Vida Franciscana**. Petrópolis, n. 51, p. 150- 155, jul. 1977.

Frei Humberto Themans. **Viagem ao Brasil e começo da missão**. Trad. Ludovico M.G. de Castro. Bragança Paulista: EDUSF, 1991. (Coleção centenário, v. 3).

Frei Inácio Jeiler. **Para compreender a história da Província da Saxônia**. Petrópolis: Vozes, 1992. (Coleção Centenário, v. 7).

Frei João Crisóstomo Arns. Frei Edmundo Binder. **Vida Franciscana**. Petrópolis, n. 55, p. 175-176, out. 1981.

Frei João Crisóstomo Arns. **Uma escola centenária em sua moldura histórica**. Curitiba: Linarth, 1997.

Frei Mateus Hoepers. Passos de vida franciscana. **Vida Franciscana**. Petrópolis, n. 56, p. 67-90, out. 1982.

Frei Olavo Seifert. **Confrades da província franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, falecidos nos primeiros 50 anos da restauração (1891-1941).**

Bragança Paulista: Departamento gráfico da Universidade São Francisco, 1990b. (Coleção Centenário, v. 2).

Frei Olavo Seifert. **Elenco dos religiosos falecidos (1894-1989).** Bragança Paulista: Departamento gráfico da Universidade São Francisco, 1990a. (Coleção Centário, v. 1).

Frei Olavo Seifert. Frei Felisberto Imhorst, OFM. **Vida Franciscana.** Petrópolis, n. 64, p. 88-94, dez. 1990c.

Frei Oswaldo Furlan. Colégio Santo Antônio de Blumenau: 95 anos de dedicação. **Vida Franciscana,** Petrópolis, n. 44, p.16-24, jul. 1973.

Frei Pedro Sinzig. **Frei Rogério Neuhaus OFM.** Petrópolis: Typografia das Vozes de Petrópolis, 1934.

Frei Pedro Sinzig. **Reminiscências d'um frade.** Petrópolis: Typografia das Vozes de Petrópolis, 1917.

Frei Sebastião da Silva Neiva. A contribuição franciscana para o desenvolvimento de Lages, 1767- 1967. **Vida Franciscana.** Petrópolis, n. 34, p. 19-30, jun. 1967.

Frei Valetim Tambosi. **Franciscanos em Curitiba.** São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Centenário, v. 9).

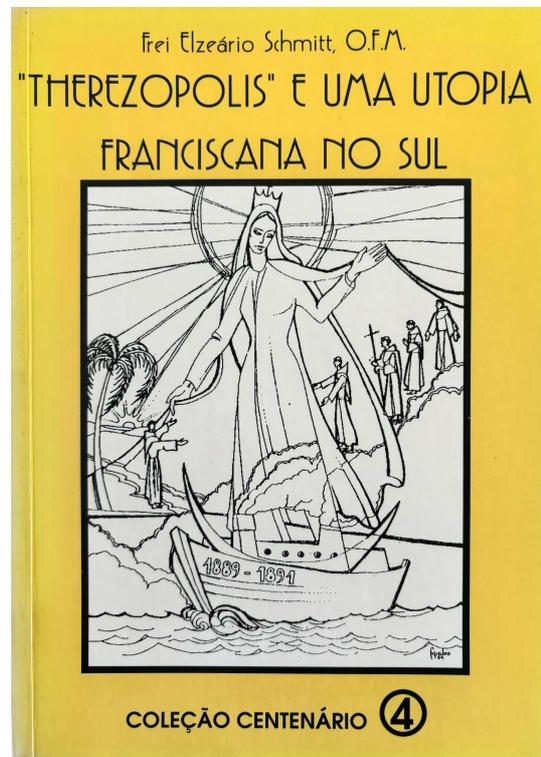
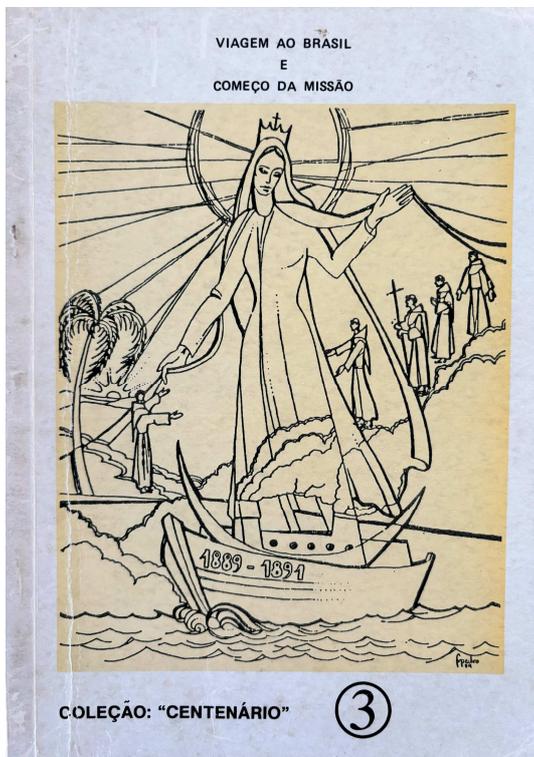
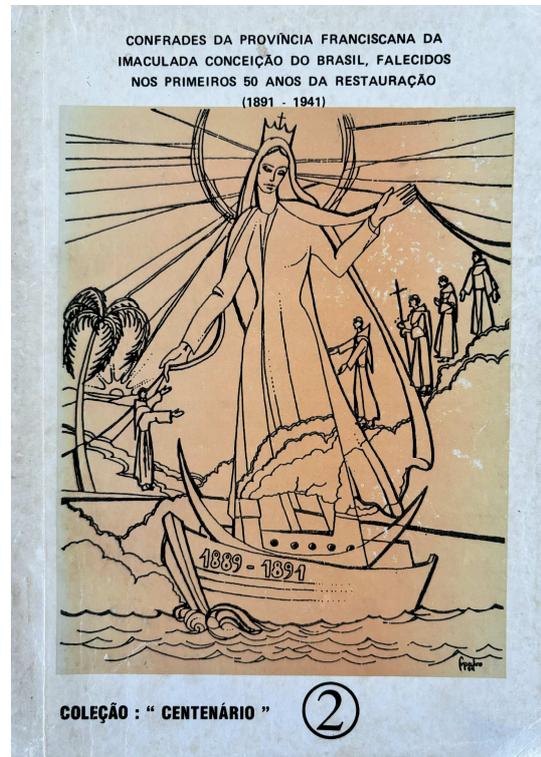
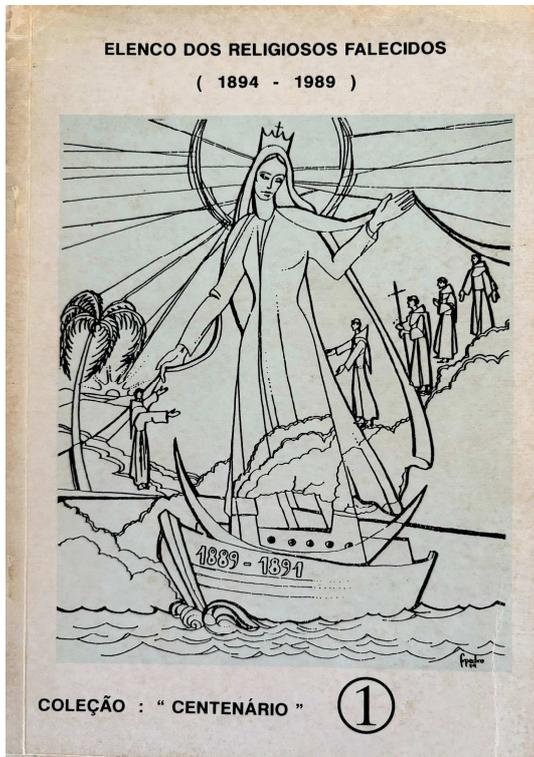
NOTÍCIAS franciscanas. **Vita Franciscana,** [S.l.], ano 13, n. 2, p. 28-32 , sept. 1936.

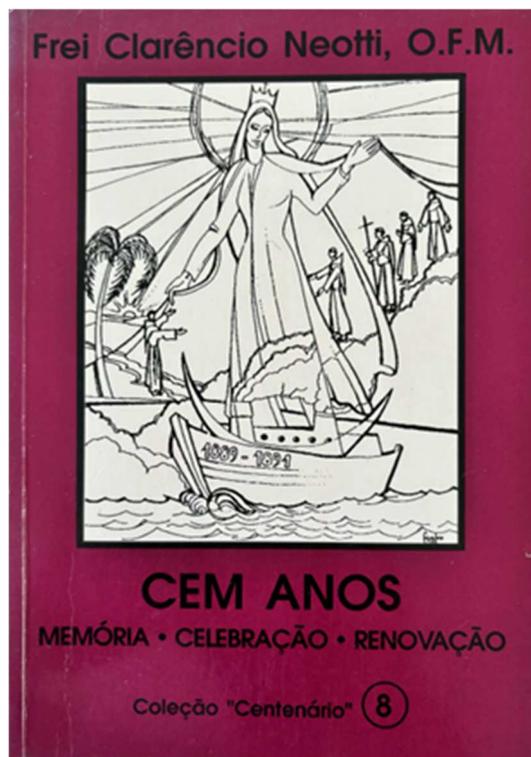
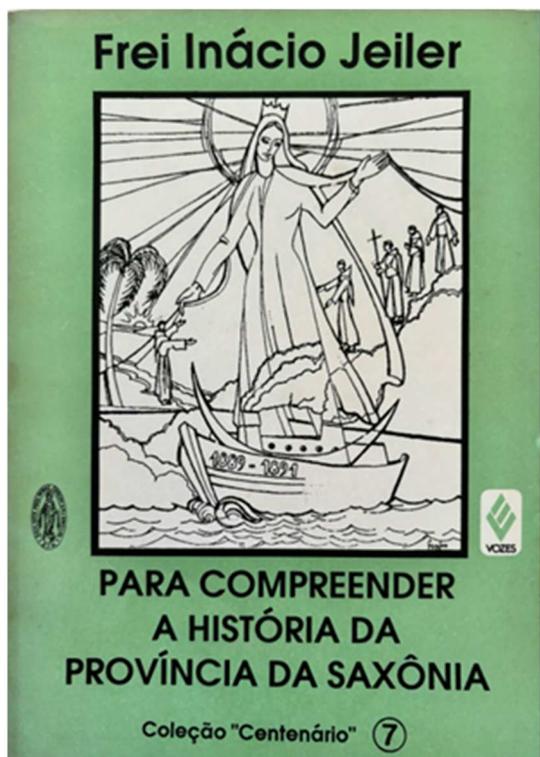
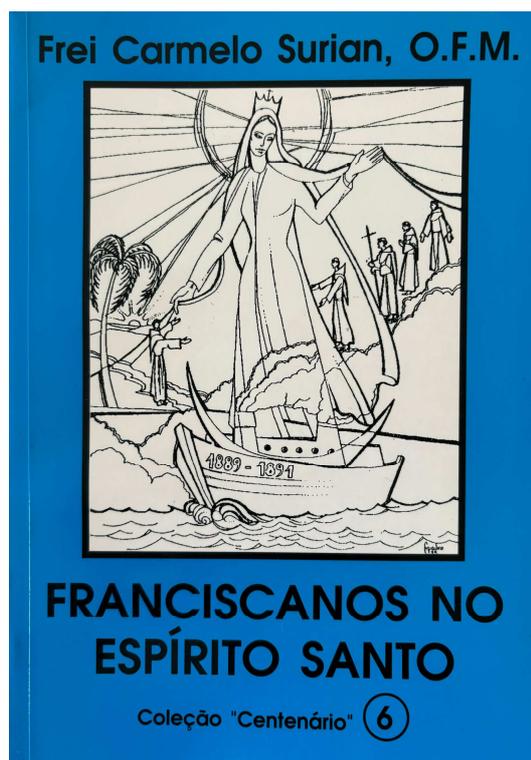
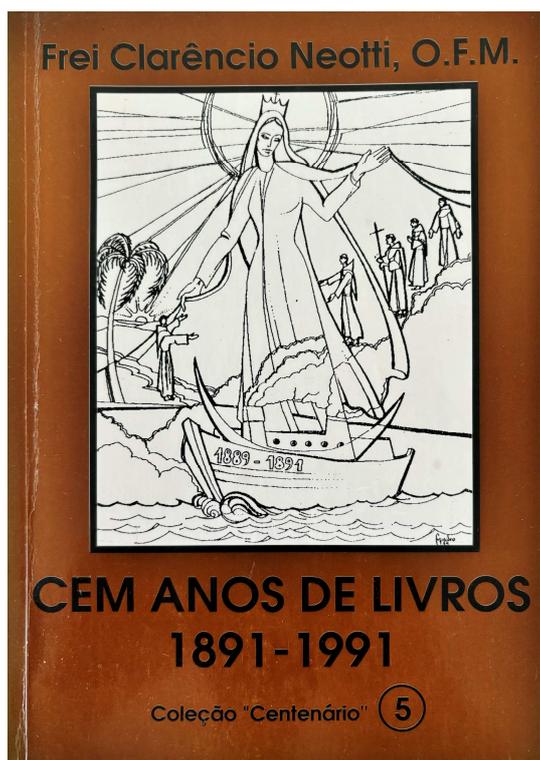
O RECENSEAMENTO geral do Brasil em 1940. **Vita Franciscana,** [S.l.], ano 17, nº 3, p. 548, 1940.

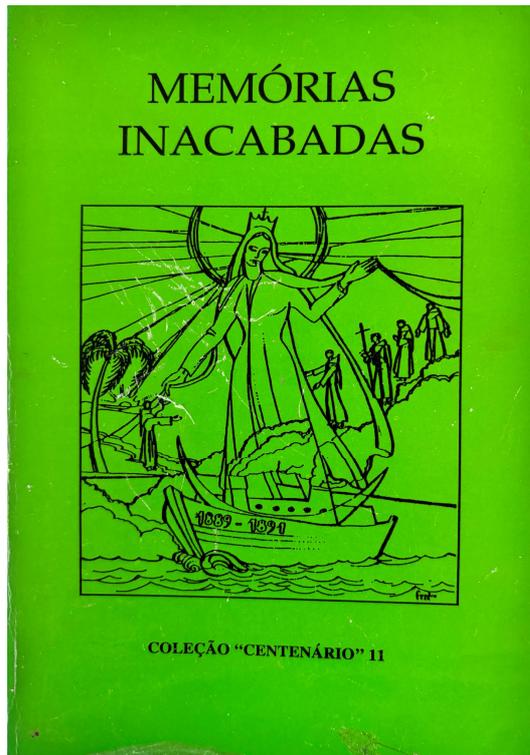
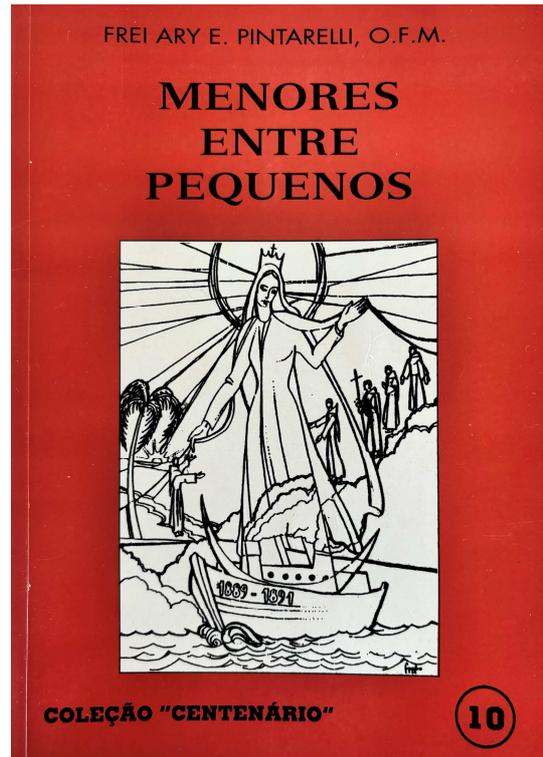
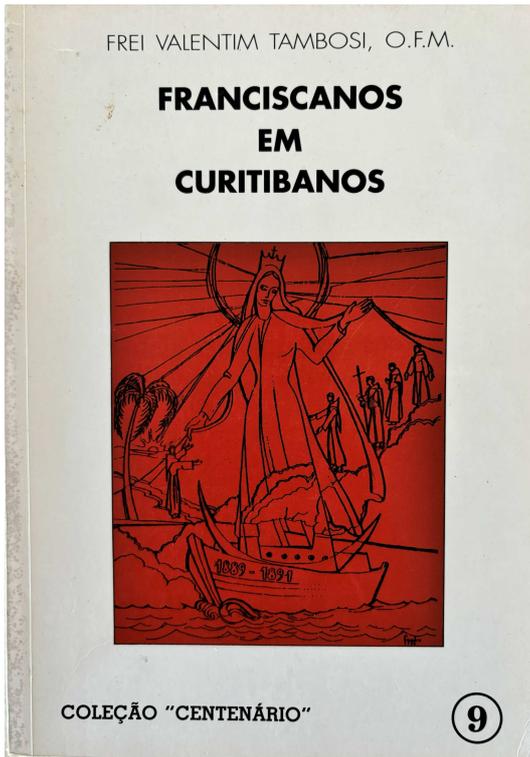
R. P. JUB. FREI FÉLIX SCHROER. **Vida Franciscana,** Petrópolis, ano 24, n. 34, jun. 1967, p. 59-66, 1967.

R. P. JUB. FREI JACÓ HOEFER. **Vida Franciscana,** Petrópolis, ano 24, n. 34, jun. 1967, p. 66-72, 1967.

### APÊNDICE A – Capa dos livros da Coleção: Centenário







**APÊNDICE B – Lista dos Conventos assumidos ou fundados pelos Frades da  
Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil de 1891 à 1965**

<b>ANO</b>	<b>LOCALIDADE- CIDADE E ESTADO</b>
<b>1535 – (1942)<sup>80</sup></b>	Vila Velha (Nossa Sra. do Rosário) - ES
<b>1608 – (1899)</b>	Rio de Janeiro (Santo Antônio) - RJ
<b>1642 – (1908)</b>	São Paulo (São Francisco) - SP
<b>1945 - 2003 Provincialado</b>	Provincialado
<b>1640 – (1922)</b>	Santos (Santo Antônio do Valongo)- SP
<b>1650 – (1942)</b>	Vila Velha (Nossa Senhora da Penha)- ES
<b>1658 – (1932)</b>	São Sebastião (Nossa Senhora do Amparo) - SP
<b>1891</b>	Teresópolis - SC
<b>1891</b>	Lages (Patrocínio de São José)- SC
<b>1895</b>	Fundação do Colégio Diocesano
<b>1892</b>	Blumenau (Santo Antônio) - SC
<b>1894</b>	Rodeio (S. Francisco de Assis) -Noviciado- SC
<b>1946 – 1965</b>	Seminário (Nossa Senhora de Fátima)
<b>1896</b>	Petrópolis (Sagrado Coração de Jesus)- RJ
<b>1898</b>	Curitiba (Bom Jesus) - PR
<b>1911 – 1913</b>	Noviciado
<b>1910 – 1967</b>	Filosofia
<b>1900</b>	Gaspar (São José) - SC
<b>1900</b>	Curitibanos (São Francisco Solano) - SC
<b>1900</b>	Santo Amaro da Imperatriz (S. Amaro) - SC
<b>1902 - 1995</b>	Quissamã (Nossa Senhora do Desterro) - RJ
<b>1903</b>	Palmas (Santa Cruz) - PR
<b>1904</b>	São Paulo (Comissariado da Terra Santa) - SP
<b>1909</b>	Florianópolis (Santo Antônio) - SC
<b>1910</b>	Guaratinguetá (N. Senhora das Graças) -SP
<b>1912</b>	Amparo (São Benedito) - SP
<b>1914 - 2004</b>	Porto União (Nossa Senhora do Rosário) - SC
<b>1914</b>	Canoinhas (Cristo Rei) - SC
<b>1916</b>	São Paulo (Santo Antônio do Pari) - SP
<b>1921 - 2021</b>	Angelina (Nossa Senhora da Conceição) - SC
<b>1923</b>	Luzerna (São João Batista) - SC
<b>1941 - 1994</b>	Seminário São João Batista
<b>1922</b>	Rio Negro (Seminário Seráfico São Luis de Tolosa) - PR
<b>1933</b>	Ituporanga (Santo Estêvão) - SC
<b>1965</b>	Seminário (São Francisco)
<b>1934</b>	Concórdia (Nossa Senhora do Rosário) - SC

<sup>80</sup> As datas entre parênteses se referem a ano em que os frades reformadores do franciscanismo no Brasil assumiram esses conventos que foram fundados ainda no período do Brasil colonial.

<b>1934 - 2003</b>	São Lourenço (São Lourenço) - MG
<b>1935</b>	São João de Meriti (São João Batista) - RJ
<b>1936</b>	Sorocaba (Bom Jesus) - SP
<b>1937 - 2018</b>	Forquilha (Sagrado Coração de Jesus) - SC
<b>1940 - 2017</b>	Paty do Alferes (N. Sra. da Conceição) - RJ
<b>1940</b>	Xaxim (São Luiz Gonzaga) - SC
<b>1941</b>	Rio Negro (Bom Jesus) - PR
<b>1942</b>	São Paulo – Vila Clementino (S. Francisco de Assis) - SP
<b>1942</b>	Guaratinguetá (Seminário Frei Galvão) - SP
<b>1944 - 1995</b>	Piraí do Sul (Nossa Senhora da Conceição) - PR
<b>1946</b>	Pato Branco (São Pedro Apóstolo) - PR
<b>1948 - 1995</b>	Jaborá (São Pascoal) - SC
<b>1949</b>	Niterói (Porciúncula de Santana) - RJ
<b>1950</b>	Agudos – Convento e Seminário (S. Antônio) - SP
<b>1951</b>	Nilópolis (Nossa Senhora da Conceição) - RJ
<b>1951</b>	Bauru (Santo Antônio) - SP
<b>1956</b>	Vila Velha (Santuário Divino Espírito Santo)- ES
<b>1956</b>	Coronel Freitas (Patrocínio de São José) - SC
<b>1963</b>	Chopininho (São Francisco de Assis) - PR

Fonte: <https://franciscanos.org.br/quemsomos/nossa-historia/#fraternidades>.

Acesso:10 de março de 2021.

### APÊNDICE C – Tabela da Escola de Rodeio/SC:

Em 1910 as escolas paroquiais de Rodeio (SC) contavam com aproximadamente mil e cem alunos que recebiam a instrução primária, conforme consta no quadro:

Localidade	Números de salas	Professor	Alunos
Rodeio I	2	1	156
Rodeio II	2	1	80
Rodeio II (12)	1	1	25
Diamante Alto	1	1	25
Diamante Alto	1	1	18
São Paulo (24)	1	1	40
Guaricanas	1	1	40
Aquidabam	1	1	36
Mattador	1	1	15
Rio do Sul	1	1	46
Rio dos Cedros	1	1	96
São Bernardo	1	1	34
Caminho Tirolez	1	1	80
Encruzilhada	1	1	34
Pomeranos St. Ant.	1	1	25
São Roque	1	1	16
Assunta	1	1	38
Cedros Alto	1	1	23
Pinheiro	1	1	26
Rio Serro	1	1	65
Rio Molha	1	1	20
Jaraguá (84)	1	1	48
Jaraguá (30)	1	1	54
Jaraguá (19)	1	1	30
Garibaldi	1	1	15
Ribeirão Cavallo	1	1	22

Fonte: Elaborado a partir das informações de Frei Estanislau Schaette, 1922, p. 212-213.

Frei Estanislau Schaette. Os religiosos da Província da Imaculada Conceição e a escola. *In*: Frei Basílio Rower. **A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**: nas Festas do Centenário da Independência Nacional, 1822-1922. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1922. p. 202-229.

## APÊNDICE D – Escola do Alto Jacuhy no Rio Grande do Sul

“A futura paróquia do Alto Jacuhy, no Estado do Rio Grande do Sul, oferece aos Franciscanos um vasto campo de atividade em prol da infância. A terra fértil e o clima saudável atraíram para essa paróquia numerosas famílias residentes nas antigas colônias. Os distritos são novos, mas cheios de vida. Os paroquianos estimam a santa religião e a instrução de sua juventude; por isso acompanha eficazmente as boas intenções do vigário. Numerosos são os núcleos de moradores na paróquia, numerosas são as escolas, com um total de 1.125 alunos. Na certeza de que muitos interessará damos a relação de todas as escolas com a sua frequência”:

Localidade	Número de alunos
Não-me-toque I	De 80 a 90
Não-me-toque II	80
Não-me-toque III	40
Gramada	60
Tapéra (duas aulas)	100
Cochinho	35
Jacuhy	30
Santo Antônio	40
D. Ernestina	20
Glória	40
Gerisa	45
Selbach I	110
Selbach II	25
Selbach III	35
Selbach IV	30
Arroio Grande	25
Ivernadinha	45
S. Paulo	20
Teutônia	30
Barra do Colorado	60
Boa Esperança	30
Garibaldi	60
Paccas	40
Nova Tripolis	45
S. José	50

Fonte: Elaborado a partir das informações de Frei Estanislau Schaette (1922, p. 227-228).

Frei Estanislau Schaette. Os religiosos da Província da Imaculada Conceição e a escola. *In*: Frei Basílio Rower. **A Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**: nas Festas do Centenário da Independência Nacional, 1822-1922. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1922. p. 202-229.

## ANEXO A – Obras de Frei Pedro Sinzig<sup>81</sup>

1. **Benedicite!** Manual de cânticos sacros em Português e Latim, com um apêndice de orações. – Tipografia Federico Pustet, Regensburg, 1898, 184 p. O Autor assina “Por um religioso da Ordem de São Francisco”.
2. **Sursum Corda.** Coleção de cânticos sacros em português e latim. – Editora Pustet, Regensburg, 1900, 44 p.
3. **Cancioneiro de Modinhas Populares.** – Editora Herder, Friburgo in Br., 1901, 80 p.
4. **Ramalhete de Flores.** – Ed. Frederico Pustet. Regensburg, 1907, 228 p.
5. **Breves meditações para todos os dias do ano.** A primeira edição saiu em dois volumes. O primeiro em 1908 e o segundo em 1909, pela Vozes. A segunda edição sal pela Frederico Pustet, Regensburg, em 1912. A edição definitiva, num só volume é de 1944. – Editora Vozes, Petrópolis, 412 p.
6. **Cecília.** Manual de Cântico Sacros. É a fusão de seu livro “Benedicite”, com o “Cecília” de Frei Basílio Røewer. – Editora Vozes, Petrópolis, 1910. O manual passou por uma grande revisão em 1926 (6ª edição), feita pelos dois autores. Passa-se a editar dois volumes: um só com a letra dos cantos e as orações; o outro só com as notas. Outra profunda revisão passou o manual em 1962, feita por Frei Romano Koepe, quando passou a chamar-se “Cecília. Cânticos e Orações para a participação ativa na vida da Igreja”. Não mais aparecem os nomes de Frei Pedro e Frei Basílio. Era a 39ª edição. Nova e total revisão aconteceu em 1971, feita por Frei José Luís Prim, Frei Almir R. Guimarães e Padre José Weber. Mudou-se o título para “Cantos e Orações. Edição atualizada do ‘Cecília’”. Era a 41ª edição.
7. **Relatório do Primeiro Congresso Católico da Diocese de Niterói (26 a 29 de junho de 1909) efetuado em Petrópolis.** – Oficinas Gráficas do “Jornal do Brasil”, Rio de Janeiro, 1910.
8. **Violetas.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1910, 230 p.
9. **Não desanimar!** – Editora Vozes, Petrópolis, 1911, 264 p.
10. **A caricatura na Imprensa Brasileira.** Contribuição para um estudo histórico-social, com numerosas ilustrações. – Editora Vozes, Petrópolis, 1911, 114 p.
11. **Jahrbuch der Suedbrasilianischen Franziskanerprovinz.** Vol. I. – Editora Vozes, Petrópolis, 1911, 84 p.
12. **Em plena guerra.** Cenas de atualidade sobre a imprensa. – Editora Vozes, Petrópolis, 1912, 256 p.

---

81 Frei Clarêncio Neotti. Cem anos de livros 1891-1991. Coleção Centenário 5. Guarulhos: Editora Parma, 1991a. p. 81-85.

13. **Ao Céu!** Devocionário de leituras e orações para os esposos. – Butzon & Bercker, Kevelaer, 1912, 336 p.
14. **Ai! Meu Portugal.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1913, 382 p.
15. **Jahrbuch der Suedbrasilianischen Franziskanerprovinz.** Vol. II. – Editora Vozes, Petrópolis, 1913, 176 p.
16. **A obra do Centro da Boa Imprensa durante o ano de 1913.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1914, 40 p.
17. **Jahrbuch der Suedbrasilianischen Franziskanerprovinz.** Vol. III. – Editora Vozes, Petrópolis, 1915, 268 p.
18. **Através dos Romances.** Guia para as consciências. – Editora Vozes, Petrópolis, 1915, 1026 p. A segunda edição saiu aumentada, tendo ao todo notas sobre 21.553 livros e 6.657 autores.
19. **Guerra!** Quadro de atualidade. – Editora Vozes, Petrópolis, 1915, 598 p.
20. **Reminiscências de um Frade.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1917, 430 p. Traduzido para o alemão e publicado com dois títulos diferentes pela mesma editora, a Herder de Friburgo: “Lebendig begraben” (1922) e “Moench und Welt” (1925), ambas as edições com 294 p. As duas edições usaram a mesma composição.
21. **Arte cristã.** – Centro da Boa Imprensa, Petrópolis, 1917, 300 p.
22. **Os nossos escritores.** – Centro da Boa Imprensa, Petrópolis, 1917, 78 p.
23. **Sturm am Rhein.** – Butzon & Bercker, Kevelaer, 256 p. O mesmo livro foi editado pela mesma editora com o título “Die Schoene Juedin”. O livro foi publicado em capítulos pelo “Deutsches Volksblatt”, de Porto Alegre, sob o título “Das Altarbild von Linz”.
24. **Sei Compor.** Guia despretensiosos através do contraponto, da imitação e fuga e das formas de composição musical. – Editora Vozes, Petrópolis, 1918, 264 p.
25. **Os segredos da harmonia, desvendados singelamente.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1918, 174 p.
26. **O dia da Boa Imprensa.** - Centro da Boa Imprensa, Petrópolis, 1918, 96 p.
27. **Nova Cruzada.** Hinos, danças infantis e monólogos para o “Dia da Boa Imprensa” e outras festas. – Editora Vozes, Petrópolis, 1918.
28. **Para sobremesas.** - Centro da Boa Imprensa, Petrópolis, 1918, 320 p.
29. **Meu devocionário.** Leituras e orações. – Butzon & Bercker, Kevelaer, 1919, 320 p.
30. **Manual de orações.** Para crianças. 120 p.

31. **Pela mão de uma menina.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1921, 246 p. Traduzido para o húngaro.
32. **Jahrbuch der Suedbrasilianischen Franziskanerprovinz.** Vol. IV. – Editora Herder, Friburgo in Br., 1921, 200 p.
33. **O Taumaturgo Santo Antônio, na história, na lenda e na arte.** Editado em homenagem ao centenário da Independência do Brasil. – Centro da Boa Imprensa, Petrópolis, 1922, 162 p. com 150 gravuras.
34. **Frei Fabiano de Cristo.** – Edição do Convento Santo Antônio, Rio de Janeiro, 1924, 74 p. A terceira edição foi feita pela Editora Vozes.
35. **A criação de Haydn.** Tradução e comentários. – Centro da Boa Imprensa, Petrópolis, 1925, 34 p.
36. **São Francisco e seu culto no Brasil.** – B. Kuehlen, M. Gladbach, 1926, 176 p. Com 150 gravuras da arte brasileira.
37. **O Organista.** Tratado teórico-prático de aprender harmônio e órgão. – Editora Butzon & Bercker, Kevelaer, 1927.
38. **Catecismo em Cânticos.** – Sociedade Editora São Francisco das Chagas, Fortaleza, 1927. O Autor usa o pseudônimo João Brasil, e versos de Amélia Rodrigues.
39. **Meu Guia para Céu.** Devocionário para crianças. – Sociedade Editora São Francisco das Chagas, Fortaleza, 1928. A segunda edição saiu pela Editora J. Steinbrener, Winterberg, Tchecoslováquia, 1929, 120 p.
40. **Entre dois mundos: Teresa Neumann, a Estigmatizada de Konnersreuth.** – Butzon & Bercker, Kavelaer, 1930, 222 p.
41. **A jóia do canto chão.** Manual para cantores e organistas. – Editora L. Schwann, Düsseldorf; Vozes, Petrópolis e Mensageiro da Fé, Salvador, 1930, 108 p.
42. **Santo Antônio do Rio de Janeiro.** História de seu Convento e catálogo da Exposição Antoniana do 7º Centenário da morte do Santo. – Edição da “Revista Alemã”, Rio de Janeiro, 1931, 58 p.
43. **Tempestades.** O bolchevismo por dentro. – Tipografia Mendes Júnior, Rio de Janeiro, 1931, 316 p.
44. **Maravilhas da religião e da arte na igreja e no convento de São Francisco da Bahia.** – Edição do Instituto Histórico e Geográfico, Rio de Janeiro, 1933, 360 p.
45. **P. Rogerius Neuhaus. Ein Deutscher Franziskaner in Brasilien.** – Editora Butzon & Bercker, Kevelaer, 1935, 228 p.
46. **Franziskanerpater Rogerius Neuhaus.** – Kommissionsverlag der Franziskus Druckerei, Werl, 1937, 48 p.

47. **Frei Rogério Neuhaus.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1935, 620 p. A segunda edição (1939), tem 676 p.
48. **Um apóstolo dos nossos dias.** Resumo da biografia de Frei Rogério. – Editora Vozes, Petrópolis, 1936, 186 p.
49. **O nazismo sem máscara.** Fatos e documentos. – Editora L.A. Josephson, Rio de Janeiro, 1938, 384 p. Publicado com o pseudônimo: João Bauer Reis.
50. **O Zepelim e o cão de casa.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1938, 248 p.
51. **O Brasil cantando.** – Editora Vozes, Petrópolis, 1938, 426 p.
52. **O Brasil Cantando.** Letras dos cânticos do livro homônimo. – Editora Vozes, Petrópolis, 1939. Sem enumeração de páginas, com 541 cantos enumerados.
53. **Dona Rosa.** Contribuições para a vida de uma senhora da sociedade. – Editora Vozes, Petrópolis, 1940, 296 p.
54. **Beethoven: Missa Solemnis.** – Separata da Revista “Cultura Política” (revista mensal de estudos brasileiros), Rio de Janeiro, 1942, 60 p.
55. **O mês de Maria e a folhinha.** – Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1942, 132 p.
56. **O Chocolate.** Farsa para meninos. – Editora Vozes, Petrópolis, 1921, 24 p.
57. **De automóvel para o céu.** – Editora Guaíra, Curitiba, 1943, 104 p.
58. **Sei tocar.** Método para aprender Harmônio e Órgão e tocas nos atos litúrgicos. – Editora Vozes, Petrópolis, 1944, 88 p.
59. **Pelo mundo do som** (dicionário musical). – Livraria Kosmos, Rio de Janeiro, 1947, 614 p.
60. **Canto Gregoriano.** – Santa Cecília Editora Musical Ltda., Rio de Janeiro, 1950, 118p.

## **ANEXO B – Narrativa descrita nas crônicas do Convento Franciscano na cidade de São José (SC), sobre a I Guerra Mundial e os Frades em 1917**

Narrativa descrita nas crônicas do convento franciscano na cidade de São José (SC), sobre a I Guerra Mundial e os frades em 1917. A narrativa está em alemão, foi traduzida e transcrita por frei Clarêncio Neotti na obra biográfica dedicada a frei Bruno Linden:

Em consequência da entrada do Brasil na Guerra Mundial, de repente, más tempestades se abateram no Conventinho pacífico. O cronista e outras pessoas, escondidos na Gruta de Lurdes, na mata, assistiram a destruição. Em 29 de outubro, perto das 10 da noite, veio um pequeno grupo de manifestantes para a nossa pequena moradia. Era gente de São José e Praia Comprida. O líder soltou ameaças contra nós e teria praticado atos de violência provavelmente, se tivesse achado mais ressonância nos manifestantes. Ficou nas injúrias. Entre gritos de vivas ao Brasil, o comboio foi adiante para a Praia Comprida. Parecia haver combinação. O grupo josefinense da Praia Comprida se uniu a outro vindo do Estreito. Uma multidão de 200 a 300 pessoas, bem silenciosamente, se juntou na frente do nosso pequeno Convento. Nós devíamos ser pegos de surpresa. Isso foi possível, porque ninguém nos prevenira e porque o nosso Superior não admitia a mais leve dúvida sobre a fidelidade de seus paroquianos. Assim, todos os religiosos estavam deitados em suas camas: o Padre Presidente Bruno, o Padre Húmilis, um visitante de Gaspar, o Padre Anselmo e nossos Irmãos Francisco, Ângelo e Otmar. Por um sinal dado, a súcia começou em frente de nossa moradia tocar campainha, jogar pedras, quebrar portas e janelas com bastões e paus. Em dois minutos a casa foi tomada de assalto. Não havia canto nenhum da casa que não tivesse sinais de destruição. No ataque rápido e inesperado somente foi possível aos religiosos de pensar em sua própria segurança. Instintivamente cada um saiu rápido da cama, com ou sem capuz, com ou sem sandálias. Fato é que todos procuraram distância por causa da gritaria terrível e da invasão de tantos destruidores. O Padre Presidente Frei Bruno mais tarde contou que ele tinha pulado e ficado na proximidade da Casa. Teve de escutar as provocações e presenciar a destruição da casa e da escola. Veio-lhe, então, a lembrança do Santíssimo Sacramento no sacrário e dos Confrades. Assim que os destruidores saíram, ele retornou à Casa. Encontrou tudo quebrado. Foi à capela e achou-a iluminada e o Santíssimo intacto. Os valiosos cálices, que estavam pelo chão, foram recolhidos pelo pároco e levados para fora. Mal tinha ele saído de casa, parte do bando voltou para continuar a quebra. Os agressores só se retiraram em torno da meia-noite. Mas antes ainda danificaram completamente a sede da Liga e a escola paroquial. Não contentes com o crime infame na nossa casa, eles também atacaram alguns domicílios particulares de famílias de origem alemã. Devemos agradecer a Deus que a destruição não tenha sido maior e também ao fato de eles terem encontrado alguns gravementedoentes nalgumas famílias. Foram conservados o cinema e a escolas das Irmãs. As Irmãs foram acordadas e avisadas a tempo de esconder o Santíssimo e se refugiar na casa da viúva Palmira da Silva. O Padre Presidente permaneceu o resto da noite na casa do vizinho Manuel de Oliveira Ramos. O Padre Húmilis se refugiou na casa do Capitão Pedro Leite. Os outros Confrades fugiram para o bosque e lá permaneceram. Triste foi a manhã seguinte, dia 30 de outubro, quando nos encontramos todos na casa destruída. Entre 5 e 6 da manhã, um após o outro foi chegando. O padre Bruno e os outros padres rezaram a missa na matriz. Os Irmãos Ângelo, Francisco e Otmar, ainda no mesmo dia, foram para São Pedro, onde o pároco Padre Humberto Others os acolheu com toda a hospitalidade. Os Padres Húmilis e Anselmo, pela tarde,

viajaram a Florianópolis. O Padre Presidente Frei Bruno, sozinho, ficou no monte de escombros até que as autoridades tomassem conhecimento do fato. No sábado, dia 3 de novembro, o Padre Bruno mandou buscar os Irmãos. Francisco e Ângelo foram para Blumenau. Otmar ficou com o Padre Bruno. Durante o dia estiveram na casa solitária e destruída. Durante a noite Frei Otmar foi dormir na casa do professor da escola. E Frei Bruno, refugiou-se num domicílio familiar. As Irmãs, a mando das Superiores, deixaram São José e foram para Florianópolis, mas retornaram em meados de novembro e recomeçaram as aulas. Frei Bruno foi obrigado a renunciar ao seu cargo de pároco. Dias de luto pesaram sobre São José. Aos domingos, como no tempo dos primeiros cristãos, Frei Bruno celebrava às escondidas, na casa das Irmãs, com portas fechadas. Só no dia 16 de dezembro veio o novo pároco, Frei Ivo Westerveld, nomeado pelo Sr. Bispo. Frei Ivo, nascido na Holanda, podia assumir a paróquia, porque não era alemão. Assim, no mesmo dia da chegada, ele pôde fazer a Primeira Comunhão de 40 crianças. Na mesma missa, comungaram quase cem pessoas.

Frei Clarêncio Neotti. **Frei Bruno Linden tudo para todos**. 2.ed. Vila Velha: Abba, 2014. p. 66-69.

## ANEXO C – Nota: Febre Amarela

Carta de Frei Amando Bahlmann, datada de 12 de março de 1896, relatando os pormenores da doença:

Inicialmente os doentes sentem enorme cansaço, peso no estômago e geralmente dores nas costas, acompanhados, na maioria dos casos, de pesada sonolência; então aparece fortíssima febre, muitas vezes acima de 40 graus. Os doentes devem ser levados a suar e dá-se-lhes um purgante. Geralmente, depois de um ou dois dias caí a febre, e o doente sente-se melhor. Entrou na segunda fase; não pode tomar nada, só água mineral e gelo, durante 4 a 5 dias. Começa a convalescença, no quinto dia. Mas, se no quarto dia o doente começa a delirar, está entrando na terceira fase e nada mais adiantará; vai morrer. Os rins, principais órgãos atingidos pela febre amarela, não funcionam mais e produzem intensa dor lombar. O doente fica impossibilitado de urinar e defecar; dores na bexiga não ocorrem, como se imaginaria que acontecesse; tudo para no estômago, se desfaz e apodrece, levando as toxinas a outros órgãos internos. Os olhos tornam-se amarelo-ouro. Aí o paciente morrerá. Mas a morte é diferente em seus modos. A maioria sofrerá no quinto dia hemorragia nasal forte, avançando para a boca e o nariz. Se o sangue é vermelho, torna-se mais escuro e aí o doente ficará vomitando o tempo todo uma massa preta ou azulada, durante dias. No final, o doente sem sentidos, jorra sangue pela boca, como um chafariz, às vezes parede acima ou em quem estiver perto. O assoalho fica continuamente coberto por um líquido preto. Ocorre, muitas vezes, uma pausa; o doente fica amarelo e acaba de sofrer; o rosto extraordinariamente amarelo, apresenta um terrível aspecto.

Algumas vezes, raramente, no entanto, a terceira fase decorre de outra maneira; o doente começa a dormir e permanece sempre dormindo; levanta-se, sem saber, entra em outras celas, deita-se em outras camas, ou no chão, engatinha, delira em voz alta ou canta forte. Esses tais não têm agonia ou ela não é pesada, porque andam geralmente inconscientes, embora com instantes de lucidez. Para os confrades esta agonia é a mais penosa; os olhos mostram que nele a morte venceu a vida. Quando se toca nele, grita com força e se defende com as mãos e os pés. Outros debatem-se e parecem estar lutando com a morte, até que as forças cedem.

Frei Olavo Seifert. **Confrades da província franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, falecidos nos primeiros 50 anos da restauração (1891-1941)**. Bragança Paulista: Departamento gráfico da Universidade São Francisco, 1990b. (Coleção Centenário, v. 2). p. 22.